

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIHORIZONTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO – MESTRADO

GABRIELA COSTA MACIEL

**MARKETING SOCIAL E MACROSSOCIAL COMO ESTRATÉGIAS DE
PREVENÇÃO E MITIGAÇÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR:
um estudo de caso único em Esmeraldas, Minas Gerais**

Belo Horizonte
2024

GABRIELA COSTA MACIEL

**MARKETING SOCIAL E MACROSSOCIAL COMO ESTRATÉGIAS DE
PREVENÇÃO E MITIGAÇÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR:
um estudo de caso único em Esmeraldas, Minas Gerais**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Acadêmico em Administração do Centro Universitário Unihorizontes, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração

Orientador: Prof. Dr. Bruno Medeiros Ássimos

Área de Concentração: Organização e Estratégia

Linha de Pesquisa: Estratégia, Inovação e Competitividade

Belo Horizonte
2024

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário
Bruno Tamiatt de Almeida CRB6 3082

Maciel, Gabriela Costa.

M152m

Marketing social e macrossocial como estratégias de prevenção e mitigação da violência escolar: um estudo de caso único em Esmeraldas, Minas Gerais. Belo Horizonte: Centro Universitário Unihorizontes, 2024.

148 p.

Orientador: Dr. Bruno Medeiros Ássimos
Dissertação (mestrado). Centro Universitário Unihorizontes.
Programa de Pós-graduação em Administração.

1. Marketing social - Marketing macrossocial - Violência escolar
- Prevenção - Mitigação - Cultura de paz
I. Gabriela Costa Maciel II. Centro Universitário Unihorizontes –
Programa de Pós-graduação em Administração. III. Título.

CDD: 658.37



Instituto Novos Horizontes de Ensino Superior e Pesquisa Ltda.

Centro Universitário Unihorizontes

Mestrado Acadêmico em Administração

**MESTRADO ACADÊMICO EM ADMINISTRAÇÃO
DO CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIHORIZONTES**

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Organização e Estratégia

MESTRANDO(A): Gabriela Costa Maciel

Matrícula: 241488803

LINHA DE PESQUISA: Estratégia, Inovação e Competitividade.

ORIENTADOR (A): Prof. Dr. Bruno Medeiros Ássimos

**TÍTULO: "MARKETING SOCIAL E MACROSSOCIAL COMO ESTRATÉGIAS DE
PREVENÇÃO E MITIGAÇÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO ÚNICO
EM ESMERALDAS, MINAS GERAIS".**

DATA: 28/02/2025

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
gov.br BRUNO MEDEIROS ASSIMOS
Data: 02/03/2025 22:34:25-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Bruno Medeiros Ássimos
Centro Universitário Unihorizontes

Documento assinado digitalmente
gov.br THAIS PINTO DA ROCHA TORRES
Data: 06/03/2025 16:24:02-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Thais Pinto da Rocha Torres
Centro Universitário Unihorizontes

Documento assinado digitalmente
gov.br GUSTAVO TOMAZ DE ALMEIDA
Data: 06/03/2025 18:33:43-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Gustavo Tomaz de Almeida
(UEMG)

**DECLARAÇÃO DE REVISÃO DE PORTUGUÊS
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

Declaro ter procedido à revisão da dissertação de mestrado intitulada
**MARKETING SOCIAL E MACROSSOCIAL COMO ESTRATÉGIAS DE
PREVENÇÃO E MITIGAÇÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR:**
Um Estudo de Caso Único em Esmeraldas, Minas Gerais
apresentada ao curso de Mestrado Acadêmico Centro Unihorizontes, como requisito

parcial para obtenção do título de
MESTRE EM ADMINISTRAÇÃO
de autoria de

GABRIELA COSTA MACIEL

contendo 150 páginas

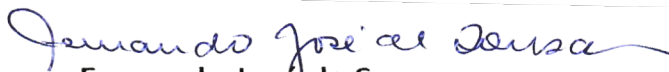
sob orientação do

Prof. Dr. BRUNO MEDEIROS ÁSSIMOS

ITENS DA REVISÃO:

- Correção gramatical
- Inteligibilidade do texto
- Adequação do vocabulário

Belo Horizonte, 05 de fevereiro de 2025


Fernando José de Sousa
REVISOR

Registro: 20710, Livro LR-36 – Decreto nº 5786/2006, Processo 2758814/2014
Licenciado em LETRAS
Centro Universitário de Belo Horizonte
UNI-BH

REVISADO

AGRADECIMENTOS

Com a graça divina que ilumina o intelecto e fortalece o espírito, a inovação emerge, muitas vezes, como resposta à dor e à premente necessidade de transformar realidades adversas. Minha jornada no mestrado em Gestão da Inovação transcendeu a esfera acadêmica, configurando-se como uma busca diligente por instrumentos que atenuem a violência escolar, um flagelo que assola nossas comunidades e silencia o futuro de muitos.

Rendo minhas mais sinceras ações de graças a todos que contribuíram para esta jornada: Ao meu orientador, Professor Bruno Ássimos, pela sabedoria e paciência em me guiar pelos intrincados caminhos da pesquisa, incentivando a inovação em cada etapa com maestria.

Aos ilustres mestres da Unihorizontes, pelas valiosas contribuições que enriqueceram meu desenvolvimento acadêmico. Ao meu prezado amigo Whentony, pelas conversas inspiradoras e momentos de descontração que revigoraram minhas energias.

Aos meus amigos, familiares e companheiro Suetônio, pelo apoio incondicional, pelas palavras de incentivo e por acreditarem em meu potencial, mesmo diante dos desafios que pareciam intransponíveis.

Acima de todos, elevo minha gratidão a Deus, fonte inesgotável de força e inspiração, e à memória de minha amada mãe, Neusa, cuja luz ilumina meus passos e motiva minha jornada.

Este trabalho é dedicado a ela, que sempre acreditou na educação como ferramenta de transformação social. Sua presença vive em cada página, em cada ideia, em cada esperança de um futuro mais justo e pacífico para nossas crianças e jovens.

Que a fé em Deus nos impulse a erradicar a violência escolar, problema complexo que exige soluções inovadoras e o engajamento de toda a sociedade. Que este trabalho seja um catalisador para a mudança, inspirando ações concretas que promovam a cultura de paz e o bem-estar de nossos estudantes, sob a benção do Altíssimo.

RESUMO

Aderência à Linha de Pesquisa: A dissertação se alinha à linha de pesquisa de Inovação e Gestão do Conhecimento, explorando a aplicação inovadora de conceitos de marketing social e macrossocial para solucionar um problema social urgente: a violência escolar.

Objetivo: Analisar as contribuições do marketing social e macrossocial para a prevenção e mitigação da violência escolar em uma escola estadual de Esmeraldas, Minas Gerais.

Teorias: A pesquisa se fundamenta em teorias de marketing social e macrossocial, explorando como essas ferramentas podem ser adaptadas para promover mudanças comportamentais e atitudinais em relação à violência escolar. Aborda também referenciais teóricos sobre violência escolar, suas causas e impactos, conforme demonstrado por autores como Debarbieux (2022), Smith (2020) e Bandura (2021).

Método: Foi utilizada uma abordagem qualitativa, através de um estudo de caso único em uma escola estadual de Esmeraldas, Minas Gerais. A coleta de dados envolveu entrevistas com professores do Ensino Fundamental II. A pesquisa foi realizada entre julho e outubro de 2024.

Resultados: A pesquisa identificou as principais formas de violência, fatores contribuintes e impactos no ambiente educacional da escola estudada. Foram investigadas estratégias e iniciativas de marketing social e macrossocial atualmente implementadas ou potencialmente aplicáveis na escola.

Contribuições Teóricas ou Metodológicas: A dissertação contribui ao demonstrar a aplicabilidade do marketing social e macrossocial em um contexto específico como a violência escolar, oferecendo um *framework* para análise e intervenção.

Contribuições Gerenciais e/ou Sociais: A pesquisa oferece recomendações específicas e estratégias práticas para aprimorar e otimizar as iniciativas de marketing social e macrossocial na escola estadual de Esmeraldas. Ao propor intervenções baseadas em marketing social e macrossocial, a dissertação contribui para a construção de um ambiente escolar mais seguro e pacífico.

Palavras-chave: Marketing Social, Marketing Macrossocial, Violência Escolar, Prevenção, Mitigação, Cultura de Paz.

ABSTRACT

Adherence to the Research Line: The dissertation aligns with the research line of Innovation and Knowledge Management, exploring the innovative application of social and macro-social marketing concepts to solve an urgent social problem: school violence.

Objective: To analyze the contributions of social and macro-social marketing for the prevention and mitigation of school violence in a state school in Esmeraldas, Minas Gerais.

Theories: The research is based on social and macro-social marketing theories, exploring how these tools can be adapted to promote behavioral and attitudinal changes in relation to school violence. It also addresses theoretical references on school violence, its causes and impacts, as demonstrated by authors such as Debarbieux (2022), Smith (2020) and Bandura (2021).

Method: A qualitative approach was used, through a single case study in a state school in Esmeraldas, Minas Gerais. Data collection involved interviews with teachers of Elementary School II. The survey was conducted between July and October 2024.

Results: The research identified the main forms of violence, contributing factors and impacts on the educational environment of the school studied. Social and macro-social marketing strategies and initiatives currently implemented or potentially applicable in the school were investigated.

Theoretical or Methodological Contributions: The dissertation contributes to demonstrate the applicability of social and macro-social marketing in a specific context such as school violence, offering a framework for analysis and intervention.

Managerial and/or Social Contributions: The research offers specific recommendations and practical strategies to improve and optimize the social and macro-social marketing initiatives at the state school of Esmeraldas. By proposing interventions based on social and macro-social marketing, the dissertation contributes to the construction of a safer and more peaceful school environment.

Keywords: Social Marketing, Macro-social Marketing, School Violence, Prevention, Mitigation, Culture of Peace.

RESUMEN

Adherencia a la línea de investigación: La tesis se alinea con la línea de investigación de Innovación y Gestión del Conocimiento, explorando la aplicación innovadora de conceptos de marketing social y macrosocial para resolver un problema social urgente: la violencia escolar.

Objetivo: Analizar las contribuciones del marketing social y macrosocial para la prevención y mitigación de la violencia escolar en una escuela estatal de Esmeraldas, Minas Gerais.

Teorías: La investigación se basa en las teorías de marketing social y macrosocial, explorando cómo estas herramientas pueden ser adaptadas para promover cambios conductuales y de actitud en relación con la violencia escolar. También aborda referenciales teóricos sobre violencia escolar, sus causas e impactos, como lo demuestran autores como Debarbieux (2022), Smith (2020) y Bandura (2021).

Método: Se utilizó un enfoque cualitativo, a través de un estudio de caso único en una escuela estatal de Esmeraldas, Minas Gerais. La recopilación de datos incluyó entrevistas con profesores de Educación Básica II. La investigación se realizó entre julio y octubre de 2024.

Resultados: La investigación identificó las principales formas de violencia, factores contribuyentes e impactos en el entorno educativo de la escuela estudiada. Se investigaron estrategias e iniciativas de marketing social y macrosocial actualmente implementadas o potencialmente aplicables en la escuela.

Contribuciones teóricas o metodológicas: la tesis contribuye a demostrar la aplicabilidad del marketing social y macrosocial en un contexto específico como la violencia escolar, ofreciendo un marco para el análisis y la intervención.

Contribuciones Gerenciales y/o Sociales: La investigación ofrece recomendaciones específicas y estrategias prácticas para mejorar y optimizar las iniciativas de marketing social y macrosocial en la escuela estatal de Esmeraldas. Al proponer intervenciones basadas en el marketing social y macrosocial, la tesis contribuye a la construcción de un entorno escolar más seguro y pacífico.

Palabras clave: Marketing Social, Marketing Macrosocial, Violencia Escolar, Prevención, Mitigación, Cultura de Paz.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Estratégias de marketing para a prevenção da violência escolar	33
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Organograma Metodológico	52
Tabela 2 Tempo de duração das entrevistas	Erro! Indicador não definido.
Tabela 3 Codificação das respostas dos entrevistados relacionadas às perguntas do Objetivo I, apresentando a frequência dos códigos mais frequentes	67
Tabela 4 Codificação das respostas dos entrevistados relacionadas às perguntas do objetivo II, apresentando a frequência dos códigos mais frequentes	102
Tabela 5 Codificação das respostas dos entrevistados referentes às perguntas do objetivo III, com frequência dos códigos mais comuns	117

ABREVIATURAS

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

MEC - Ministério da Educação

MPMG - Ministério Público de Minas Gerais

ONG - Organização Não Governamental

CIPAVE - Centro de Inovação e Pesquisa em Educação

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SEED - Secretaria de Estado de Educação

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUS - Sistema Único de Saúde

SNAVE - Sistema Nacional de Acompanhamento e Combate à Violência nas Escolas

E - Entrevistado (seguido de um número, por exemplo, E01, E02, etc.)

Framework

1. *Introdução*

- *Contexto:*
 - A crescente preocupação com a violência escolar no Brasil, com dados alarmantes sobre agressões e bullying.
 - A violência escolar como um fenômeno complexo que afeta o ambiente educacional e o desenvolvimento dos alunos.
- *Importância do Tema:*
 - Impactos diretos e indiretos da violência na aprendizagem, saúde mental e bem-estar dos alunos.
- *Objetivos:*
 - *Objetivo Geral:* Analisar as contribuições do marketing social e macrossocial para a prevenção e mitigação da violência escolar.
 - *Objetivos Específicos:*
 - Identificar as principais formas de violência e fatores contribuintes em uma escola estadual.
 - Descrever as estratégias de marketing social e macrossocial atualmente implementadas ou potencialmente aplicáveis.
 - Propor recomendações práticas e estratégias para otimizar as iniciativas de marketing social na escola.

2. *Referencial Teórico*

- *Violência Escolar:*
 - *Definição e Tipos:* Exploração de conceitos como bullying, agressões físicas, psicológicas e discriminação.
 - *Causas da Violência:* Análise dos fatores sociais, econômicos e culturais que contribuem para a violência nas escolas, incluindo a influência de contextos familiares.
- *Marketing Social:*
 - *Conceito:* Definição e evolução do marketing social como ferramenta

para promover mudanças comportamentais.

- *Aplicações na Educação*: Exemplos de campanhas e iniciativas bem-sucedidas que abordam a violência escolar.
- *Marketing Macrossocial*:
 - *Abordagem Sistêmica*: Discussão sobre como o marketing macrossocial busca transformar estruturas sociais que perpetuam a violência.
 - *Relação com Políticas Públicas*: Importância de integrar ações de marketing social a políticas públicas para garantir mudanças sustentáveis.

3. Metodologia

- a. *Tipo de Pesquisa*: Qualitativa, com um estudo de caso único em uma escola estadual.
- b. *Unidade de Análise*: Professores da Escola Estadual de Melo Viana em Esmeraldas, Minas Gerais.
- c. *Coleta de Dados*: Entrevistas semiestruturadas com professores, buscando compreender suas percepções sobre a violência escolar e as iniciativas de marketing.
- d. *Análise de Dados*: Utilização da análise de conteúdo para identificar padrões e temas emergentes nas respostas dos entrevistados.

4. Resultados

- *Percepções sobre Violência*:
 - Definições dos professores sobre violência escolar e formas mais comuns observadas.
 - Indicações de que a violência escolar tem aumentado ao longo dos anos, com exemplos de incidentes.
- *Estratégias e Iniciativas*:
 - Descrição de projetos comunitários, campanhas de conscientização e parcerias com ONGs.
 - Análise da eficácia das iniciativas e sua recepção pela comunidade

escolar.

- *Desafios Identificados:*
 - Falta de recursos financeiros, resistência a mudanças e necessidade de formação contínua para professores.

5. Discussão

- *Implicações dos Resultados:*
 - Relação entre a violência escolar e o contexto social mais amplo, incluindo desigualdade e exclusão.
 - A importância de uma abordagem integrada que envolva escola, família e comunidade.
- *Recomendações:*
 - Implementação de políticas públicas que promovam a inclusão e o suporte emocional.
 - Desenvolvimento de habilidades socioemocionais entre alunos e professores.
 - Criação de um ambiente escolar seguro e acolhedor, com espaços para diálogo e mediação de conflitos.

6. Considerações Finais

- *Síntese dos Achados:*
 - Resumo das contribuições do marketing social e macrossocial na mitigação da violência escolar.
- *Contribuições da Pesquisa:*
 - Sugestões práticas para educadores, gestores escolares e formuladores de políticas públicas.
- *Futuras Pesquisas:*
 - Indicação da necessidade de estudos adicionais sobre a eficácia das intervenções e a aplicação de estratégias de marketing social em diferentes contextos.

7. Referências

- a. Listagem completa de autores, estudos e documentos citados ao longo da dissertação, organizados de acordo com as normas acadêmicas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Objetivos	19
<i>1.1.1 Objetivo Geral</i>	<i>19</i>
<i>1.1.2 Objetivos Específicos</i>	<i>19</i>
1.2 Justificativa	19
1.3 Aderência à Linha de Pesquisa	22
2 REFERENCIAL TEÓRICO	24
2.1 A Violência Escolar	24
<i>2.1.2 Tipos de Violência</i>	<i>26</i>
<i>2.1.2.1 Micro violências</i>	<i>27</i>
<i>2.1.2.2 Racismo</i>	<i>27</i>
<i>2.1.2.3 Homofobia</i>	<i>28</i>
<i>2.1.2.4 Discriminação pela Pobreza</i>	<i>28</i>
<i>2.1.2.5 Discriminação pela Estética</i>	<i>28</i>
<i>2.1.3 As causas da violência escolar</i>	<i>29</i>
2.2 Marketing Social: Mudanças Comportamentais e Ações Pontuais	31
<i>2.2.1 Do Medo à Esperança: Marketing Social na Prevenção da Violência Escolar</i>	<i>32</i>
<i>2.2.2 Dimensão Intrapessoal</i>	<i>35</i>
<i>2.2.3 Dimensão Interpessoal</i>	<i>35</i>
<i>2.2.4 Dimensão Organizacional</i>	<i>36</i>
<i>2.2.5 Dimensão Comunitária</i>	<i>36</i>
<i>2.2.6 Dimensão Político-Estrutural</i>	<i>37</i>
<i>2.2.7 Parceria entre Escolas e Empresas na Prevenção da Violência Escolar: Uma Perspectiva Teórica com Base no Marketing Social</i>	<i>38</i>
2.3 Marketing Macrossocial: Transformações Estruturais e Sistêmicas	41
<i>2.3.1 A Violência Escolar no Nível Upstream</i>	<i>44</i>
<i>2.3.2 A Violência Escolar no Nível Midstream</i>	<i>46</i>
<i>2.3.3 A Violência Escolar no Nível Downstream</i>	<i>48</i>
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	52
3.1 Caracterização da Pesquisa	54
3.2 Unidade de análise e sujeitos de pesquisa	55
3.3 Coleta de Dados	57

3.4 Estratégias de Análise de Dados.....	58
4 ANÁLISE DE DADOS.....	61
4.1 Visão dos professores sobre a violência nas escolas em geral.....	64
4.1.1 A violência na escola é grande.....	68
A) Comportamentos Agressivos.....	69
B) Violência Física.....	71
C) Violência Verbal e Psicológica.....	72
D) Danos ao Patrimônio e Vandalismo.....	73
E) Bullying e Discriminação.....	75
F) Falta de Limites e Agressões a Professores.....	77
4.1.2 A Violência Escolar como Problema Preocupante.....	78
4.1.3 Estratégias para Prevenção e Enfrentamento da Violência Escolar.....	79
4.1.4 A violência é vista com indiferença na escola.....	81
4.1.5 A violência começa na família.....	85
4.1.6 A violência é reflexo do social.....	90
4.1.7 A violência causa problemas.....	93
4.1.8 A violência é complicada, de difícil solução.....	99
4.2 Estratégias e Iniciativas Mediadoras.....	103
A) Projetos Comunitários.....	103
B) Campanhas de Conscientização.....	105
C) Parcerias com ONGs.....	106
D) Eventos Escolares.....	107
E) Programas de Inclusão.....	108
F) Percepção sobre Eficácia das Iniciativas.....	111
4.2.1 Desafios Identificados.....	113
A) Garantir Financiamento Adequado para Projetos Comunitários.....	113
B) Investir na Capacitação Contínua dos Professores.....	114
C) Desenvolver Campanhas Educativas Regulares Voltadas à Conscientização.....	114
D) Estabelecer Parcerias Estratégicas com ONGs e Empresas.....	115
E) Engajar Famílias e Comunidades Locais nas Ações Escolares.....	116
4.3 Estratégias de Marketing Social e Macrossocial para Educação.....	118
A) Intervenções Educativas.....	118
B) Programas de Conscientização.....	120
C) Formação e Capacitação Contínua.....	121

<i>D) Percepção dos Alunos sobre as Iniciativas</i>	<i>122</i>
<i>E) Ambiente Inclusivo</i>	<i>123</i>
<i>F) Envolvimento da Comunidade Escolar.....</i>	<i>125</i>
<i>G) Uso da Tecnologia na Resolução de Conflitos</i>	<i>126</i>
<i>H) Feedback e Avaliação das Iniciativas</i>	<i>127</i>
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE).....	145
ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PROFESSORES DA ESCOLA	146
ANEXO C – OBJETIVOS, QUESTÓES DO ROTEIRO E AUTORES	148

1 INTRODUÇÃO

A violência nas escolas é uma questão de grande relevância global, que afeta negativamente o ambiente educacional e comprometendo o bem-estar físico e emocional de alunos, professores e funcionários (Debarbieux, 2022). No Brasil, a situação é particularmente preocupante: de acordo com um estudo conduzido pelo Instituto Sou da Paz (2023), as ocorrências de violência nas escolas aumentaram em 15% entre 2018 a 2023, com episódios que variam desde o *bullying* até agressões físicas graves e incidentes envolvendo armas. Esses dados revelam a gravidade da situação e sublinham a necessidade de intervenções eficazes e multidimensionais para enfrentar o problema. Promover uma cultura de paz nas escolas, através de métodos eficientes de prevenção e resolução de conflitos, tem se mostrado fundamental para diminuir esses casos de violência (Barbieri et al., 2020).

A problemática da violência dentro das instituições de ensino é algo complexo que está ligado a uma série de fatores sociais, econômicos, culturais e psicológicos. As origens desse fenômeno podem incluir desde vivências em ambientes familiares disfuncionais até a influência de comunidades violentas, passando também pela pressão acadêmica e pelas relações de poder entre os estudantes (Smith, 2020). Os impactos dessa violência são profundos, atingindo não só as vítimas diretas, mas também os agressores, os espectadores e toda a comunidade escolar em si. Estudos demonstram que a presença da violência nas escolas está intimamente ligada à uma série de consequências negativas no desempenho escolar dos alunos (Silva, 2023).

Segundo a pesquisa do DataSenado realizada entre 9 e 10 de maio de 2023, quase 7 milhões de estudantes sofreram algum tipo de violência na escola nos últimos doze meses, o que representa 11% dos quase 60 milhões de alunos matriculados no Brasil (DataSenado, 2023). Outra pesquisa, realizada por Olweus (2021), revela que a violência escolar não apenas reduz o rendimento acadêmico, mas também está associada a um aumento significativo nas taxas de evasão escolar, além de provocar níveis elevados de estresse e ansiedade entre os estudantes. Em casos mais extremos, essa violência pode levar ao abandono dos estudos.

Além disso, a perpetuação de um ambiente hostil nas escolas contribui para a formação de indivíduos que podem reproduzir comportamentos violentos em outras esferas de suas vidas. Bandura, (2021) enfatiza que essa dinâmica não apenas reforça a agressividade entre os jovens, mas também perpetua um ciclo de violência e insegurança que se estende para fora do ambiente escolar. Isso é corroborado por outros estudos que associam a vivência de violência intrafamiliar à predisposição para comportamentos agressivos nas interações sociais, como

demonstrado em pesquisa (Mota et al., 2018), que aponta para a relação entre a experiência de violência na infância e a adoção de comportamentos de risco na adolescência e na vida adulta. Essas evidências sugerem que a violência nas escolas não é um fenômeno isolado, mas parte de um contexto mais amplo que inclui fatores familiares e sociais que influenciam o desenvolvimento emocional e comportamental dos indivíduos.

Portanto, a intervenção em ambientes escolares deve considerar essas interconexões para efetivamente abordar e mitigar os impactos da violência. Por conseguinte, é fundamental compreender as origens desse problema e implementar estratégias de intervenção eficazes para transformar as escolas em ambientes de aprendizado seguros e acolhedores (Barbieri, Santos e Avelino, 2021).

No contexto de uma escola pública em Esmeraldas, situada na Região Metropolitana de Belo Horizonte, a necessidade de abordar essa questão torna-se ainda mais urgente, considerando os alarmantes índices de violência observados nas instituições de ensino locais. Estudos realizados pela Fundação João Pinheiro em 2021 revelam que a maioria das escolas em Minas Gerais, incluindo as de Esmeraldas, enfrenta problemas relacionados às agressões físicas e psicológicas, com casos de *bullying* frequentemente reportados, mas muitas vezes não documentados devido ao estigma associado à vitimização.

Além disso, em 2024, o Ministério Público de Minas Gerais (MPMG) apresentou dados sobre ataques de violência extrema em instituições de ensino no estado, em um universo de aproximadamente 16 mil escolas, demonstrando que a violência escolar é uma preocupação crescente em Esmeraldas e em todo o estado. A elevada taxa de violência escolar em Esmeraldas reflete, portanto, uma realidade que exige uma análise aprofundada e a implementação de estratégias inovadoras e eficazes para a prevenção e resolução de conflitos.

A pesquisa de Lima e Ferreira (2023) aponta que a violência escolar em Minas Gerais é um reflexo de problemas sociais mais amplos, como desigualdade econômica e a falta de acesso a serviços de apoio psicológico. Esses episódios de violência não apenas comprometem o bem-estar dos alunos, mas também impactam negativamente o ambiente educacional, criando um clima de medo e desmotivação que permeia a comunidade escolar.

Nesse sentido, o marketing pode ter um papel importante ao criar campanhas e ações que conscientizem e eduquem a comunidade escolar sobre a importância de uma convivência pacífica, além de implementar programas que incentivem o diálogo, a empatia e o respeito mútuo (Andreasen, 2022).

O marketing, frequentemente associado à promoção de produtos e serviços, possui um potencial significativo como ferramenta para a prevenção e resolução de conflitos em ambientes escolares. Através da aplicação dos conceitos do marketing social, é possível desenvolver

campanhas educativas que promovam valores essenciais como paz, respeito e colaboração entre alunos, professores e a comunidade escolar (Fontes, 2023).

Diante da crescente preocupação com a violência nas escolas, torna-se urgente implementar estratégias eficazes que abordem essa questão. Nesse contexto, a pesquisa proposta busca investigar como o marketing social pode ser utilizado de maneira inovadora para enfrentar esses desafios. O objetivo é oferecer soluções práticas e adaptáveis que contribuam para a construção de uma cultura de paz e segurança em uma escola da rede estadual de ensino de Esmeraldas.

Quando aplicado à prevenção e mitigação da violência escolar, o marketing social atua como um *framework* estratégico que permite planejar e avaliar intervenções sociais de maneira eficaz (Sponte, 2023). Silva (2024) enfatiza a importância de identificar claramente o problema central — a violência nas escolas — e estabelecer objetivos específicos que orientem as ações do projeto. Um exemplo notável é o projeto "Escola da Paz", que utiliza campanhas educativas para promover valores como respeito e empatia, engajando não apenas os alunos, mas também os pais e a comunidade local. Essa abordagem visa transformar comportamentos e atitudes, criando um ambiente escolar mais seguro e acolhedor. Além disso, a implementação de programas que desenvolvem habilidades socioemocionais é necessário para fomentar um clima de colaboração e apoio dentro das instituições de ensino (CIPAVE, 2024).

Além disso, a eficácia dessas iniciativas depende da capacidade de conectar as atividades planejadas aos resultados esperados. Conforme enfatiza Senna (2024), essa conexão é necessária para promover mudanças significativas e sustentáveis na cultura escolar. O autor destaca que a criação de uma rede nacional de enfrentamento ao preconceito e à violência nas escolas é fundamental para garantir que as ações implementadas realmente resultem em um ambiente mais seguro e acolhedor para todos os alunos. Portanto, ao integrar o marketing social nas estratégias de prevenção da violência escolar, busca-se não apenas mitigar conflitos, mas também transformar a dinâmica escolar em um espaço mais harmonioso e seguro para todos. Essa abordagem é reforçada pelo projeto "Paz na Escola", que visa promover a cultura de paz e a não-violência, envolvendo alunos, professores e a comunidade em atividades que fomentam o respeito e a empatia (Freitas, 2023). Além disso, a eficácia dessas iniciativas depende da capacidade de conectar as atividades planejadas aos resultados esperados, garantindo que as ações implementadas resultem em mudanças significativas e sustentáveis na cultura escolar (Senna, 2024).

Para que o marketing social e macrossocial sejam aplicados de forma efetiva na prevenção e resolução de conflitos escolares relacionados à violência, é substancial realizar uma pesquisa detalhada para entender a natureza e as causas da violência nas escolas. Essa pesquisa incluirá entrevistas com professores, permitindo a identificação dos principais

problemas e áreas que necessitam de intervenção. A falta de representatividade e a percepção negativa das aulas podem levar os alunos a se envolverem em comportamentos agressivos, resultando em um ambiente escolar hostil e prejudicial ao aprendizado (Sponte, 2024).

Identificar e segmentar o público é fundamental para a criação de mensagens eficazes. No ambiente escolar, os públicos-alvo podem incluir diferentes grupos de estudantes, professores, pais e a comunidade local, cada um com necessidades e percepções distintas em relação à violência e à promoção da paz. Essa abordagem permite que as campanhas sejam mais direcionadas e relevantes, aumentando suas chances de sucesso (Carbonell, 2022).

Sob esse contexto, problemática central que emerge dessa análise é: Como o marketing macrossocial e social podem ser aplicados de maneira efetiva para prevenir e resolver conflitos escolares, contribuindo para a construção de uma cultura de paz em uma escola da rede estadual de ensino de Esmeraldas, caracterizada por altos índices de violência?

No início, realizar-se-á um levantamento e seleção do material bibliográfico, seguido pela leitura dos textos teóricos e elaboração de fichamentos (Sousa et al., 2021). Em seguida, ocorrerá a inclusão e exclusão de materiais, com preferência para aqueles relacionados à temática: Marketing social e macrossocial como estratégias de prevenção e mitigação da violência escolar.

A etapa exploratória permitirá a coleta de dados que até então estavam encobertos no fenômeno estudado. Por isso, optou-se por uma abordagem qualitativa para obter resultados mais precisos. O método descritivo será utilizado para criar informações a partir das já existentes. O estudo será realizado entre julho e outubro de 2024.

Certamente, o tema precisará ser válido ou interessante, e, para isso, a pesquisadora precisará de fato obter os recursos necessários ao acesso às informações então coletadas na Escola da Rede Estadual de Ensino do município de Esmeraldas – MG, localizada na Região Metropolitana de Belo Horizonte, aplicados aos professores, cuja série em evidência será o Ensino Fundamental II.

Diante deste estudo, seguindo o item dos recursos humanos, pontua-se que esta pesquisadora possui formação de Graduação em Letras, com especializações em Língua Portuguesa e Educação Especial; Direito, cujas especializações estão direcionadas para Direito Civil e Processual Civil. Como complemento, o Mestrado em Administração: Gestão da Inovação, que viabilizará ainda mais a melhoria do trabalho, no qual demonstrará estar capacitada para abordar a temática.

A estrutura da investigação é organizada em tópicos principais, iniciando-se com a Introdução, que abrange o objetivo geral, os objetivos específicos e a justificativa do estudo. O

Referencial Teórico discute a Violência Escolar, incluindo definições, causas e impactos no ambiente educacional. O papel do Marketing Social na educação é explorado por meio de seus conceitos, aplicações e desafios na prevenção de conflitos. A análise do contexto da Escola Estadual em Esmeraldas aborda o perfil da escola, os índices de violência e os fatores contribuintes para essa problemática. As Estratégias de Marketing Macrossocial e Social são delineadas, englobando pesquisa para compreensão do contexto, segmentação do público-alvo e desenvolvimento de conteúdo educativo. A Metodologia detalha o tipo de pesquisa, os métodos de coleta e análise de dados, além do cronograma e dos recursos necessários, finalizando com as referências bibliográficas e anexos pertinentes ao estudo.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar as contribuições do marketing social e macrossocial para prevenção e mitigação da violência escolar em uma escola estadual de Esmeraldas, Minas Gerais.

1.1.2 Objetivos Específicos

Para alcançar o objetivo geral do estudo, estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos:

- 1- Analisar o contexto da violência escolar na Escola Estadual de Esmeraldas, identificando as principais formas de violência, fatores contribuintes e impactos no ambiente educacional;
- 2- Descrever as estratégias e iniciativas de marketing social e macrossocial atualmente implementadas ou potencialmente aplicáveis na escola de Esmeraldas;
- 3- Propor recomendações específicas e estratégias práticas para aprimorar e otimizar as iniciativas de marketing social e macrossocial na escola estadual de Esmeraldas.

1.2 Justificativa

A violência escolar é um fenômeno de extrema relevância no contexto social contemporâneo, apresentando ramificações profundas não apenas no ambiente educacional, mas também na sociedade em geral. Em muitas comunidades, a escola é vista como um reflexo

microscópico dos desafios sociais mais amplos, onde a violência pode ser uma manifestação direta de questões como desigualdade econômica, marginalização social e falta de oportunidades (Vinha, 2023).

Portanto, abordar a violência escolar não se limita apenas a criar um ambiente de aprendizagem seguro, mas também a enfrentar questões estruturais que afetam a coesão e o bem-estar social. Diante desse contexto, a presente pesquisa busca explorar o papel do marketing social na prevenção e resolução de conflitos na escola estadual de Esmeraldas, visando não apenas mitigar a violência escolar, mas também contribuir para uma transformação social mais ampla, promovendo valores de paz e respeito na comunidade.

A implementação dessas estratégias em uma escola pública da cidade de Esmeraldas representa um avanço significativo na criação de um ambiente mais seguro e acolhedor, trazendo benefícios não apenas para o desempenho acadêmico, mas também para o desenvolvimento integral dos estudantes (Governo de Minas, 2023). As recentes iniciativas do Governo de Minas Gerais, como o "Fluxo de Medidas para Segurança Escolar", visam fortalecer a proteção nas escolas, promovendo um clima de segurança e bem-estar para todos os envolvidos na comunidade escolar.

No nível acadêmico, a pesquisa sobre a violência escolar e o uso do marketing social nesse contexto representa uma contribuição significativa para a academia. Apesar dos esforços consideráveis realizados para entender e abordar a violência nas escolas, ainda há uma lacuna na literatura acadêmica em relação à aplicação específica de estratégias de marketing social nesse contexto.

A lacuna na literatura sobre violência escolar é formada pela ausência de estudos que abordem a aplicação específica de estratégias de marketing social para prevenir e resolver conflitos nas escolas. Apesar de existirem pesquisas que discutem as causas e consequências da violência escolar, como a desigualdade social, a falta de investimento na educação e a influência da mídia (Simão, 2023), há uma escassez de investigações que explorem como o marketing social pode ser utilizado eficazmente nesse contexto. Além disso, muitos estudos se concentram em aspectos individuais da violência, sem considerar a complexidade multifatorial do fenômeno, que envolve dinâmicas sociais, culturais e estruturais (Vinha, 2023). Essa ausência de uma abordagem integrada limita a capacidade de desenvolver intervenções práticas que possam ser implementadas nas escolas para mitigar a violência.

Recentemente, autores como Almeida (2022) e Costa (2023) destacaram essa lacuna em suas pesquisas. Almeida (2022) enfatiza que, embora haja um crescente reconhecimento da importância de intervenções preventivas nas escolas, poucos estudos investigam especificamente o papel do marketing social como uma estratégia eficaz para abordar a

violência escolar. Da mesma forma, Costa (2023) aponta que as iniciativas existentes frequentemente carecem de uma abordagem holística que considere as múltiplas facetas da violência, sugerindo que o marketing social poderia oferecer um *framework* valioso para integrar diferentes esforços de prevenção.

Além disso, uma revisão sistemática realizada por Oliveira e Santos (2023) revela que a maioria das pesquisas sobre violência escolar ainda se concentra em aspectos quantitativos e em intervenções pontuais, sem explorar como campanhas de marketing social poderiam ser implementadas para promover uma cultura de paz nas escolas. Essa análise reforça a necessidade urgente de mais estudos que abordem a interseção entre marketing social e violência escolar, visando desenvolver intervenções mais eficazes e sustentáveis.

Portanto, é evidente que há uma lacuna significativa na literatura atual sobre como o marketing social pode ser aplicado na prevenção da violência escolar. Essa ausência não apenas limita a compreensão do fenômeno, mas também impede o desenvolvimento de estratégias práticas que poderiam transformar o ambiente escolar em um espaço mais seguro e acolhedor para todos os envolvidos.

Descrever como o marketing social pode ser utilizado de forma efetiva para prevenir e resolver conflitos escolares não apenas aumentará o conhecimento acadêmico sobre o assunto, mas também fornecerá percepções práticas e orientações para profissionais da educação, pesquisadores e formuladores de políticas públicas.

Em relação ao contexto social, a justificativa para esta pesquisa é evidenciada pela urgência e pela importância de enfrentar a violência escolar como um problema social grave. Os impactos negativos da violência nas escolas reverberam além dos muros escolares, afetando a saúde mental, o desenvolvimento pessoal e as perspectivas futuras dos jovens (Simão, 2023). Segundo Barros (2021), a violência escolar gera sérios problemas psicológicos, como depressão e ansiedade, que não apenas afetam o desempenho acadêmico dos alunos, mas também criam uma atmosfera de medo e vulnerabilidade tanto para estudantes quanto para professores. Além disso, a exposição prolongada à violência pode levar ao isolamento social e às dificuldades de aprendizagem, comprometendo significativamente o futuro das vítimas (Barros, 2021).

Além disso, a violência escolar contribui para a reprodução de ciclos de violência e desigualdade social, perpetuando um ambiente de insegurança e exclusão. Portanto, investigar estratégias eficazes para prevenir e resolver conflitos escolares é não apenas uma necessidade educacional, mas também uma responsabilidade social para promover uma sociedade mais justa e harmoniosa.

1.3 Aderência à Linha de Pesquisa

A temática da violência na escola e o papel do marketing social na prevenção e resolução de conflitos está intrinsecamente ligada à linha de pesquisa em Gestão, Inovação, Estratégia e Competitividade. A criação de uma cultura de paz escolar em uma escola da rede estadual de ensino de Esmeraldas é fundamental para a promoção de um ambiente seguro e propício ao aprendizado, o que, por sua vez, contribui para a competitividade e o progresso social.

A gestão eficaz do ambiente escolar, por meio de estratégias inovadoras de marketing social e macrosocial, pode abordar as causas subjacentes da violência escolar, como desigualdades socioeconômicas, falta de suporte emocional e deficiências nos processos educacionais (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2021). A implementação de campanhas de conscientização, programas de mediação de conflitos e atividades que promovam o respeito e a inclusão são exemplos de práticas que podem reduzir a violência e construir uma cultura de paz (Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 2023).

O marketing social na educação desempenha um papel necessário ao criar e divulgar mensagens que incentivam comportamentos positivos entre estudantes, pais e professores. Por meio de estratégias como o uso de mídias sociais para promover valores de respeito e empatia, *workshops* focados na resolução de conflitos e a participação ativa da comunidade escolar, torna-se possível construir um ambiente harmonioso e inclusivo nas instituições de ensino (UNESCO, 2020). Essas ações não apenas fortalecem a convivência escolar, mas também estimulam a formação de cidadãos mais conscientes e preparados para lidar com os desafios sociais.

Complementarmente, o marketing macrosocial tem uma relevância significativa na prevenção da violência escolar, pois utiliza estratégias de comunicação para influenciar normas sociais, moldar comportamentos e orientar políticas públicas. De acordo com Veludo-de-Oliveira et al. (2022), essa abordagem busca transformar comportamentos coletivos por meio de campanhas educativas e da mobilização de diversos atores sociais. Assim, ao sensibilizar a comunidade e fomentar redes colaborativas entre escolas, famílias e gestores públicos, o marketing macrosocial promove mudanças duradouras e contribui para a construção de um ambiente escolar mais seguro e acolhedor.

Com base nisso, pesquisas nessa área buscam identificar e implementar estratégias de gestão e marketing social que enfrentem os desafios relacionados à violência escolar. Tais iniciativas promovem não apenas a segurança e o bem-estar dos alunos, mas também a formação de um capital humano mais qualificado e competitivo, substancial para o progresso social e econômico (CENPEC, 2024). A combinação dessas estratégias fortalece o papel da educação como um alicerce para o desenvolvimento sustentável e para a construção de sociedades mais justas. O recente Sistema Nacional de Acompanhamento e Combate à Violência nas Escolas (SNAVE) é um exemplo de como políticas públicas podem ser integradas com ações educativas para criar um ambiente escolar mais seguro e acolhedor (Governo de Minas, 2024).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, apresenta-se o embasamento teórico da pesquisa, que inclui os fundamentos, conceitos, objetivos e aplicações do marketing macrosocial e social, bem como a abordagem do tema violência escolar.

2.1 A Violência Escolar

A violência nas escolas é um fenômeno complexo e multifacetado que afeta não apenas a integridade física e emocional dos alunos, mas também o ambiente educacional como um todo. Esse tipo de violência pode se manifestar de diversas formas, como agressões físicas, bullying, assédio moral e exclusão social, comprometendo a qualidade do ensino e o desenvolvimento saudável das crianças e adolescentes (Vinha et al., 2023). A violência escolar é influenciada por uma série de fatores internos e externos, incluindo desigualdades sociais, econômicas e culturais que permeiam as relações humanas e impactam diretamente a convivência no ambiente escolar (Melo & Campos, 2019).

Dados recentes indicam um aumento alarmante nos casos de violência nas escolas brasileiras. Entre janeiro e setembro de 2023, foram registradas 9.530 denúncias de violência escolar, representando um aumento de aproximadamente 50% em relação ao ano anterior (Agência Brasil, 2023). Além disso, uma pesquisa realizada pelo Instituto DataSenado revelou que 90% dos brasileiros temem que seus filhos sofram algum tipo de violência no ambiente escolar (Agência Senado, 2023). O relatório "Ataques de violência extrema em escolas no Brasil – causas e caminhos", coordenado pela professora Telma Vinha da Unicamp, documenta uma explosão de casos de violência extrema nas escolas, com 36 ataques registrados entre 2002 e 2023, resultando em 49 mortes e 115 feridos (Vinha et al., 2023). Esses dados evidenciam a urgência em abordar a questão da violência nas escolas, considerando as implicações sociais que ela acarreta.

Esses números ressaltam a necessidade de uma abordagem integrada que envolva educação em valores, fortalecimento da rede de apoio psicossocial e ações preventivas para garantir um ambiente escolar seguro e acolhedor. A combinação dessas estratégias é substancial para promover mudanças significativas na cultura escolar e contribuir para o desenvolvimento sustentável das comunidades (UNICEF, 2021-2023).

A violência no ambiente escolar compromete o bem-estar dos alunos e interfere na aprendizagem. As escolas, como locais de socialização e formação, muitas vezes refletem

tensões sociais, tornando-se espaços onde a violência se manifesta de forma explícita ou implícita (UNICEF, 2023). Esse cenário é preocupante, pois os efeitos da violência não se limitam aos diretamente envolvidos, mas impactam toda a comunidade escolar, prejudicando a dinâmica educacional e a harmonia entre alunos, professores e funcionários (Barbieri et al., 2020).

A violência nas escolas não se limita a um problema de segurança; ela representa um obstáculo significativo para o desenvolvimento emocional, social e intelectual dos alunos. Para entender a violência escolar, é substancial reconhecer que ela reflete desigualdades sociais e culturais mais amplas. Fatores como pobreza, exclusão social e falta de acesso a direitos fundamentais alimentam essa violência no ambiente escolar. Além disso, discriminação e preconceito na sociedade espelham-se nas atitudes de alunos, que podem adotar comportamentos agressivos como forma de expressar frustração diante dessas questões (Melo & Campos, 2019).

Entre as formas mais comuns de violência escolar estão o *bullying*, as agressões físicas, o assédio moral e a exclusão social. Cada uma dessas formas de violência possui consequências devastadoras sobre o desenvolvimento dos alunos, afetando diretamente a autoestima, o bem-estar emocional e a capacidade de aprender. O *bullying*, por exemplo, tem impactos profundos na saúde mental dos alunos, podendo resultar em distúrbios emocionais como depressão, ansiedade e transtornos de estresse pós-traumático (Barbieri et al., 2020). As agressões físicas e o assédio moral também comprometem o desenvolvimento social e afetivo dos envolvidos, criando um ambiente hostil e pouco acolhedor, que dificulta a convivência harmoniosa e o aprendizado (Couto & Monteiro, 2021).

A violência escolar cria, assim, um ciclo vicioso no qual a agressão gera mais agressão, tornando-se cada vez mais difícil a resolução dos conflitos. A falta de estratégias adequadas para lidar com essas situações contribui para a perpetuação da violência, transformando a escola em um espaço de medo e insegurança. O impacto da violência escolar vai além dos alunos diretamente envolvidos, afetando a comunidade escolar de maneira geral e dificultando a construção de uma atmosfera de aprendizado produtivo e respeitoso (Assis et al., 2023).

Por isso, é substancial que as escolas desenvolvam estratégias eficazes para enfrentar a violência, não apenas de forma reativa, mas também preventiva. A promoção de ambientes mais seguros e inclusivos depende de uma ação contínua e de esforços conjuntos entre escola, comunidade e família. A mediação de conflitos, o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e a implementação de políticas escolares inclusivas são algumas das

ferramentas que podem ser utilizadas para transformar o ambiente escolar em um espaço mais acolhedor e respeitoso (Couto & Monteiro, 2021).

Ao compreender que a violência escolar é um reflexo das desigualdades sociais e culturais, pode-se adotar uma abordagem mais eficaz para erradicar esse problema. A escola deve atuar como um espaço de transformação social, buscando resolver conflitos por meio do diálogo, promovendo a inclusão de todos os alunos e prevenindo a violência antes que ela se manifeste (Cury, 2023). No entanto, para que isso seja possível, é necessário um compromisso coletivo, envolvendo professores, alunos, pais e gestores na construção de uma cultura de paz escolar. A Política Nacional de Promoção da Cultura de Paz nas Escolas, sancionada em 2024, enfatiza a importância da colaboração entre todos os membros da comunidade escolar para a implementação de estratégias eficazes que promovam um ambiente seguro e acolhedor (Agência Senado, 2024).

Portanto, a violência escolar não é apenas um problema de segurança, mas um reflexo de questões sociais mais amplas. A educação desempenha um papel fundamental na prevenção da violência, não apenas transmitindo conhecimentos, mas também formando cidadãos conscientes, críticos e empáticos (Altenfelder, 2023). Ao adotar práticas pedagógicas que incentivem o respeito, a solidariedade e a cooperação, as escolas podem transformar o ambiente de aprendizagem, criando espaços mais seguros e harmoniosos para todos os envolvidos. Em última análise, a escola deve ser vista como um agente ativo na transformação social, trabalhando para combater a violência e promover a inclusão e a paz entre os alunos (Silva et al., 2024).

2.1.2 Tipos de Violência

A violência escolar pode se manifestar de diversas maneiras e por várias causas. Segundo Schneider et al. (2024) isso significa que a violência nas escolas não se limita apenas ao *bullying* ou à agressão física. Como a escola é um ambiente de interação social, é natural que ocorram desentendimentos e conflitos. Contudo, é importante que todos compreendam se tais situações representam de fato violência escolar, ou se são apenas episódios isolados. Miriam Abramovay (2015) aponta que, ao conviver durante muitas horas diárias e realizar atividades que nem sempre são agradáveis para todos os envolvidos, algumas relações podem se tornar complicadas.

É substancial reconhecer que a escola não deve ser vista apenas como um espaço de aprendizado acadêmico; ela também deve ser um local seguro onde valores éticos e morais sejam cultivados. A educação vai além do ensino de conteúdos curriculares; envolve a formação de cidadãos conscientes, respeitosos e solidários. Essa colaboração é fundamental para criar uma cultura escolar que valorize a diversidade, promova a inclusão e combata todas as formas de violência (Ricci, 2023). A violência nas escolas pode se manifestar de diversas maneiras, sendo importante compreender suas diferentes formas para implementar estratégias eficazes de prevenção e intervenção (Sponte, 2023).

Portanto, durante o tempo que os alunos permanecem na escola, é normal que surjam desentendimentos. Contudo, cabe aos responsáveis pela instituição avaliar se há uma manifestação clara de violência, ou se se trata apenas de um incidente isolado. Dessa forma, é substancial que professores e auxiliares de educação estejam atentos às diferentes formas de violência escolar para poder analisar as interações entre os estudantes. A seguir, serão discutidas algumas formas de violência que podem ser observadas na sociedade e, conseqüentemente, no ambiente escolar.

2.1.2.1 Micro violências

Este tipo de violência, muitas vezes, passa despercebido, especialmente quando se trata de crianças ou jovens. Abramovay (2015) define as micro violências como atos de ofensa, desrespeito e discussões, muitas vezes provocadas pela incapacidade de se expressar de forma não agressiva. Embora a escola nem sempre consiga detectar esses pequenos atos de violência, é importante reconhecê-los como potenciais fontes de conflitos mais graves. As micro violências devem ser monitoradas para evitar que evoluam para comportamentos mais agressivos, com os educadores e auxiliares prontos para intervir, prevenindo a escalada de tais situações.

2.1.2.2 Racismo

O racismo é uma forma de violência ainda presente em muitos contextos, tanto na sociedade quanto nas escolas. Para Abramovay (2015), a discriminação racial resulta de uma sociedade que classifica as pessoas com base em sua cor ou outras características físicas, atribuindo-lhes uma posição de inferioridade. Se uma escola reflete uma comunidade racista, é

mais provável que haja violência entre alunos de diferentes etnias. Por outro lado, se o ambiente escolar promove a multiculturalidade e ensina os alunos, desde pequenos, a respeitar as diferenças, é mais fácil evitar agressões relacionadas ao racismo. A educação para o respeito e a igualdade de direitos pode prevenir esses tipos de violência.

2.1.2.3 Homofobia

Atualmente, a homofobia é um tema amplamente discutido. Muitas concepções antigas rejeitavam a ideia de que pessoas do mesmo sexo poderiam formar um casal ou viver juntas. Segundo Abramovay (2015), a homofobia se manifesta como um tratamento discriminatório contra jovens considerados homossexuais, legitimado por normas morais que associam tais orientações sexuais a uma perda de masculinidade. Em escolas, as palavras "gay" e "homossexual" são frequentemente usadas de forma pejorativa, o que perpetua a violência contra aqueles que não se conformam aos padrões heteronormativos. A falta de informação sobre sexualidade e a conotação negativa atribuída a essas identidades contribuem para essa violência. Muitas vezes, um estudante que "aparenta" ser homossexual é alvo de humilhações, resultando em graves consequências, como traumas psicológicos e dificuldades acadêmicas.

2.1.2.4 Discriminação pela Pobreza

A pobreza é outro fator que contribui para a violência escolar. Alunos que vivem em condições de vulnerabilidade social frequentemente enfrentam desigualdade de oportunidades, tanto no ambiente escolar quanto na sociedade em geral. Abramovay (2015) observa que a discriminação contra pessoas em situação de pobreza compromete a criação de um sistema educacional justo e igualitário. Alunos que não têm uma vida estável e sofrem com a pobreza podem ser excluídos e enfrentar dificuldades para alcançar os mesmos objetivos que outros estudantes. A discriminação relacionada à pobreza pode gerar violência tanto entre os próprios alunos quanto entre alunos e professores, o que reforça a necessidade de um ambiente escolar inclusivo e solidário.

2.1.2.5 Discriminação pela Estética

O preconceito contra corpos que fogem do padrão estético "ideal" é uma forma de violência que também ocorre nas escolas. Desde a infância, crianças e jovens são influenciados pela noção de "corpo perfeito", quando, na verdade, o foco deveria ser a aceitação da diversidade física. O bullying, uma forma de violência no ambiente escolar, pode surgir de preconceitos estéticos e resultar em agressões verbais e, em casos extremos, físicas. Alunos que não sabem como lidar com essas humilhações podem tentar alterar seus corpos de maneira prejudicial para se adequar aos padrões impostos. A escola deve ensinar o valor do amor-próprio e o respeito pelas diferenças físicas, promovendo um ambiente de aceitação e empatia (Jimenez, 2024)

2.1.3 As causas da violência escolar

Estudar a violência no cenário educacional não tem sido uma tarefa fácil de ser concluída por se tratar de um campo complexo. Segundo Sposito (2012), para analisar as causas e relações que dão origem aos comportamentos violentos nas escolas, é preciso não só reconhecer as particularidades dos fatos, mas também entender os processos mais gerais que produzem esse fenômeno como componente da vida social e da instituição educacional. As causas da violência escolar frequentemente envolvem diversos fatores que influenciam o comportamento dos estudantes. De acordo com a pesquisa da UNINTER (2024), a falta de investimento na educação, a desigualdade social e a ausência de valores éticos são algumas das principais causas que contribuem para a violência nas escolas. Além disso, TutorMundi (2024) destaca que o bullying e o cyberbullying têm se tornado cada vez mais comuns, resultando em agressões verbais e físicas que afetam a autoestima dos alunos. Portanto, é fundamental adotar uma abordagem abrangente para abordar e prevenir a violência escolar.

Primeiramente, é importante considerar o contexto social da escola, já que, conforme apontado por Silva e Souza (2024), escolas situadas em áreas sociais desfavorecidas tendem a ser mais expostas à violência e à sensação de insegurança. No entanto, é um erro afirmar que a violência escolar é exclusivamente resultado do ambiente socioeconômico, já que muitos fatores adicionais podem contribuir para esse fenômeno.

Além disso, é fundamental compreender que a própria estrutura da escola pode ser uma fonte de violência. Como destaca Linhares e Gonçalves (2024), a imposição de padrões rígidos e o foco em um modelo de "bom aluno" podem criar um ambiente no qual os estudantes que não se adequam a esses parâmetros sejam rotulados como "problemáticos", gerando conflitos.

Os autores explicam que a educação, ao valorizar a excelência e a conformidade, pode fomentar uma competição entre os alunos, o que, por sua vez, aumenta a probabilidade de comportamentos agressivos. A imposição de normas que não consideram as individualidades dos estudantes pode resultar em atitudes de resistência e, conseqüentemente, em violência.

Outro aspecto relevante mencionado por Silva e Souza (2023) é a falta de diálogo entre alunos e adultos. Quando os jovens não têm espaço para expressar suas emoções e sentimentos, eles podem se sentir desvalorizados, o que muitas vezes se reflete em comportamentos violentos. A comunicação insuficiente com professores ou responsáveis contribui para o agravamento dos conflitos e para a intensificação da violência escolar. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Educacional (IPE, 2023), estudos indicam que, em média, um aluno recebe apenas 15 minutos de atenção dos professores por dia, o que pode levar a um sentimento de negligência e desmotivação, impulsionando atitudes agressivas.

Além disso, a transição de um modelo de ensino autoritário para um mais permissivo tem gerado, conforme Lima e Ferreira (2023), conseqüências significativas no comportamento dos alunos. Anteriormente, a rigidez das regras escolares impunha respeito através do medo; enquanto no cenário atual, a maior liberdade na troca de ideias com os professores pode gerar uma falta de equilíbrio na autoridade, resultando em indisciplina e violência. A ausência de uma autoridade bem definida pode contribuir para a desordem, como afirmam Santos e Almeida (2023), que observam que a autoridade eficaz exige a habilidade de conciliar as vontades dos alunos com as necessidades de disciplina.

No contexto brasileiro, a pesquisa do Observatório da Educação (2023) revela que cerca de 30% dos jovens com problemas de agressões e transgressões nas escolas estão envolvidos em comportamentos violentos. Contudo, como Kikkawa (2023) observa, a violência extrema é menos comum; ainda assim, os comportamentos agressivos são frequentes. A adaptação dos alunos à escola está fortemente relacionada ao apoio que recebem tanto de seus familiares quanto dos educadores, como destaca Antunes (2023). Alunos que recebem suporte emocional e educacional tendem a apresentar menos comportamentos violentos, mostrando a importância de uma rede de apoio constante.

Então, se os alunos são os principais causadores, ainda que não os únicos, da violência escolar, eles também são as principais vítimas desse comportamento agressivo (Charlot, 2022). Além disso, é importante lembrar que, por se tratar de uma região considerada vasta por muitos pesquisadores, é fundamental entender os fatores que potencializam os eventos violentos nessa área.

Comportamentos considerados violentos por alguns podem não ser vistos da mesma forma por outros devido às diferenças culturais. Segundo Debarbieux (2002), a violência deve ser compreendida de uma forma ampla e cautelosa. Existem dois riscos principais: um é epistemológico, onde a ampliação excessiva do problema pode torná-lo insolúvel; o outro é político, onde transformar padrões de comportamento em crimes ao classificá-los como violentos representa um grande perigo.

Por fim, ao analisar as diversas causas da violência escolar, é evidente que fatores como a falta de diálogo, o contexto social da escola e a falta de apoio familiar desempenham um papel necessário. Esses elementos, em conjunto, influenciam diretamente as atitudes dos estudantes. A interação entre professores, familiares e auxiliares da educação é fundamental para moldar o comportamento dos alunos, uma vez que esses adultos servem como modelos de atitudes e valores. Quando a violência ou indisciplina são observadas e punidas de maneira inadequada, os estudantes podem aprender a reproduzir tais comportamentos, perpetuando o ciclo de violência. De acordo com Lima e Ferreira (2024), a falta de comunicação efetiva entre alunos e educadores pode intensificar os conflitos e criar um ambiente propício à agressão.

2.2 Marketing Social: Mudanças Comportamentais e Ações Pontuais

O marketing social é uma abordagem estratégica que utiliza os princípios e as técnicas do marketing para promover mudanças comportamentais e atitudes em comunidades, visando o bem-estar coletivo e o enfrentamento de problemas sociais complexos (Andreasen, 2023). Essa disciplina vai além das transações comerciais tradicionais, pois foca em criar e promover soluções para questões sociais e de saúde, com o objetivo de transformar comportamentos que possam gerar benefícios sociais de longo prazo (Lefebvre, 2013).

O conceito de marketing social surgiu na década de 1970, quando Gerald Zaltman e Alan Andreasen ampliaram o escopo do marketing tradicional, até então restrito ao campo comercial, para incluir também as causas sociais. Segundo Andreasen (2006), o marketing social é "o uso de princípios e técnicas de marketing para influenciar um público-alvo a aceitar, rejeitar, modificar ou abandonar um comportamento voluntariamente, em benefício de indivíduos, grupos ou da sociedade como um todo". Dessa forma, essa definição amplia o escopo do marketing social para abranger não apenas a promoção de produtos e serviços, mas também de ideias e comportamentos que possam gerar impacto social positivo (French & Gordon, 2019).

O marketing social tem sido aplicado de maneira eficaz em diversos campos, como saúde pública, educação, sustentabilidade ambiental e direitos humanos. No contexto da saúde, por exemplo, campanhas de marketing social têm sido fundamentais na luta contra o tabagismo, a obesidade, a violência doméstica e a promoção da vacinação. Já na educação, estratégias de marketing social têm sido utilizadas para promover a inclusão educacional, reduzir a evasão escolar e combater a violência escolar (Lefebvre, 2013). Em todos esses contextos, o marketing social busca não apenas promover mudanças individuais, mas também contribuir para transformações estruturais mais amplas. Isso inclui o fortalecimento de políticas públicas, o engajamento da comunidade e a criação de ambientes mais saudáveis e seguros para todos (French, Gordon & Cheng, 2015).

Ao aplicar os princípios do marketing social, é possível influenciar e modificar atitudes e comportamentos de forma estratégica. Para isso, são utilizadas ferramentas de segmentação de público-alvo, criação de mensagens persuasivas e o uso de canais de comunicação eficientes, como mídias sociais, para alcançar diferentes grupos dentro da sociedade. Um dos principais diferenciais do marketing social é a sua capacidade de adaptar as estratégias de comunicação para atender às necessidades específicas de cada público, tornando as campanhas mais eficazes e impactantes (Lefebvre, 2021). Além disso, as intervenções de marketing social não se limitam apenas à promoção de comportamentos; elas também buscam gerar uma mudança de mentalidade coletiva. Dessa maneira, criam-se condições favoráveis para que as atitudes positivas se espalhem entre os membros da comunidade (French & Gordon, 2019).

2.2.1 Do Medo à Esperança: Marketing Social na Prevenção da Violência Escolar

O marketing social é uma abordagem estratégica que visa promover mudanças de comportamento e atitudes em comunidades, especialmente no contexto da violência escolar. Essa disciplina aplica princípios de marketing para influenciar comportamentos que beneficiam a sociedade, focando na prevenção e mitigação de problemas sociais complexos, como a violência nas escolas. A literatura acadêmica indica que a violência escolar se manifesta em dimensões psicológicas e emocionais que podem ter impactos duradouros na saúde mental dos alunos (Figueiredo et al., 2022). Portanto, as intervenções de marketing social devem ser projetadas para abordar esses múltiplos aspectos da violência, reconhecendo a necessidade de uma abordagem holística.

Um dos principais campos de aplicação do marketing social é a violência escolar, um

fenômeno multifacetado que não se restringe apenas às agressões físicas, mas também envolve formas mais sutis, como o bullying e o cyberbullying. Esses tipos de violência podem ter consequências psicológicas e emocionais duradouras, afetando a saúde mental e o bem-estar dos alunos. Por isso, exigem uma abordagem holística para a sua prevenção e resolução (Figueiredo et al., 2022).

O marketing social permite que as escolas, comunidades e organizações sociais desenvolvam estratégias de prevenção eficazes que não só envolvem os alunos, mas também seus familiares, educadores e a comunidade em geral. A violência escolar não é um problema isolado; ela envolve um conjunto de fatores que vão desde o comportamento individual dos alunos até as normas e políticas institucionais presentes nas escolas. O marketing social pode criar uma resposta coordenada que inclua desde a promoção de competências socioemocionais — como empatia e resolução pacífica de conflitos — até a implementação de políticas públicas que apoiem práticas escolares mais inclusivas e respeitadas (Andreasen, 2012).

A adaptação do marketing social ao contexto escolar pode resultar em soluções duradouras para a violência escolar. O impacto potencial do marketing social na escola é significativo; ele envolve a criação de campanhas educativas, programas de sensibilização e capacitação dos alunos, professores e famílias. Além disso, inclui a implementação de políticas públicas que sustentem essas mudanças Andreasen (2012). Por meio dessas ações, o marketing social tem o poder de transformar a realidade escolar, promovendo uma cultura de paz e respeito mútuo que perdure além dos limites da escola.

Assim sendo, o marketing social se configura como uma abordagem estratégica para promover mudanças significativas em comunidades — especialmente no contexto da violência escolar. Ao focar na transformação das atitudes dentro da comunidade escolar e ao integrar diferentes dimensões de influência, ele oferece uma solução eficaz para os desafios enfrentados pelas escolas no combate à violência e na construção de um ambiente educacional mais justo (Andreasen & Bennett & Rundle-Thiele 2005).

A implementação dessas estratégias voltadas para a prevenção da violência escolar é um aspecto fundamental dessa abordagem. Embora a expressão "marketing" possa parecer deslocada no contexto educacional, ela se refere à promoção contínua da paz por meio de campanhas bem estruturadas (Sasso et al., 2024). Essas campanhas têm potencial para sensibilizar toda a comunidade escolar: alunos, professores, pais e funcionários — todos envolvidos na construção de um ambiente mais seguro. O compromisso com a promoção da paz escolar exige uma abordagem holística e integrada, que considera a interconexão entre

diferentes dimensões da vida escolar e social. Essa perspectiva busca não apenas a pacificação, mas também o fortalecimento de valores como respeito, diálogo e inclusão, fundamentais para a construção de um ambiente educacional harmonioso (Maia & Araujo, 2015).

Figura 1

Estratégias de marketing social para a prevenção da violência escolar

Campanhas de conscientização:	Utilização de mídias sociais, vídeos informativos, palestras e <i>workshops</i> para sensibilizar alunos, professores e pais sobre os impactos da violência escolar e a importância da paz.
Criação de materiais educativos:	Desenvolvimento de cartilhas, guias e materiais didáticos que abordem a resolução pacífica de conflitos e promovam valores como respeito, empatia e solidariedade.
Programas de intervenção precoce:	Implementação de programas que identifiquem e intervenham em casos de comportamento agressivo ou <i>bullying</i> desde os primeiros sinais, evitando a escalada para situações mais graves.
Envolvimento da comunidade:	Envolvimento da comunidade: Fomentar a participação ativa da comunidade escolar e local em iniciativas que promovam a segurança e a convivência pacífica, criando uma rede de apoio que fortaleça os esforços de prevenção.
Treinamento de professores:	Capacitação contínua de educadores e demais membros da escola em técnicas de mediação de conflitos e gestão de sala de aula, preparando-os para lidar de forma eficaz com situações de violência.

Fonte: Godoy, 2023.

O modelo clássico das 5 dimensões do comportamento social (Meedya et al., 2007; Tewell, 2012) é fundamental nesse sentido. Ele considera as influências intrapessoais, interpessoais, organizacionais, comunitárias e político-estruturais. Essas dimensões operam em conjunto para garantir que as intervenções não sejam apenas eficazes, mas também sustentáveis e integradas ao cotidiano dos indivíduos. Cada uma dessas dimensões tem um papel importante na construção de uma cultura escolar que favoreça o respeito, a inclusão e a convivência pacífica. Um modelo eficaz de marketing social deve considerar cinco dimensões de influência sobre o comportamento: intrapessoal, interpessoal, organizacional, comunitária e político-estrutural (Rock Content, 2024; Rubeus, 2024). Essas dimensões operam em conjunto para garantir que as intervenções não sejam apenas eficazes, mas também

sustentáveis e integradas ao cotidiano dos indivíduos.

O marketing social, ao abordar essas múltiplas dimensões, permite que as instituições de ensino desenvolvam estratégias que promovam mudanças significativas na cultura escolar. Isso inclui a promoção de competências socioemocionais, como empatia e resolução pacífica de conflitos, além da implementação de políticas públicas que apoiem práticas escolares mais inclusivas e respeitosas (Andreasen, 2012). Assim, ao focar na transformação das atitudes dentro da comunidade escolar e ao integrar diferentes dimensões de influência, o marketing social oferece uma solução eficaz para os desafios enfrentados pelas escolas no combate à violência e na construção de um ambiente educacional mais justo (Maia & Araujo, 2015).

2.2.2 Dimensão Intrapessoal

A dimensão intrapessoal se refere às características internas do indivíduo que moldam suas atitudes, crenças e comportamentos. No caso da violência escolar, essa dimensão envolve os sentimentos de frustração, agressividade, insegurança ou baixa autoestima que podem levar os estudantes a adotar comportamentos violentos (Meedya et al., 2007). A forma como um estudante percebe o *bullying* ou a violência escolar pode estar diretamente ligada à suas experiências pessoais, à sua percepção sobre a escola e à forma como ele entende suas próprias emoções e ações. Por exemplo, um estudante com dificuldades emocionais pode reagir com violência diante de situações de estresse, enquanto outro pode optar pela resolução pacífica dos conflitos. O marketing social, ao atuar nessa dimensão, busca modificar atitudes e crenças, trabalhando em aspectos como controle emocional, empatia e autocontrole. Ele também pode promover a educação emocional, capacitando os estudantes a reconhecer e lidar com seus sentimentos, incentivando uma postura de respeito mútuo e cooperação dentro da escola (Tewell, 2012).

2.2.3 Dimensão Interpessoal

A dimensão interpessoal envolve as relações sociais que os indivíduos mantêm com outros ao seu redor. No contexto escolar, isso abrange as interações entre alunos, professores, familiares e outros membros da comunidade escolar (Meedya et al., 2007). A violência escolar frequentemente é influenciada por dinâmicas de grupo, como o *bullying*, a exclusão social e a agressão entre pares. O comportamento de um aluno pode ser profundamente influenciado pelo grupo social ao qual ele pertence, pelas normas estabelecidas nesse grupo e pela forma como

as pessoas próximas a ele reagem a certos comportamentos. Por exemplo, se um aluno faz parte de um grupo que valida comportamentos agressivos como forma de obter poder ou *status*, ele pode reproduzir essas atitudes. O marketing social, ao atuar nessa dimensão, visa promover normas sociais positivas, incentivando comportamentos prosociais como a amizade, o respeito e a solidariedade. Ele pode desencorajar práticas violentas ao tornar explícito o impacto negativo da agressão e ao valorizar atitudes de acolhimento e diálogo entre os estudantes (Tewell, 2012).

2.2.4 Dimensão Organizacional

A dimensão organizacional diz respeito às estruturas e normas dentro das instituições, como as escolas. A violência escolar pode ser diretamente influenciada pelas políticas escolares, pela falta de uma cultura de respeito, e pela ausência de protocolos claros para lidar com incidentes de agressão (Meedya et al., 2007). Políticas de tolerância zero ou abordagens educativas que não priorizam a gestão de conflitos e a mediação podem contribuir para o aumento da violência. Da mesma forma, a falta de um ambiente de acolhimento e inclusão pode gerar uma cultura de exclusão e agressão. O marketing social, nesse contexto, pode ser aplicado para reforçar a implementação de políticas de não violência, para criar programas de mediação escolar e para promover ações educativas que busquem reduzir as tensões entre os alunos. Isso inclui o desenvolvimento de práticas organizacionais que garantam uma escola segura, em que a violência seja desencorajada e as atitudes de cooperação e diálogo sejam incentivadas (Tewell, 2012).

2.2.5 Dimensão Comunitária

A dimensão comunitária envolve o contexto mais amplo em que a escola está inserida, como a comunidade local, o entorno familiar e a rede de apoio social (Meedya et al., 2007). A violência escolar muitas vezes está ligada a fatores sociais e econômicos externos, como a violência nas comunidades, a falta de apoio familiar ou a escassez de recursos para programas de prevenção. Alunos que convivem com situações de violência doméstica, por exemplo, podem internalizar comportamentos agressivos e trazê-los para o ambiente escolar. O marketing social atua nessa dimensão estimulando o envolvimento da comunidade nas questões escolares, promovendo parcerias com organizações sociais, famílias e instituições locais para desenvolver programas e atividades que abordem a violência escolar e promovam a resolução

pacífica de conflitos. Ao engajar todos os membros da comunidade, o marketing social pode fortalecer uma rede de proteção e apoio, criando um ambiente mais seguro tanto dentro quanto fora da escola (Tewell, 2012). Além disso, ele pode ajudar a construir uma cultura de paz e solidariedade na comunidade, com ações conjuntas entre escolas, famílias e vizinhança.

2.2.6 Dimensão Político-Estrutural

A dimensão político-estrutural diz respeito às influências de leis, políticas públicas e diretrizes governamentais que moldam as condições em que as escolas funcionam (Meedya et al., 2007). A violência escolar é frequentemente exacerbada pela falta de legislação eficaz ou pela deficiência de políticas públicas que abordem adequadamente o tema. Em muitos contextos, a ausência de programas de educação emocional, a escassez de recursos para intervenções psicossociais e a falta de estratégias claras para a prevenção da violência contribuem para o agravamento do problema. O marketing social nesse nível trabalha para influenciar as políticas públicas, mobilizando legisladores, órgãos governamentais e organizações educacionais a implementar práticas que apoiem a redução da violência escolar. Isso inclui a promoção de leis e diretrizes que criem programas de prevenção e ofereçam suporte psicológico e educacional adequado. Além disso, é substancial que as estruturas políticas e sociais forneçam os recursos necessários para implementar essas políticas, garantindo que as ações de marketing social sejam sustentáveis e que a prevenção da violência escolar seja uma prioridade (Tewell, 2012).

Essas cinco dimensões operam em conjunto, e o marketing social, ao ser aplicado de forma estratégica, considera todos esses fatores de influência para garantir que as intervenções sejam não apenas eficazes, mas também sustentáveis e integradas ao cotidiano dos indivíduos (Meedya et al., 2007; Tewell, 2012). Cada uma dessas dimensões tem um papel importante na construção de uma cultura escolar que favoreça o respeito, a inclusão e a convivência pacífica. Ao atuar de forma coordenada em múltiplos níveis, o marketing social tem o poder de transformar a realidade escolar, não apenas pela mudança individual, mas também pela criação de um ambiente mais harmonioso, justo e seguro, onde todos os membros da comunidade escolar possam se sentir valorizados e respeitados (Meedya et al., 2007; Tewell, 2012).

A intervenção comunitária é um pilar fundamental do marketing social. Essa abordagem pode facilitar o engajamento da comunidade na formulação de soluções para a violência escolar, utilizando campanhas educativas e programas que desenvolvam competências socioemocionais

nos alunos. Pesquisas demonstram que a promoção de habilidades como empatia e resolução pacífica de conflitos pode resultar em reduções significativas nos casos de violência nas escolas (Durlak et al., 2011). Iniciativas como o programa "Eu Posso te Ouvir" exemplificam como a colaboração entre escolas, assistência social e saúde pode criar um ambiente de apoio que previne comportamentos violentos (Scorzafave, 2023).

A educação midiática emerge como uma estratégia necessária dentro do marketing social. Dada a influência potencialmente negativa da mídia sobre os jovens, é substancial incluir no currículo escolar programas que ensinem os alunos a analisar criticamente as informações consumidas. Essa abordagem não apenas contribui para a formação de cidadãos mais conscientes, mas também desempenha um papel preventivo ao capacitar os jovens a reconhecerem e questionarem representações violentas na mídia (Gocil, 2023). A inclusão de tais programas pode ajudar os estudantes a desenvolverem um senso crítico em relação à violência na mídia e na sociedade como um todo.

A implementação eficaz de políticas públicas requer monitoramento contínuo e avaliação rigorosa dos resultados das ações empreendidas. O marketing social deve ser utilizado para promover essas políticas e garantir que as soluções propostas sejam sustentáveis e eficazes (G1, 2023). Ao integrar esses elementos na abordagem ao marketing social voltado para a prevenção da violência escolar, é possível criar um impacto positivo duradouro nas comunidades educacionais. Além disso, as instituições educacionais desempenham um papel fundamental na promoção de uma cultura de paz e respeito mútuo entre os alunos. Isso pode ser alcançado através do desenvolvimento de atividades que incentivem o trabalho em equipe e o reconhecimento das diferenças. Dinâmicas de grupo e projetos colaborativos são exemplos de práticas que ajudam os alunos a entenderem as perspectivas uns dos outros, valorizando diferentes pontos de vista (Fonte Segura, 2023).

Em síntese, o marketing social oferece uma estrutura robusta para entender como intervenções podem ser efetivamente aplicadas na prevenção da violência escolar. Ao focar na transformação das atitudes e comportamentos dentro da comunidade escolar, essa abordagem possibilita a implementação de intervenções significativas que promovem um ambiente educacional mais seguro e respeitoso. A integração das diversas dimensões do marketing social é substancial para abordar os desafios complexos enfrentados pelas comunidades escolares contemporâneas (Freitas, 2023; Mendonça & Schommer, 2000).

2.2.7 Parceria entre Escolas e Empresas na Prevenção da Violência Escolar: Uma

Perspectiva Teórica com Base no Marketing Social

A parceria entre escolas e empresas é uma abordagem estratégica promissora na prevenção da violência escolar, oferecendo recursos, conhecimentos e experiências que contribuem para a construção de um ambiente escolar mais seguro e pacífico. Esta análise explora essa colaboração sob a ótica do Marketing Social e da Responsabilidade Social Corporativa (RSC), destacando seu potencial na promoção de uma cultura de paz e no enfrentamento da violência nas escolas (Silva & Salles, 2010).

O Marketing Social, conforme definido por Andreasen (1995), refere-se à aplicação de técnicas de marketing para promover comportamentos socialmente benéficos. Nesse contexto, a parceria entre escolas e empresas pode ser vista como uma iniciativa de marketing social, onde as empresas contribuem com recursos e *expertise* para apoiar programas e campanhas de prevenção da violência escolar. Essas ações podem incluir patrocínio de projetos educativos, doação de materiais e equipamentos, e realização de campanhas de conscientização. Empresas envolvidas nessas atividades não só constroem uma imagem positiva, mas também reafirmam seu compromisso com o bem-estar social (Andreasen, 1995).

A análise da parceria entre escolas e empresas sob a perspectiva do Marketing Social revela uma série de benefícios mútuos. As escolas se beneficiam do apoio financeiro e técnico das empresas para implementar programas eficazes de prevenção da violência e promoção da paz (Soares, 2004). As empresas, por sua vez, fortalecem sua imagem institucional e demonstram seu compromisso com a comunidade, gerando impacto positivo em sua reputação e no relacionamento com os clientes (Higuchi & Vieira, 2012).

As parcerias entre escolas e empresas podem se manifestar de diversas maneiras. Uma dessas formas é a adoção de programas educativos patrocinados por empresas. Empresas podem financiar a criação de materiais didáticos e atividades que ensinem aos alunos sobre a importância da convivência pacífica e do respeito mútuo. Além disso, empresas podem organizar palestras e *workshops* conduzidos por especialistas em mediação de conflitos e habilidades socioemocionais, proporcionando aos alunos ferramentas práticas para lidar com situações de violência e conflito (Santos, 2023).

Outro exemplo é a realização de campanhas de conscientização que utilizem as redes sociais e outros meios de comunicação para disseminar mensagens de paz e respeito. Essas campanhas podem incluir vídeos educativos, depoimentos de alunos e professores, e materiais gráficos que sensibilizem a comunidade escolar para a gravidade da violência e a importância de sua prevenção (Gonçalves e Andrade, 2015). Higuchi e Vieira (2012) observam que essas

ações não só educam, mas também criam um senso de comunidade e responsabilidade compartilhada entre todos os membros da escola.

Para as empresas, essas parcerias oferecem oportunidades para fortalecer sua reputação e demonstrar seu compromisso com a responsabilidade social. Empresas que se envolvem em iniciativas de combate à violência escolar são vistas como cidadãs corporativas responsáveis, o que pode melhorar sua imagem pública e aumentar a lealdade dos clientes. Além disso, essas ações podem motivar os funcionários, que frequentemente se sentem orgulhosos de trabalhar para uma empresa que contribui positivamente para a sociedade (Silva & Ferreira, 2023).

Apesar dos muitos benefícios, a parceria entre escolas e empresas não está isenta de desafios. É fundamental garantir que essas colaborações sejam baseadas em princípios éticos e no interesse genuíno pelo bem-estar dos alunos e da comunidade escolar. Questões relacionadas à equidade, transparência e alinhamento de objetivos podem surgir, e devem ser gerenciadas cuidadosamente para evitar conflitos de interesse e garantir que os benefícios sejam distribuídos de maneira justa. Ressalta a importância de uma abordagem ética e transparente na formação dessas parcerias, garantindo que as ações realizadas realmente beneficiem os alunos e promovam uma cultura de paz (Silva, 2022).

Para garantir a eficácia dessas parcerias, é substancial implementar mecanismos de avaliação contínua. A análise de dados sobre incidentes de violência e a realização de pesquisas periódicas podem fornecer descobertas sobre o impacto das iniciativas implementadas. Com base nessas avaliações, as escolas e empresas podem ajustar suas estratégias para aumentar a efetividade das ações e assegurar a sustentabilidade das iniciativas. Silva e Ferreira (2023) destacam a importância de uma abordagem baseada em dados para a gestão dessas parcerias, garantindo que as decisões sejam informadas e orientadas por evidências.

Além disso, a cooperação entre escolas e empresas pode ir além do financiamento e doação de materiais. Empresas podem envolver-se em iniciativas de desenvolvimento de competências socioemocionais nos alunos, promovendo *workshops* e treinamentos que ensinem habilidades como empatia, comunicação eficaz e resolução de conflitos. Tais competências são essenciais para a construção de um ambiente escolar mais pacífico e colaborativo, e a contribuição das empresas pode ser fundamental nesse aspecto (Lima, 2021). As empresas também podem desempenhar um papel fundamental na formação continuada dos professores, oferecendo programas de capacitação que abordem técnicas de mediação de conflitos e gestão de sala de aula. Esse tipo de investimento não só melhora a qualidade do ensino, mas também fortalece a capacidade das escolas de lidar com situações de violência de

maneira proativa e eficaz (Couto & Monteiro, 2020).

Outro aspecto importante é a promoção de uma cultura de responsabilidade compartilhada dentro da comunidade escolar. Parcerias que envolvem a participação ativa de pais, alunos e outros membros da comunidade podem criar um senso de pertencimento e coesão, essenciais para a prevenção da violência. Ao promover eventos comunitários e fóruns de discussão, empresas e escolas podem trabalhar juntas para construir uma rede de suporte sólida que envolva todos os *stakeholders* (Belga et al., 2017).

A parceria entre escolas e empresas na prevenção da violência escolar, sob a perspectiva do Marketing Social, oferece uma abordagem inovadora e colaborativa para enfrentar esse desafio complexo. Ao unir esforços e recursos, é possível criar um ambiente escolar mais seguro e acolhedor, promovendo uma cultura de paz e respeito mútuo entre todos os membros da comunidade educativa. A colaboração entre o setor privado e a educação é fundamental para o desenvolvimento sustentável e para a promoção de uma sociedade mais justa e pacífica. Assim, essas parcerias não só beneficiam as escolas e alunos diretamente, mas também contribuem para o fortalecimento do tecido social e para a construção de um futuro mais harmonioso e inclusivo (Vichessi, 2023).

2.3 Marketing Macrossocial: Transformações Estruturais e Sistêmicas

Nesse contexto, Kennedy e Parsons (2012) discutem a abordagem do marketing macrossocial, cuja base é a adoção de uma perspectiva sistêmica para a mudança social. Além disso, essa abordagem é parte de intervenções positivas de engenharia social frequentemente utilizadas por governos para moldar o contexto das mudanças comportamentais em suas sociedades. Em outras palavras, trata-se de atividades de marketing social geridas por aqueles que influenciam e controlam o contexto social. Os autores acrescentam que o marketing macrossocial foca mais em mudanças sistêmicas do que em mudanças individuais, sendo predominantemente liderado pelo governo.

Por outro lado, Kennedy (2016) argumenta que esse conceito se distingue da perspectiva *upstream* ao reduzir sistematicamente a necessidade de utilizar ferramentas tradicionais do marketing social. Isso significa que, a autora defende que a perspectiva macrossocial se opõe à visão microssocial do marketing — discutida anteriormente — ao considerar que as estruturas governamentais são mais robustas. Quando combinadas com estratégias como tributação, legislação, regulamentação, financiamento, pesquisa, mobilização e educação comunitária,

essas estruturas têm potencial para gerar mudanças comportamentais como parte de uma intervenção de engenharia social.

Além dessa abordagem mais contemporânea do marketing social, diversos autores adotam uma perspectiva holística para análise e intervenção. Essa abordagem se fundamenta na atuação dos agentes de marketing social em torno da troca social e é conhecida como modelo ecológico do marketing social. Nesse sentido, Andreasen (2012) menciona uma reorientação para o marketing “*upstream*”, “*midstream*” e “*downstream*”, onde a ênfase principal está na mudança dos contextos comportamentais por meio da combinação de medidas estruturais, legislação e abordagens comunitárias e educativas.

De acordo com Wood (2016), o modelo utilizado para analisar ecossistemas biológicos pode servir como base para propor comportamentos saudáveis. O autor apresenta quatro princípios fundamentais que orientam os modelos ecológicos: primeiro, existem múltiplas influências sobre comportamentos saudáveis, incluindo fatores intrapessoais, interpessoais, organizacionais e comunitários; segundo, as influências comportamentais interagem em diferentes níveis; terceiro, os modelos ecológicos são específicos para cada comportamento e é necessário identificar as influências mais relevantes em cada nível; por último, intervenções multiníveis são mais eficazes na mudança de comportamento.

Com isso em mente, Wood (2016) relaciona os sistemas que compõem o modelo ecológico aos níveis de mudança social. Assim, o ambiente onde os elementos interagem diretamente com o indivíduo é denominado microssistema. O marketing macrossocial pode ser dividido em três níveis: *upstream*, *midstream* e *downstream*. Cada um desses níveis aborda diferentes aspectos da mudança comportamental. O nível *upstream* foca nas influências estruturais e contextuais que afetam o comportamento individual, incluindo políticas públicas, regulamentações e mudanças culturais que podem facilitar ou dificultar a adoção de comportamentos saudáveis (Andreasen, 2012).

Por sua vez, o *midstream* envolve as interações em comunidades e redes sociais, onde o suporte social exerce função importante na promoção de mudanças. Neste nível, as iniciativas visam criar um ambiente favorável à mudança por meio de parcerias e colaborações (Wood, 2016). Por fim, o *downstream* concentra-se no indivíduo e nas intervenções diretas que visam modificar comportamentos específicos, como campanhas de conscientização sobre saúde ou programas de incentivo à atividade física (Russell-Bennett et al., 2013).

O pesquisador Eric Debarbieux, uma referência no estudo da violência nas escolas, argumenta que “a violência escolar não é apenas um problema de comportamento individual,

mas reflete as dinâmicas sociais mais amplas que permeiam a comunidade escolar” (Debarbieux, 2001). Segundo ele, a presença de violência nas instituições de ensino está frequentemente ligada a fatores como desigualdade social, falta de suporte familiar e a cultura de impunidade que pode se estabelecer entre os alunos. Debarbieux (2001) enfatiza a importância de intervenções que abordem não apenas os comportamentos agressivos, mas também as condições sociais que os favorecem, promovendo um ambiente escolar mais seguro e acolhedor.

Para garantir a eficácia das intervenções de marketing social, é fundamental realizar avaliações contínuas. Ferramentas analíticas como *Google Analytics* podem ser utilizadas para monitorar o impacto das campanhas e ajustar estratégias conforme necessário (Cunha et al., 2020). O marketing social representa uma abordagem impactante para promover mudanças comportamentais significativas. Ao integrar estratégias *upstream*, *midstream* e *downstream* dentro de um modelo ecológico, os profissionais podem maximizar o impacto de suas iniciativas (Andreasen, 2002; Rubeus, 2024).

A colaboração entre diferentes setores da sociedade é substancial para criar um ambiente propício à mudança, garantindo que as intervenções sejam sustentáveis e eficazes ao longo do tempo. Seguindo o modelo ecológico macrossocial proposto por Wood (2016), apresenta-se a seguir os níveis de atuação do marketing social. De acordo com o autor, a abordagem *upstream* é uma perspectiva macro que analisa influências governamentais, culturais e educacionais, visando promover mudanças sociais. Essa abordagem busca adaptar estratégias de marketing para modificar comportamentos de tomadores de decisão e formadores de opinião, com o objetivo de alterar o ambiente estrutural e impactar positivamente questões sociais, como a violência escolar.

Nesse sentido, Gordon (2013) ressalta que as técnicas de marketing social podem moldar não apenas o comportamento individual, mas também influenciar políticas públicas que abordem a violência nas escolas. O nível *midstream* foca nas interações sociais mais próximas do indivíduo, como família e amigos, criando um microsistema que favorece mudanças comportamentais. Práticas de marketing adaptadas para contextos comunitários são essenciais nesse nível (Wood, 2016; Lagarde, 2014).

Russell-Bennett, Wood e Previte (2013) afirmam que a personalização das ações de marketing social em colaboração com influenciadores pode aumentar a eficácia das intervenções. Isso é particularmente relevante na luta contra a violência escolar, onde a influência de pares e familiares pode ser decisiva. Para Hoek e Jones (2011), é importante

integrar medidas *upstream* com agentes *midstream* para intervenções eficazes no comportamento individual.

As ações *upstream* devem criar um ambiente favorável sem impor restrições, buscando oferecer suporte que estimule comportamentos positivos. Um exemplo disso é a formulação de políticas públicas que estabeleçam diretrizes voltadas para promover um ambiente escolar seguro e acolhedor, reduzindo a incidência de violência (Freitas, 2023; Maia & Araujo, 2015).

O nível *downstream* é frequentemente utilizado em pesquisas de marketing social; no entanto, isso pode desviar a atenção dos determinantes sociais mais amplos da violência escolar (Wood, 2016). Russell-Bennett et al. (2013) destacam que essa abordagem coloca a responsabilidade da mudança no indivíduo; portanto, exige uma compreensão profunda das motivações do grupo-alvo. Dibb (2014) argumenta que uma aplicação holística do marketing social que integre os níveis *upstream*, *midstream* e *downstream* oferece uma análise mais complexa das partes interessadas. Esses desafios estruturais requerem uma abordagem a longo prazo para permitir mudanças sustentáveis no comportamento e na adaptação das estruturas sociais às novas demandas.

A consciência sobre a profundidade e duração das ações é vital para guiar reflexões sobre intervenções eficazes contra a violência escolar (Luca; Hibbert; McDonald, 2015). O debate sobre abordagens holísticas em marketing macrossocial enfatiza a importância de entender as interações na promoção de mudanças sociais. Isso vai além da motivação individual; portanto, destaca o papel das estruturas políticas e sociais na formação de comportamentos alinhados com as metas sociais desejadas (Silva & Nobre, 2023; Golçavez et al., 2017). Para ilustrar essas discussões teóricas, abaixo um exemplo prático relacionado à segurança escolar.

2.3.1 A Violência Escolar no Nível Upstream

No nível *upstream*, as políticas públicas contribuem para a criação de um ambiente escolar seguro. Isso inclui a implementação de leis e regulamentações que promovem a segurança nas escolas, por exemplo, a criação de programas de educação para a paz e a formação de professores em mediação de conflitos (Corbellini, 2023). Campanhas que abordam a violência escolar e promovam a inclusão social são fundamentais para mudar a percepção sobre o problema e estabelecer normas claras contra comportamentos violentos (Gonçalves, 2022).

A redução da violência escolar por meio de intervenções no nível *upstream* é uma abordagem que se concentra na modificação de políticas públicas e na criação de um ambiente social que desencoraje comportamentos violentos. O marketing macrossocial, conforme discutido por Andreasen (2012), pode desempenhar um papel necessário nesse contexto ao mobilizar diferentes atores sociais e promover mudanças estruturais. A implementação de campanhas de conscientização que abordem as causas da violência escolar, como a desvalorização dos educadores e a falta de recursos nas escolas, é fundamental para criar um ambiente mais seguro e acolhedor para os alunos. Essas campanhas devem envolver não apenas as escolas, mas também as famílias e a comunidade em geral, promovendo um diálogo aberto sobre o problema da violência (Lima, 2021). A conscientização sobre a importância do respeito e da empatia nas relações interpessoais é substancial para transformar a cultura escolar (Goldstein, 2024).

Conforme Douglas Cunha (2023), a promoção de políticas públicas que priorizem a segurança nas escolas é substancial para a eficácia das intervenções *upstream*, a colaboração entre instituições educacionais e o poder público podem resultar em programas que abordem questões como *bullying* e violência simbólica. Segundo Longo et al. (2014), a falta de recursos e a escassez de políticas eficazes contribuem significativamente para a perpetuação da violência nas escolas. Portanto, é necessário que haja um esforço conjunto para desenvolver e implementar políticas que garantam um ambiente escolar seguro, onde todos os alunos se sintam valorizados e respeitados. Isso pode incluir a criação de leis específicas que regulamentem o comportamento nas escolas e garantam medidas adequadas para lidar com casos de violência (Douglas Cunha, 2023).

A formação contínua dos educadores também é uma estratégia importante no nível *upstream*. Investir em capacitação para professores em gestão de conflitos e prevenção da violência pode transformar a dinâmica escolar (Pinto da Costa & Costa, 2020). De acordo com Moysés et al. (2004), comunidades onde há uma participação ativa dos educadores nas decisões escolares tendem a ter melhores resultados na redução da violência. Portanto, programas de formação que incluam habilidades socioemocionais e técnicas de mediação podem ser implementados para equipar os educadores com ferramentas necessárias para lidar com situações de conflito antes que elas se intensifiquem. Essa capacitação não apenas melhora o ambiente escolar, mas também fortalece o papel do educador como mediador e facilitador do aprendizado (Freitas, 2023).

A implementação de programas de prevenção à violência escolar no nível *upstream* também deve considerar a importância da formação de uma cultura de respeito e inclusão nas escolas. Isso pode ser alcançado através de iniciativas que promovam a diversidade e a aceitação das diferenças entre os alunos (MEC, 2024). De acordo com o estudo de Almeida e Ferreira (2019), ambientes escolares que valorizam a diversidade cultural e social tendem a apresentar menores índices de violência, pois fomentam um clima de respeito mútuo e empatia. Programas que incentivam atividades colaborativas, como projetos interdisciplinares e eventos culturais, podem ajudar a construir laços entre os alunos e promover um ambiente mais harmonioso. Além disso, a inclusão de temas relacionados à diversidade no currículo escolar, como educação para as relações étnico-raciais e educação sexual, pode contribuir para a formação de uma geração mais consciente e respeitosa, reduzindo assim as tensões que frequentemente levam à violência (Garofalo, 2024)

Outro aspecto relevante no nível *upstream* é a necessidade de monitoramento e avaliação contínua das políticas e programas implementados. A coleta sistemática de dados sobre incidentes de violência escolar e a eficácia das intervenções são fundamentais para ajustar estratégias e garantir que os recursos sejam utilizados de forma eficaz. Segundo Silva et al. (2020), a avaliação constante permite identificar não apenas os pontos fortes das políticas em vigor, mas também as áreas que necessitam de melhorias. Além disso, o envolvimento dos alunos na avaliação das iniciativas pode proporcionar *insights* valiosos sobre suas percepções e experiências, promovendo um sentimento de pertencimento e responsabilidade em relação à cultura escolar. Dessa forma, o marketing macrossocial não apenas atua na implementação de políticas, mas também se torna um agente facilitador na criação de um ambiente escolar mais seguro e acolhedor, onde todos os alunos possam prosperar (Veiga, 2023).

Segundo Gonçalves e Sposito (2002) essas estratégias demonstram como o marketing macrossocial pode ser aplicado efetivamente no nível *upstream* para reduzir a violência escolar, promovendo mudanças significativas nas estruturas sociais e políticas que impactam diretamente o ambiente escolar. Os autores afirmam que a combinação dessas ações cria um ecossistema favorável à educação saudável e ao desenvolvimento integral dos alunos, contribuindo para uma cultura escolar mais pacífica e inclusiva.

2.3.2 A Violência Escolar no Nível Midstream

No nível *midstream*, as ações são direcionadas à comunidade escolar; assim sendo: envolvendo alunos, pais e educadores. Grupos de conscientização podem ser formados para promover o respeito mútuo e a empatia entre os estudantes (Pimenta, 2023). Atividades extracurriculares que incentivem o trabalho em equipe e o diálogo aberto sobre experiências de violência são essenciais para cultivar um ambiente escolar positivo. Além disso, iniciativas como programas *Antibullying* ajudam a mitigar comportamentos agressivos desde suas raízes (Codo, 1999).

A redução da violência escolar por meio de intervenções no nível *midstream* é uma abordagem que se concentra na mudança de comportamentos e normas sociais em grupos como famílias, alunos e comunidades. O marketing macrossocial pode ser um instrumento eficaz nesse contexto, promovendo a conscientização e a participação ativa de todos os envolvidos no ambiente escolar. Intervenções educativas, como as realizadas através da metodologia dos Círculos de Cultura, têm demonstrado resultados positivos ao permitir que os adolescentes expressem suas experiências e reflexões sobre a violência. Segundo um estudo que utilizou essa metodologia, os adolescentes conseguiram desvelar as diversas manifestações da violência no ambiente escolar, como agressões físicas e verbais, além de práticas de *bullying* (Santos et al., 2011). Essa abordagem não apenas empodera os jovens, mas também promove uma consciência crítica sobre a realidade que os cerca, facilitando a construção de um ambiente escolar mais seguro e respeitoso, (Silva, 2023).

Além disso, a psicologia tem investido em ações nas escolas com o objetivo de enfrentar e prevenir práticas de *bullying* e outras formas de violência. Intervenções realizadas por psicólogos têm utilizado recursos midiáticos, como filmes e palestras, para educadores e famílias, além de grupos de discussão com alunos (Alencastro et al., 2018). Essas ações são fundamentais para envolver todos os agentes do fenômeno da violência escolar, incluindo agressores, vítimas e testemunhas. A participação dos pais e professores nas discussões sobre o tema é substancial para fortalecer o vínculo familiar e melhorar a supervisão nas escolas. Estudos indicam que o fortalecimento da comunicação entre pais e educadores resulta em um ambiente mais seguro para os alunos (Saraiva et al., 2019). Ao promover um trabalho cooperativo entre pares e desenvolver atividades que envolvam a comunidade, as escolas podem criar um espaço mais inclusivo e colaborativo, reduzindo assim a incidência de violência (Freitas, 2023).

A promoção de relações democráticas dentro da escola também é uma estratégia importante no nível *midstream*. Incentivar a participação dos alunos nas decisões escolares pode

contribuir para um clima mais positivo e menos propenso à violência. Iniciativas como o Programa Escola da Família buscam abrir as escolas à comunidade nos finais de semana, promovendo atividades que envolvem tanto os estudantes quanto suas famílias (Silva et al., 2020). Essa intersetorialidade entre políticas públicas é necessária para abordar a complexidade da violência escolar. Além disso, programas que incentivam o protagonismo juvenil podem ajudar os alunos a se tornarem agentes ativos na promoção da paz e do respeito mútuo dentro das instituições de ensino (Codo, 2014).

Outro aspecto relevante no nível *midstream* é a importância da formação de grupos de apoio entre pares. Esses grupos podem atuar como redes de suporte emocional e social para os alunos, oferecendo um espaço seguro onde eles possam compartilhar experiências e discutir questões relacionadas à violência. Pesquisas indicam que programas que promovem a solidariedade entre colegas ajudam a reduzir comportamentos agressivos e aumentam a coesão social dentro das escolas (Nobre et al., 2021). A criação desses grupos pode ser facilitada por educadores treinados que atuem como mediadores, promovendo dinâmicas que incentivem a empatia e a resolução pacífica de conflitos (Cunha, 2022).

Além disso, é fundamental que as intervenções no nível *midstream* sejam monitoradas e avaliadas continuamente para garantir sua eficácia. A coleta sistemática de dados sobre incidentes de violência escolar e a análise das intervenções realizadas permitem ajustes nas estratégias adotadas (Pérez et al., 2013). O envolvimento dos alunos na avaliação das iniciativas pode fornecer reflexões sobre suas percepções e experiências, promovendo um sentimento de pertencimento à cultura escolar. Dessa forma, o marketing macrossocial não apenas atua na implementação de políticas, mas também se torna um agente facilitador na criação de um ambiente escolar mais seguro e acolhedor (Sposito 2001).

De acordo com o artigo de Gonçalves e Sposito (2002), essas estratégias demonstram como o marketing macrossocial pode ser aplicado efetivamente no nível *midstream* para reduzir a violência escolar, promovendo mudanças significativas nas dinâmicas sociais que impactam diretamente o ambiente educacional.

2.3.3 A Violência Escolar no Nível Downstream

No nível *downstream*, o foco está na mudança do comportamento individual dos alunos. Isso pode ser alcançado através de intervenções diretas; por exemplo: *workshops* e palestras sobre violência escolar equipam os alunos com ferramentas para reconhecer e lidar com

situações de conflito (Salles Filho, 2016). A promoção do bem-estar emocional e psicológico dos estudantes é vital; pois ambientes saudáveis contribuem para reduzir a incidência de violência (Gonçalves, 2022).

A redução da violência escolar por meio de intervenções no nível *downstream* é uma abordagem que se concentra em ações diretas com os indivíduos, visando mudanças comportamentais específicas. Nesse contexto, o marketing macrossocial pode ser utilizado para promover a conscientização e a educação dos alunos sobre os efeitos do *bullying* e outras formas de violência. A implementação de programas educativos que abordem a empatia e a resolução pacífica de conflitos é fundamental. De acordo com um estudo, a educação emocional e social pode ajudar os alunos a desenvolver habilidades que os capacitem a lidar com situações de conflito de maneira construtiva, reduzindo assim a incidência de comportamentos agressivos (Fisher, 2010). Essas iniciativas podem incluir atividades em sala de aula que incentivem discussões sobre o impacto do *bullying* e promovam uma cultura de respeito e solidariedade entre os alunos (Gonçalves 2024).

Além disso, é substancial que as escolas estabeleçam canais de comunicação abertos onde os alunos se sintam seguros para relatar casos de *bullying* e outras formas de violência. A criação de um ambiente acolhedor e receptivo é necessário para que as vítimas se sintam à vontade para compartilhar suas experiências. Segundo um artigo publicado, o fortalecimento da autoestima dos alunos e a garantia de que eles estão em um espaço seguro são medidas fundamentais para combater o *bullying* (Monteiro Filho, 2021). As escolas devem implementar políticas claras sobre como lidar com denúncias, assegurando que todos os relatos sejam tratados com seriedade e que haja consequências adequadas para comportamentos agressivos. Isso não apenas protege as vítimas, mas também educa os agressores sobre as repercussões de suas ações (Oliveira, 2023).

Outra estratégia importante no nível *downstream* é a formação contínua dos educadores em relação à identificação e intervenção em casos de *bullying*. Os professores desempenham um papel fundamental na detecção precoce das situações de violência, podendo intervir antes que se tornem mais graves. Um estudo indica que a capacitação dos educadores em práticas de mediação e resolução de conflitos pode ser eficaz na diminuição das agressões entre alunos (Boulton et al., 2012). Além disso, promover o diálogo entre professores, alunos e pais sobre o *bullying* pode criar uma rede de apoio mais robusta, onde todos os envolvidos estão cientes das dinâmicas sociais da escola e podem trabalhar juntos para promover um ambiente mais seguro, conforme enfatizado por (Macedo et al., 2014).

A promoção da educação emocional também deve ser uma prioridade nas intervenções *downstream*. Programas que ensinam habilidades socioemocionais, como autocontrole, empatia e habilidades sociais, têm mostrado resultados positivos na redução da violência escolar. Estudos indicam que, quando os alunos são treinados para reconhecer e gerenciar suas emoções, eles tendem a se envolver menos em comportamentos agressivos (Zins et al., 2004). A implementação dessas práticas pode ser feita através de atividades lúdicas, dinâmicas em grupo e oficinas que incentivem a expressão emocional adequada. Além disso, integrar essas habilidades ao currículo regular ajuda a normalizar discussões sobre emoções e conflitos, criando uma cultura escolar onde todos se sintam valorizados e respeitados (Macedo, F. L., et al., 2014).

Por fim, é importante implementar atividades que incentivem a liderança positiva entre os alunos. Programas que designam "alunos agentes" ou "líderes positivos" podem ser eficazes na promoção de um ambiente escolar saudável. Esses líderes podem atuar como mediadores em conflitos e promover iniciativas que incentivem o respeito mútuo entre os colegas (Abrapia, 2021). Além disso, ações como exibições de filmes que retratam o *bullying* ou debates sobre suas consequências ajudam a sensibilizar toda a comunidade escolar sobre a gravidade do problema. Ao conscientizar não apenas as vítimas e agressores, mas também os espectadores do *bullying*, as escolas podem quebrar o ciclo de violência e promover uma cultura escolar mais inclusiva e respeitosa (Aguiar e Barrera, 2023).

Essas estratégias demonstram como o marketing macrossocial pode ser aplicado efetivamente no nível *downstream* para reduzir a violência escolar, promovendo mudanças significativas no comportamento dos alunos e contribuindo para um ambiente escolar mais seguro (Gomes, 2024).

Síntese das Diferenças em Marketing Social e Macrossocial

Aspecto	Marketing Social	Macrossocial
Foco	Mudanças comportamentais específicas	Transformações estruturais e sistêmicas
Escala	Micro e Meso (indivíduos e grupos)	Macro (comunidade como um todo)
Ações	Campanhas, palestras, eventos comunitários	Políticas Públicas, programas governamentais.
Resultados	Imediatos e mensuráveis	Longo prazo e em larga escala
Exemplo em Esmeraldas	Campanhas contra o bullying nas escolas	Políticas de inclusão social na região

Fonte: Realizado pela autora

Enquanto o marketing social é eficaz para promover mudanças comportamentais imediatas, o marketing macrossocial é substancial para transformações estruturais e sustentáveis. Em Esmeraldas, a combinação dessas abordagens pode oferecer uma solução abrangente para o problema da violência escolar, atuando tanto nos níveis individuais quanto nos sistêmicos. Como destacam French et al. (2019) e Hastings e Domegan (2017), a integração entre essas estratégias é fundamental para garantir impactos significativos e duradouros.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo apresentar-se-á os procedimentos e as decisões metodológicas do projeto de pesquisa da dissertação. Os tópicos apresentados são: o tipo, abordagem e método de pesquisa; a unidade de análise e sujeitos de pesquisa; os procedimentos para coleta de dados; e, por fim, os procedimentos para a análise de dados.

Tabela 1
Organograma Metodológico

Percurso Metodológico				
Objetivo Geral	Analisar as contribuições do marketing social para prevenção e mitigação da violência escolar em uma escola estadual de Esmeraldas, Minas Gerais.			
Objetivos Específicos	Tipo de Pesquisa e Método	Sujeitos da Pesquisa	Coleta de Dados	Análise de Dados
<p>Analisar o contexto específico da violência escolar na Escola Estadual de Esmeraldas, identificando as principais formas de violência, fatores contribuintes e impactos no ambiente educacional;</p> <p>Descrever as estratégias e iniciativas de marketing social atualmente implementadas ou potencialmente aplicáveis na escola de Esmeraldas</p> <p>Propor recomendações específicas e estratégias práticas para aprimorar e otimizar as iniciativas de marketing social na escola estadual de Esmeraldas.</p>	<p>Pesquisa Qualitativa Descritiva, com método Estudo de Caso</p>	<p>Professores</p>	<p>Entrevista Semi-Estruturada</p>	<p>Análise de Conteúdo</p>

O organograma, apresentado na tabela acima busca desvelar a estrutura da pesquisa, sua finalidade, além de demonstrar como este instrumento explicita a intrínseca conexão entre os objetivos propostos e a execução metodológica. Ao detalhar cada componente do organograma, desde a questão de pesquisa até a análise de dados e as conclusões, busca-se evidenciar a coerência e o rigor científico empregados na investigação, bem como o compromisso do pesquisador com a busca por soluções inovadoras para um problema social urgente (Senna, 2024). O organograma, portanto, transcende a mera representação gráfica, servindo como um mapa visual da pesquisa, permitindo uma compreensão clara e concisa do percurso metodológico adotado (Maxwell, 2013; Silva & Freitas, 2024).

A finalidade primordial do organograma metodológico reside em fornecer uma representação visual clara e concisa do processo de pesquisa, delineando as etapas percorridas desde a formulação do problema até a análise e interpretação dos resultados (Yin, 2018; Creswell & Plano Clark, 2018). Ao apresentar de maneira organizada os objetivos, métodos, instrumentos e técnicas de análise utilizados, o organograma facilita a avaliação da coerência interna da pesquisa e a sua adequação aos princípios do rigor científico (Fontes, 2023). Em outras palavras, o organograma não apenas descreve o que foi feito, mas também auxilia a entender o porquê de cada escolha metodológica (Creswell & Plano Clark, 2018; Carbonell, 2022).

O organograma explicita, em primeiro lugar, a questão norteadora da pesquisa (Andreasen, 2022): "Como o marketing macrossocial e social podem ser usados para prevenir a violência escolar?". Em seguida, apresenta o objetivo geral da pesquisa, que consiste em "Analisar as contribuições do marketing social e macrossocial para a prevenção e mitigação da violência escolar em uma escola estadual de Esmeraldas, Minas Gerais". Além disso, o organograma detalha os objetivos específicos (Sponte, 2024) que se desdobram em: (1) identificar as principais formas de violência, fatores contribuintes e impactos no ambiente educacional; (2) descrever as estratégias de marketing social e macrossocial implementadas ou com potencial de aplicação; e (3) propor recomendações para aprimorar as iniciativas de marketing.

O organograma também explicita o método utilizado, que se caracteriza por uma abordagem qualitativa, um estudo de caso único em uma escola estadual de Esmeraldas, e a coleta de dados por meio de entrevistas (Seidman, 2013) com professores do Ensino Fundamental II. Por fim, o organograma indica a análise de dados por meio da codificação das respostas dos entrevistados (Miles & Huberman, 1994), bem como a apresentação dos resultados e conclusões (Senna, 2024).

A conexão entre o organograma e os objetivos específicos da pesquisa é intrínseca e fundamental para garantir a coerência e o rigor da investigação. Cada etapa do organograma está diretamente relacionada a um ou mais objetivos específicos, demonstrando como a pesquisa foi planejada e executada para alcançar os resultados esperados (Maxwell, 2013; Silva, 2024). Por exemplo, a etapa de coleta de dados por meio de entrevistas com professores está diretamente relacionada aos objetivos de identificar as formas de violência, descrever as estratégias de marketing e propor recomendações. A análise de dados por meio da codificação das respostas dos entrevistados, por sua vez, permite transformar os dados brutos em informações relevantes para responder à questão de pesquisa e alcançar os objetivos propostos. A apresentação dos resultados e conclusões, finalmente, demonstra o alcance dos objetivos propostos e a relevância da investigação para a área de estudo (Senna, 2024; Freitas, 2023).

A análise detalhada permite evidenciar a coerência e o rigor científico empregados na investigação, bem como o compromisso do pesquisador com a busca por soluções para um problema social urgente. Ao apresentar de forma clara e concisa o percurso metodológico adotado, o organograma facilita a avaliação da pesquisa e contribui para a disseminação do conhecimento produzido (Carbonell, 2022).

3.1 Caracterização da Pesquisa

Este estudo tem como objetivo compreender como o marketing social e a teoria macrossocial podem ser utilizados como ferramentas eficazes na prevenção e mitigação da violência escolar, focando em um estudo de caso único em Esmeraldas, Minas Gerais. A pesquisa se fundamenta na teoria do marketing social, que foi desenvolvida por Philip Kotler e Gerald Zaltman na década de 1970, enfatizando a aplicação de princípios de marketing para promover causas sociais e influenciar comportamentos em benefício do bem-estar coletivo (Kotler & Zaltman, 1971). Além disso, a teoria macrossocial considera os fatores estruturais e contextuais que afetam a sociedade como um todo, abordando a violência escolar como um fenômeno social que requer intervenções em múltiplos níveis (Abreu, 2018).

Esses aspectos são frequentemente inexplorados por métodos quantitativos, que não capturam a complexidade das interações sociais e das experiências vividas pelos alunos. Viana et al. (2024) destacam que, embora a pesquisa quantitativa forneça dados numéricos objetivos, ela pode simplificar excessivamente questões educacionais complexas, resultando na perda de informações importantes. Eles argumentam que a pesquisa qualitativa permite uma

compreensão mais profunda das experiências humanas, substancial para analisar fenômenos educacionais complexos. O uso de um enfoque qualitativo permite uma análise mais rica sobre como o marketing social pode impactar a formação de opinião e a construção de identidades coletivas entre os estudantes (Andreasen, 2023).

Dessa forma, optou-se por realizar uma pesquisa de caráter descritivo, com o intuito de mapear as características do fenômeno da violência escolar em Esmeraldas e analisar como estratégias de marketing social podem ser implementadas para transformar essa realidade. A intenção é entender o contexto pessoal e social que envolve a violência nas escolas e identificar abordagens de se conectarem com os alunos por meio de conteúdos que promovam valores positivos (Mazzon, 1981). A perspectiva macrosocial permite uma compreensão mais ampla das dinâmicas sociais que contribuem para a violência escolar, considerando fatores econômicos, culturais e institucionais (Giddens, 2003).

Este estudo de caso representa a primeira iniciativa voltada para uma compreensão aprofundada das dinâmicas locais e das especificidades culturais que influenciam a violência nas instituições educacionais da região. A adoção dessa abordagem inédita permite uma análise detalhada e contextualizada das intervenções de marketing social e macrosocial implementadas, algo ainda pouco explorado no contexto educacional local. Essa metodologia inovadora possibilita não apenas a identificação de práticas eficazes, mas também uma avaliação pioneira do impacto dessas estratégias no ambiente escolar (Silva, 2024).

A abordagem qualitativa deste estudo permitirá a captação de nuances frequentemente negligenciadas em análises quantitativas, enriquecendo o entendimento sobre como o marketing social e macrosocial podem ser utilizados não apenas como uma ferramenta de comunicação, mas também como uma estratégia abrangente para transformar comportamentos e atitudes em prol da construção de um ambiente educacional mais seguro e inclusivo (Corbellini, 2023). Dessa forma, este estudo não apenas contribui para a literatura acadêmica sobre o tema, mas também oferece percepções práticas que podem ser aplicadas em outras comunidades que enfrentam desafios semelhantes.

3.2 Unidade de análise e sujeitos de pesquisa

O objeto deste estudo é a violência escolar, e os sujeitos da pesquisa são os professores que atuam na Escola Estadual de Melo Viana, em Esmeraldas, Minas Gerais, e que estão diretamente envolvidos na promoção de um ambiente escolar seguro e acolhedor. A Escola

Estadual de Melo Viana é um reflexo da diversidade cultural da comunidade local. Os alunos vêm de diferentes contextos socioeconômicos e culturais, o que enriquece a convivência escolar e proporciona um ambiente inclusivo.

Os professores foram convidados a compartilhar suas experiências sobre campanhas bem-sucedidas e os desafios enfrentados na implementação dessas estratégias, contribuindo para uma compreensão mais abrangente do fenômeno (Lima & Souza, 2022; Veras, 2006).

Além disso, Esmeraldas apresenta características socioeconômicas e culturais particulares que podem afetar a percepção e a resposta da comunidade escolar em relação à violência, configurando-se como um campo propício para investigar como ações direcionadas podem promover mudanças significativas. De janeiro a outubro de 2024, a Prefeitura de Esmeraldas em seu próprio site, o Boletim de Violência que registrou um total de 60 casos de violência, conforme dados divulgados. A análise da distribuição etária revela uma concentração preocupante na população jovem, com 24 casos envolvendo indivíduos entre 1 e 19 anos. Essa prevalência de violência entre jovens destaca a vulnerabilidade dessa faixa etária na cidade. Adicionalmente, 18 casos foram registrados na faixa etária de 20 a 39 anos, reforçando a necessidade de atenção e intervenção também em adultos jovens. Em contraste, não foram registrados casos na faixa etária de 40 a 59 anos, e apenas 2 casos foram notificados entre pessoas com mais de 60 anos, indicando uma menor incidência de violência nessas faixas etárias.

De acordo com Vinuto (2014), a técnica “bola de neve” permite que um participante inicial indique outros indivíduos relevantes para a pesquisa, criando uma rede de contatos que se expande organicamente. No contexto da promoção de práticas que visam a redução da violência nas escolas, essa técnica é particularmente eficaz, pois educadores ativos podem ser recomendados por seus colegas ou conectados por meio de redes de referência. Essa dinâmica não apenas facilita a coleta de informações, mas também enriquece o entendimento das experiências e percepções dos professores sobre a violência escolar. Além disso, Dahlber (2016) destaca que essa abordagem qualitativa permite uma exploração mais profunda das interações sociais e das práticas pedagógicas que podem contribuir para um ambiente escolar mais seguro e respeitoso. Assim, ao empregar a técnica de bola de neve, as escolas podem fortalecer suas redes de apoio e promover um diálogo colaborativo em torno da prevenção da violência.

3.3 Coleta de Dados

Para alcançar o objetivo do trabalho, a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas. Este método é particularmente adequado para estudos qualitativos, pois combina uma estrutura básica com a flexibilidade necessária para explorar tópicos emergentes durante as conversas (Kvale, 2007). As entrevistas semiestruturadas são amplamente utilizadas na pesquisa qualitativa para obter uma compreensão aprofundada dos fenômenos estudados. De acordo com Manzini (2004), esse tipo de entrevista é caracterizado por um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões que surgem durante a interação com o entrevistado. Essa flexibilidade permite ao pesquisador explorar temas emergentes e adaptar a conversa conforme necessário, enriquecendo a coleta de dados.

As entrevistas foram conduzidas em um ambiente que assegurasse a privacidade e o conforto dos entrevistados, facilitando a expressão sincera e aberta de suas percepções e sentimentos em relação às estratégias de marketing utilizadas para promover a paz nas escolas. Questões abertas serão utilizadas para incentivar respostas detalhadas e ricas em conteúdo, abordando temas como a eficácia das estratégias de marketing, as mudanças observadas no comportamento dos alunos e as experiências pessoais com a violência escolar e as iniciativas de paz.

Além disso, as entrevistas foram gravadas, com o consentimento dos participantes, para garantir a precisão na transcrição e análise dos dados. As gravações permitirão revisitar as entrevistas quantas vezes forem necessárias para uma análise minuciosa e rigorosa. A transcrição *verbatim* foi realizada para capturar todas as nuances das respostas dos participantes, incluindo pausas, ênfases e emoções, elementos essenciais para uma compreensão profunda do fenômeno estudado.

Os dados obtidos na pesquisa com 16 professores da Escola Estadual de Melo Viana, em Minas Gerais, são apresentados e analisados. As entrevistas foram realizadas remotamente entre 5 e 20 de janeiro de 2025. A análise de conteúdo foi conduzida manualmente, permitindo uma codificação precisa dos temas investigados. O capítulo está organizado em cinco categorias principais, cada uma abordando aspectos específicos da pesquisa, com títulos que refletem o escopo e a profundidade das discussões.

Esta metodologia de coleta de dados é fundamentada em abordagens teóricas que valorizam a subjetividade e a complexidade das experiências humanas, proporcionando uma visão detalhada e contextualizada do impacto das estratégias de marketing na promoção da paz escolar (Creswell, 2013). Através das entrevistas semiestruturadas, será possível obter

momentos valiosos sobre as percepções e experiências dos diferentes atores escolares, informando o desenvolvimento de intervenções mais eficazes e contextualizadas para a mitigação da violência escolar.

Tabela 2 *Tempo de duração das entrevistas*

Entrevista	Tempo de Duração
Entrevista 01	28:35
Entrevista 02	29:59
Entrevista 03	37:56
Entrevista 04	1:12:02
Entrevista 05	52:17
Entrevista 06	18:48
Entrevista 07	42:27
Entrevista 08	33:58
Entrevista 09	51:10
Entrevista 10	49:33
Entrevista 11	30:05
Entrevista 12	1:33:22
Entrevista 13	1:02:30
Entrevista 14	40:05
Entrevista 15	36:12
Entrevista 16	50:42

A Tabela 2 apresenta a duração das entrevistas realizadas com os professores. O tempo de duração variou de aproximadamente 35 minutos a quase 2 horas, com uma média de cerca de 50 minutos. Essa variação reflete a profundidade e a riqueza das informações coletadas, que proporcionaram uma base sólida para a análise detalhada dos temas investigados. Essa versão mantém as informações essenciais, mas melhora a estrutura da frase para torná-la mais clara e direta.

3.4 Estratégias de Análise de Dados

A análise de dados foi conduzida por meio da técnica de análise de conteúdo, conforme descrita por Bardin (2016), que consiste em uma abordagem para análise de dados qualitativos com o objetivo de identificar as unidades de significado presentes em um conjunto de dados. Os dados foram categorizados conforme o tópico guia e analisados para identificar os principais benefícios e limitações das estratégias de marketing na promoção da paz escolar. Esta análise foi realizada manualmente, por meio da leitura das transcrições das entrevistas.

Para a análise dos dados, foram empregadas categorias temáticas, visando identificar padrões e tendências nas respostas dos colaboradores da pesquisa. Estas categorias foram baseadas no referencial teórico, embora outras possam emergir dos dados (Souza, 2020). Essa abordagem qualitativa proporcionou uma compreensão aprofundada dos fenômenos estudados, considerando as experiências, percepções e opiniões dos participantes da pesquisa. A categorização partiu dos dados das entrevistas.

A primeira categoria de análise, Percepções da Violência envolve a identificação das causas da violência escolar, considerando fatores como questões socioeconômicas, dinâmicas familiares, influências culturais e comunitárias, problemas de saúde mental e dinâmicas interpessoais entre alunos e entre alunos e professores. A análise dessas causas permitiu uma compreensão mais abrangente dos contextos nos quais a violência emerge e se perpetua, fornecendo uma base sólida para a elaboração de estratégias de intervenção (Bardin, 2016).

A segunda categoria, Estratégias e Iniciativas Mediadoras, concentrou-se na investigação das estratégias de marketing utilizadas pelas escolas para promover uma cultura de paz e prevenir a violência. A análise incluiu a natureza e o conteúdo das estratégias de marketing, a implementação prática dessas estratégias e o impacto percebido dessas iniciativas pelos professores. Pretendeu-se identificar tanto as boas práticas quanto as limitações das estratégias atuais, proporcionando uma compreensão significativa para o desenvolvimento de campanhas mais eficazes (Gil, 2008).

A terceira categoria de análise, Estratégias de Marketing Social e Macrossocial para Educação, enfocou as percepções dos professores sobre o impacto das estratégias utilizadas. O foco estará nas opiniões, experiências e reações dos professores e em relação às iniciativas de marketing implementadas pelas escolas. Os aspectos analisados incluíram a avaliação da eficácia das estratégias, a percepção sobre mudanças no comportamento dos alunos e a identificação de possíveis lacunas entre as intenções das campanhas e os resultados observados. A análise dessas percepções auxiliou no ajuste e aprimoramento das estratégias de marketing educacional (Minayo, 2017).

Com base na análise das categorias anteriores, a quarta categoria forneceu recomendações práticas e acionáveis para promover uma cultura de paz nas escolas. As recomendações foram fundamentadas em dados empíricos coletados durante a pesquisa, boas práticas identificadas na literatura e nas entrevistas, e sugestões de melhoria baseadas nas percepções dos participantes. O objetivo é traduzir as descobertas da pesquisa em ações concretas que possam ser implementadas no ambiente escolar, contribuindo para a criação de um ambiente mais seguro, inclusivo e harmonioso (Bardin, 2016).

Para preservar a privacidade dos participantes, eles foram identificados apenas como "entrevistados", numerados de 01 a 16. As características demográficas dos participantes estão resumidas na Figura 2. O processo analítico teve início com a transcrição das entrevistas e uma leitura preliminar do material empírico, etapa fundamental para a familiarização com os dados e identificação inicial de padrões. Braun e Clarke (2021) destacam que essa fase é substancial para construir categorias analíticas robustas. Em seguida, os conteúdos foram organizados para destacar os aspectos mais relevantes, permitindo uma classificação criteriosa que culminou na formulação de categorias alinhadas às questões investigadas.

A interpretação dos dados seguiu uma abordagem metodológica contemporânea que busca ir além do conteúdo explícito, explorando significados implícitos e contradições nos discursos Cappelle, Melo e Gonçalves (2003). Nowell et al. (2017) apontam que uma análise qualitativa rigorosa exige atenção à coerência interna dos dados, alcançada pela identificação de padrões recorrentes e pela articulação com os referenciais teóricos do estudo.

Na etapa final, as categorias foram relacionadas aos objetivos da pesquisa e aos aportes teóricos que fundamentam o estudo. Essa abordagem sistemática permitiu responder às questões investigativas de maneira alinhada às demandas práticas do contexto educacional analisado. Minayo (2014) ressalta que os resultados das análises qualitativas devem promover reflexões críticas sobre práticas institucionais e sugerir caminhos para melhorias concretas.

4 ANÁLISE DE DADOS

Apresenta-se aqui, os resultados seguidos de suas respectivas discussões. Inicialmente evidencia-se a caracterização dos professores entrevistados apresentando informações sobre sexo, idade, estado civil, religião, formação escolar e tempo de magistério, conforme demonstram os quadros a seguir.

Figura 2

Caracterização dos sujeitos segundo sexo, faixa etária, estado civil e religião

Sujeito	Sexo *		Faixa Etária				Estado Civil **				Religião***			
	M	F	25 30	31 35	36 40	>40	S	C	D	O	C	P	EV	O
E01		X	---	---	---	X	-	X	-	-	X	-	-	-
E02	X		---	---	---	X	-	X	-	-	X	-	-	-
E03		X	---	---	---	X	X	-	-	-	X	-	-	-
E04		X	---	---	X	---	X	-	-	-	X	-	-	-
E05		X	---	---	---	X	-	X	-	-	X	-	-	-
E06		X	---	X	---	---	X	-	-	-	X	-	-	-
E07		X	X	---	---	---	-	X	-	-	X	-	-	-
E08		X	---	---	---	X	-	X	-	-	X	-	-	-
E09		X	---	---	---	X	-	-	X	-	X	-	-	-
E10	X		---	---	---	X	-	X	-	-	X	-	-	-
E11		X	---	---	X	---	X	-	-	-	X	-	-	-
E12		X	---	---	---	X	-	X	-	-	-	-	-	X
E13		X	---	---	---	X	-	-	X	-	X	-	-	-
E14	X		---	---	---	X	-	X	-	-	X	-	-	-
E15		X	X	---	---	---	X	-	-	-	X	-	-	-
E16	X		---	---	---	X	X	-	-	-	-	-	X	-

* M (masculino) / F (feminino) ** S (solteiro) / C (casado) / D (divorciado) / O (outros)

*** C (católico) / P (protestante) / E (evangélico) / O (outro)

Fazem parte da nossa população 16 sujeitos. Podemos visualizar na Figura 02, que a maioria é do sexo feminino; que reforça a evidência feminina na atividade docente; as professoras, em geral, podem apresentar maior sensibilidade a questões de violência e estarem mais abertas a abordagens de mediação e diálogo (Barbieri et al., 2020). A faixa etária, por exemplo, concentra-se entre 27 e 63 anos, com uma predominância significativa de professores com mais de 40 anos (68,75%). Essa característica é relevante, pois, como aponta Bandura (2021) em sua teoria da aprendizagem social, a experiência acumulada ao longo dos anos molda os comportamentos e as atitudes. Professores mais experientes podem ter desenvolvido uma compreensão mais realista e pragmática da dinâmica da violência na escola, baseada em vivências concretas e na observação de resultados de diferentes abordagens pedagógicas. Além disso, a pesquisa de Lima e Ferreira (2023) destaca que a violência escolar em Minas Gerais reflete problemas sociais mais amplos. Professores com mais tempo de atuação podem ter acompanhado de perto a evolução desses problemas e suas manifestações no ambiente escolar.

O estado civil dos entrevistados revela uma divisão entre casados (50%) e solteiros (37,5%). Essa variável pode influenciar o nível de suporte social e emocional disponível para os professores, impactando sua resiliência frente a situações de violência (Lima e Ferreira, 2023). O marketing macrossocial, nesse sentido, pode considerar a oferta de programas de apoio e bem-estar para professores de diferentes estados civis, visando fortalecer seu engajamento e sua capacidade de lidar com os desafios do dia a dia (Andreasen, 2022).

A variável religião foi incluída para que seja detectado se haveria influência dessa na visão do professor em relação à violência, é mencionada como majoritariamente católica. Esse aspecto pode influenciar os valores morais e éticos dos professores, impactando sua visão sobre a violência escolar (Andreasen, 2022). O marketing social pode explorar os princípios de paz, amor e compaixão presentes no catolicismo para promover uma cultura de não-violência na escola, como a criação de campanhas educativas que promovam valores essenciais como paz, respeito e colaboração entre alunos, professores e a comunidade escolar (Fontes, 2023). No entanto, é necessário abordar a religião com sensibilidade, respeitando a diversidade de crenças e evitando qualquer forma de proselitismo, conforme preconiza Senna (2024), ao enfatizar a importância de conectar as atividades planejadas aos resultados esperados para promover mudanças significativas na cultura escolar.

Figura 3

Caracterização dos sujeitos segundo a formação escolar e tempo de docência

Sujeito	Formação			Tempo de Docência			
	Graduação	Especialização	Mestrado	5/10	11/15	16/20	>21
E01	CE	X	---	---	---	X	---
E02	CH	X	---	---	---	X	---
E03	CH	---	---	---	---	---	X
E04	CH	---	X	X	---	---	---
E05	CS	---	---	---	---	X	---
E06	CH	X	---	X	---	---	---
E07	CE	X	---	X	---	---	---
E08	CH	X	---	---	---	---	X
E09	CH	X	---	---	---	---	X
E10	CH	X	---	---	---	---	X
E11	CH	X	---	X	---	---	---
E12	CH	X	---	---	---	---	X
E13	CH	X	---	---	X	---	---
E14	CH	X	---	---	---	X	---
E15	CH	X	---	X	---	---	---
E16	CE	X	---	---	---	---	X

A formação expressa pelos entrevistados (licenciaturas e bacharelados) foi agrupada por área do conhecimento, bem como as especializações (lato-sensu), foram categorizadas:

I - Graduação (por área do conhecimento)

- CE - Ciências Exatas: foram agrupados os cursos em Ciências Exatas:

Bacharelados em Matemática, Física e Engenharia.

- CH - Ciências Humanas: foram agrupados os cursos de bacharelados em Direito, Psicologia, licenciatura em História e Letras.

- CSA - Ciências Sociais Aplicadas: - foram agrupados os cursos de licenciatura em Pedagogia e bacharelado na área de Negócios (Administração, Contabilidade), e Economia.

II - Especialização Lato Sensu e/ ou aperfeiçoamento (por temáticas)

Na Figura 3, observa-se que os professores entrevistados possuem entre 5 e 25 anos de experiência docente, com uma significativa maioria exercendo a profissão há mais de 20 anos. Essa longa trajetória profissional sugere um profundo conhecimento das dinâmicas escolares e das questões enfrentadas no ambiente educacional. A formação acadêmica desses profissionais revela que a maior parte é graduada em áreas específicas, refletindo uma base sólida em teorias e práticas educacionais.

No entanto, é importante notar que apenas um dos entrevistados está cursando uma pós-graduação em nível de Mestrado na área da Educação, o que pode indicar uma oportunidade para desenvolvimento profissional contínuo e atualização sobre as novas abordagens pedagógicas e desafios contemporâneos.

Essas variáveis demográficas e formativas foram investigadas com o objetivo de caracterizar melhor os sujeitos em estudo, permitindo uma análise mais contextualizada de suas percepções e experiências. Compreender a formação e a experiência dos professores é fundamental para avaliar como esses fatores podem influenciar suas visões sobre a violência nas escolas. Nesse sentido, Gomes e Pereira (2002) destacam que muitos docentes se sentem despreparados para lidar com a violência, reforçando a necessidade de uma formação inicial e continuada que aborde essa temática. De forma semelhante, Silva e Castro (2011) enfatizam que a análise das relações interpessoais no ambiente escolar é importante para compreender os conflitos e as percepções dos professores, enquanto Messa (2010) argumenta que a inclusão de discussões sobre violência no currículo das licenciaturas é substancial para preparar os educadores. Esses estudos evidenciam que investigar essas variáveis é indispensável para entender como as experiências e formações dos professores moldam suas percepções sobre a violência nas escolas.

Na sequência, apresentam-se questões específicas relacionadas à temática da violência nas escolas, levantadas durante as entrevistas com os professores. Essas perguntas foram elaboradas para explorar a percepção dos educadores sobre o fenômeno da violência no ambiente escolar e suas implicações para o processo de ensino-aprendizagem.

4.1 Visão dos professores sobre a violência nas escolas em geral

Representação qualitativa das falas dos professores sobre a questão “Na sua visão, qual é a definição de violência escolar?”.

No que diz respeito à percepção dos professores sobre o fenômeno da violência nas escolas, diversos enfoques foram apresentados, evidenciando a amplitude e a complexidade desse tema. Os educadores não abordaram a violência de forma isolada; ao contrário, relacionaram-na a uma série de questões estruturais que permeiam o contexto familiar e social.

Observo que a violência é mais evidente durante o recreio. Dentro da sala de aula, as brincadeiras dos alunos envolvem agarrar-se e socar-se, além de jogar objetos uns nos outros.

Não há atividades que os encaminhem para brincadeiras mais calmas e não violentas. Essa situação não é enão é exclusiva desta escola; ocorre em muitas outras. Aqui, por ser uma escola pequena de ensino fundamental, tentamos lidar com isso de alguma forma. No entanto, acredito que violência é ainda mais intensa no ensino médio, onde alguns alunos já fazem parte de gangue gangues ou grupos formados, trazendo a violência de suas casas e comunidades. Por isso, acredito que a violência nas escolas é um problema significativo (E1).

Olha, Hoje, a violência nas escolas tá muito grande, eu que tenho 23 anos de magistério, eu vejo que cada dia piora mais. Quando eu comecei a trabalhar não existia violência como hoje. Tudo gera a violência na sala de aula. Tudo, até se um coleguinha olhar pro outro gera vigera violência. Então eu acho que está muito a violência, de um modo geral, nas escolas (E3)

Como destaca Debarbieux (2022), a violência nas escolas deve ser analisada em um contexto social mais amplo, onde fatores como desigualdade econômica e desestruturação familiar desempenham papéis significativos. Ao explorar como os professores compreendem a violência no ambiente escolar, fica claro que ela é percebida como algo que vai além de uma simples ação de agredir alguém ou algo.

A leitura atenta das falas dos educadores revela um consenso crescente de que a violência é um fenômeno em ascensão, especialmente nos últimos anos. Essa percepção não apenas reflete uma preocupação com a segurança física dos alunos e profissionais da educação, mas também aponta para as implicações emocionais e psicológicas que a violência pode ter sobre todos os envolvidos. Lima e Ferreira (2023) corroboram essa visão ao afirmar que os episódios de violência não apenas comprometem o bem-estar dos alunos, mas também impactam negativamente o ambiente educacional, criando um clima de medo e desmotivação.

A análise das falas dos professores indica uma crescente conscientização sobre o impacto da violência nas relações interpessoais dentro da escola. Como mencionado por Silva (2024), essa dinâmica exige uma abordagem proativa para identificar sinais de violência e implementar intervenções adequadas antes que as situações se agravem. A capacitação dos educadores em habilidades socioemocionais pode ser um passo importante nesse sentido, conforme sugere CIPAVE (2024).

Além disso, Crochick (2021) enfatiza que a compreensão das raízes da violência escolar deve incluir uma análise das condições sociais e familiares dos alunos. Isso implica reconhecer

que muitos comportamentos violentos podem ser respostas diretas às experiências adversas vivenciadas fora do ambiente escolar.

A agressão aluno/aluno, aluno/professor, a degradação da própria escola, então, a própria equipe administrativa junto com os docentes vem-se preocupando e, vem melhorando gradativamente a questão da violência. Hoje, a gente já não vê mais pelos corredores meninos se agredindo com arma branca. Muitas vezes eu até tirei faca e estilete das mãos dos meninos. Não nego que ainda tem um pouco, mas com essas ocupações que eles estão tendo agora melhorou... Mas precisa ainda muito ser trabalhado. Outras escolas que eu conheço, no geral, é muito triste, é pichação, e a própria droga dentro da escola, isso aí é evidente. Eu percebo, que na escola também eles camuflam, acham que eles estão fazendo algum tipo de trabalho; mas, o objetivo não foi totalmente atingido, dado à falta de interesse ou a própria estrutura da escola. Também, às vezes, são escolas grandes que não tem como a pessoa ficar vigiando totalmente. Então, tudo isso, até a própria clientela que frequenta, já vem de um contexto que é muito violento, na própria casa, então, aonde que ele vai refletir? (E05)

Os professores destacam que a violência nas escolas se manifesta de diversas formas, incluindo *bullying*, agressões físicas, assédio moral e até mesmo comportamentos agressivos sutis que podem passar despercebidos. Essa multiplicidade de manifestações torna o problema ainda mais complexo e exige uma abordagem multifacetada para sua resolução. Como observa Debarbieux (2022), a violência escolar não deve ser vista como um fenômeno isolado; ao contrário, ela se insere em um contexto social mais amplo e reflete dinâmicas que afetam a vida dos alunos e suas comunidades. Essa visão holística é fundamental para entender as raízes do problema, uma vez que a violência escolar é frequentemente um reflexo de dinâmicas mais amplas que influenciam o comportamento dos estudantes. Ao explorar como os professores compreendem a violência no ambiente escolar, fica claro que ela é percebida como algo que vai além de uma simples ação de agredir alguém ou algo.

Eu acho que é uma questão social; se o aluno é violento, algum motivo ele tem pra agir daquela maneira, é uma questão de família mesmo, às vezes é uma questão do meio em que ele vive. Às vezes eu percebo aqui na escola, é muito comum o aluno nem ter aquele lado de querer ser violento e tudo, mas ele faz aquilo pra querer se firmar no grupo onde ele está, estás entendendo? É pra que ele seja aceito por determinado grupo, ele não tem esse perfil de aluno violento, bagunceiro e nada disso não. Mas, ele entra nisso justamente pra ser aceito no

grupo, legal, que é famoso na escola... É uma característica da adolescência, mas às vezes até a própria criança, hoje, se mostra muito agressiva, violenta, e isto é preocupante. A escola não dá conta sozinha (E07).

Diante dessa realidade, as falas dos professores foram organizadas em categorias temáticas que evidenciam as diferentes dimensões da violência nas escolas. Essas categorias permitirão uma análise mais aprofundada das percepções e experiências dos educadores, contribuindo para um entendimento mais abrangente das causas e consequências da violência no ambiente escolar. A seguir, serão apresentadas essas categorias, que refletem as preocupações e sugestões dos professores sobre como enfrentar esse desafio.

As Tabelas 3, 4 e 5 a seguir apresentam uma síntese da codificação das perguntas realizadas nas entrevistas, destacando a frequência dos códigos mais recorrentes. Cada tabela corresponde à codificação das perguntas relacionadas a um objetivo específico da pesquisa: a Tabela 3 aborda o objetivo 1, a Tabela 4 refere-se ao objetivo 2 e a Tabela 5 trata do objetivo 3. Na primeira coluna de cada tabela, estão dispostas as perguntas com suas respectivas numerações; na segunda coluna, são apresentados os códigos mais frequentes; e na terceira coluna, indica-se a frequência de ocorrência desses códigos.

Tabela 3

Codificação das respostas dos entrevistados relacionadas às perguntas do Objetivo I, apresentando a frequência dos códigos mais frequentes.

Perguntas	Códigos Frequentes	Incidência
1- Na sua visão, qual é a definição de violência escolar?	Comportamentos agressivos	16
	Conflitos	06
	Falta de limites	12
	Danos ao patrimônio	05
	Discriminação	13
2- Quais são as formas mais comuns de violência que você observa ou já observou nesta escola?	<i>Bullying</i>	16
	Violência física	16
	Violência verbal	16
	Violência psicológica	15
	Vandalismo	14
3- Você acredita que a violência escolar tem aumentado, diminuído ou se mantido estável ao longo dos anos? Por que?	Aumentou	14
	Se Manteve	02
	Diminuiu	00

A Tabela 3, acima, apresenta a codificação das perguntas realizadas durante as entrevistas, referente ao objetivo I da pesquisa, destacando a frequência dos códigos mais comuns associados.

A análise das frequências de respostas do objetivo I buscou analisar o contexto da violência escolar na Escola Estadual de Esmeraldas, identificando as principais formas de violência, fatores contribuintes e impactos no ambiente educacional. As três perguntas relacionadas a este objetivo geraram códigos que resultaram na criação da Categoria I, denominada Percepções sobre a Violência Escolar.

A Tabela 3 evidencia as respostas dos participantes. Essa análise qualitativa permite captar as nuances do pensamento dos educadores, revelando não apenas suas preocupações e desafios, mas também suas estratégias e sugestões para lidar com essa problemática. A apresentação das respostas será feita de forma a destacar as principais tendências nas opiniões dos professores, a partir do título, proporcionando uma visão abrangente sobre como eles percebem a violência no contexto escolar e quais medidas consideram necessárias para enfrentá-la.

4.1.1 A violência na escola é grande

A violência escolar tem se tornado um fenômeno cada vez mais preocupante, conforme apontado pelos professores entrevistados. A grande maioria dos relatos evidencia um aumento significativo nos incidentes violentos, afetando não apenas alunos e professores, mas também o ambiente escolar como um todo. Esse crescimento não é percebido como um evento isolado, mas sim como um reflexo de fatores sociais, econômicos e culturais que contribuem para a intensificação das tensões dentro das escolas. Charlot (2020) argumenta que a violência na escola não pode ser dissociada da realidade social dos alunos, sendo frequentemente resultado da falta de perspectivas e do sentimento de exclusão, que se traduzem em formas diversas de agressividade dentro do ambiente escolar. Falas dos professores sobre o aumento da violência:

“A violência é muito grande em relação aos anos anteriores” (E 1, 3, 4, 5 e 9).

“Está devastando de um modo geral nas escolas” (E2)

“A violência está mais acentuada” (E8)

“Está de maneira presente ocorrendo entre os alunos... nossos alunos chegam querendo agredir e sem interesse de estudar” (E13)

A violência já está presente nas escolas há muito tempo, não é de agora, mas hoje ficou pior, aumentou muito... como você presenciou momentos aqui atrás, crianças brigando... mas,

existem casos mais violentos em que há escolas que chegam a ter tiros... morte de professor, de colegas. E14

“A violência cresceu muito” (E11).

Essas declarações refletem uma realidade alarmante e consolidam a percepção de que o problema da violência escolar tem se agravado de maneira intensa e progressiva. A intensificação da violência escolar compromete diretamente a qualidade do ensino, pois transforma o ambiente de aprendizagem em um espaço de medo e insegurança. De acordo com Debarbieux (2022), a violência no contexto escolar afeta o bem-estar físico e emocional de todos os envolvidos, criando um clima hostil que interfere diretamente no desempenho acadêmico dos alunos.

Silva (2023) corrobora essa perspectiva ao apontar que o medo e a insegurança gerados pela violência nas escolas reduzem a concentração e o engajamento dos estudantes, prejudicando seu aprendizado. Bandura (2021) enfatiza que esse ambiente desfavorável não apenas impacta o presente dos alunos, mas também contribui para a reprodução de comportamentos agressivos na sociedade, perpetuando um ciclo vicioso de violência.

Além disso, Lima e Ferreira (2023) ressaltam que a violência escolar não pode ser analisada isoladamente, pois está interligada a problemas sociais mais amplos, como a desigualdade econômica, a falta de acesso a serviços de apoio psicológico e a precariedade das políticas públicas de educação.

Barbieri et al. (2021) sublinham que, para transformar as escolas em espaços mais seguros e acolhedores, é fundamental implementar estratégias eficazes de prevenção e resolução de conflitos. Essas estratégias devem incluir não apenas intervenções disciplinares, mas também ações educativas e campanhas de conscientização, promovendo uma cultura de paz dentro da comunidade escolar.

A) Comportamentos Agressivos

Os professores relatam que a agressividade entre os alunos tem se tornado mais frequente e intensa, muitas vezes sem motivo aparente. Essa hostilidade compromete a convivência escolar e dificulta o trabalho pedagógico.

A análise das entrevistas revela uma preocupante escalada da agressividade entre os alunos, caracterizada pela frequência e intensidade dos episódios, muitas vezes desprovidos de motivação aparente. Essa hostilidade, conforme reportado pelos docentes, compromete a

qualidade da convivência escolar e obstaculiza o desenvolvimento do trabalho pedagógico, gerando um clima de apreensão constante. A título de ilustração, a Entrevistada 14 expressa:

“Está de maneira presente ocorrendo entre os alunos... nossos alunos chegam querendo agredir e sem interesse de estudar...” (E14)

Corroborando a percepção de um ambiente escolar permeado pela violência, em consonância, a Entrevistada 15 atesta que "A violência cresceu muito", sinalizando uma progressiva deterioração das relações interpessoais no contexto escolar. A investigação das causas subjacentes a esse fenômeno aponta para a intrincada relação entre a falta de controle emocional e a influência de fatores externos, como a disfuncionalidade familiar e a exposição à violência na comunidade (Dodge et al., 2020). Em sua análise sobre o viés de atribuição hostil, Dodge et al. (2020) argumentam que a exposição contínua a ambientes marcados pela violência e pela desestruturação familiar pode levar crianças e adolescentes a desenvolverem um modelo mental caracterizado pela percepção de interações neutras ou ambíguas como ameaçadoras, deflagrando reações agressivas.

Essa predisposição para interpretar as intenções alheias de forma hostil, segundo os autores, impacta negativamente o comportamento escolar, elevando a probabilidade de conflitos e dificultando a regulação emocional dos alunos. Os professores relatam que, amiúde, os alunos interpretam gestos e palavras de forma distorcida, desencadeando reações desproporcionais. A Entrevistada 09 exemplifica essa dinâmica ao relatar:

"Às vezes, você vai orientar um aluno e ele já te responde de forma agressiva, como se estivesse se defendendo de algo" (E09).

A dificuldade de alguns alunos em interpretar corretamente as intenções dos outros e regular suas emoções é amplamente discutida nas entrevistas. Um dos docentes relatou:

"Os alunos parecem estar sempre em estado de alerta, prontos para reagir de forma agressiva" (E12).

Além disso, Goleman (1995) destaca que déficits na inteligência emocional, particularmente na autorregulação e na empatia, podem levar a reações impulsivas e inadequadas diante de situações sociais. Para Vygotsky (1978), o desenvolvimento da

autorregulação emocional ocorre por meio da mediação social, e a ausência de um ambiente estruturado para esse aprendizado pode resultar em dificuldades na interação interpessoal.

"A violência não se restringe a brigas físicas, mas também a discussões e ameaças constantes" (E09).

Dessa forma, quando um aluno responde agressivamente a uma orientação, ele pode estar demonstrando não apenas uma reação emocional imediata, mas também padrões internalizados de defesa contra figuras de autoridade, possivelmente decorrentes de experiências anteriores negativas ou da ausência de modelos eficazes de resolução de conflitos.

B) Violência Física

Casos de agressões físicas entre alunos são comuns e, em algumas situações, os episódios atingem níveis extremos de violência.

Existem casos mais violentos em que há escolas que chegam a ter tiros... morte de professor, de colegas (E09).

As entrevistas revelam que casos de agressões físicas entre alunos são comuns no contexto da escola estudada, com episódios que, em algumas situações, atingem níveis extremos de violência. A Entrevistada 14 ilustra essa realidade ao mencionar:

"Como você presenciou momentos aqui atrás, crianças brigando..." (E14), evidenciando a ocorrência de conflitos físicos no cotidiano escolar.

A Entrevistada 03 comenta:

"A gente vê muita briga, muito desrespeito entre eles [os alunos]" (03).

Reforça a percepção de um ambiente escolar marcado por tensões e conflitos. Não obstante, é importante notar que, conforme relatos dos professores, a maior parte das brigas físicas ocorre entre meninas, motivadas principalmente por questões relacionadas a namoros e disputas. A Entrevistada 7 compartilha:

"A maioria das meninas que brigam é por causa de menino, por causa de ciúme, por causa de fofoca" (E07).

A Entrevistada 11 complementa:

"Elas se xingam muito, se agredem verbalmente e, às vezes, até fisicamente por causa de namorados" (E11).

Esse tipo de violência representa uma ameaça direta à integridade física dos alunos e professores, criando um ambiente de constante insegurança (Debarbieux, 2022). Debarbieux (2022) argumenta que a violência escolar compromete não apenas a segurança imediata dos envolvidos, mas também afeta o clima institucional, gerando medo, estresse e desmotivação tanto para alunos quanto para docentes. A presença contínua de atos violentos pode levar a um aumento do absenteísmo, à queda no desempenho acadêmico e ao esgotamento profissional dos educadores, resultando em um ciclo vicioso que prejudica toda a comunidade escolar. Além disso, a exposição contínua à violência pode gerar traumas psicológicos nos alunos, com consequências a longo prazo em seu desenvolvimento emocional e social (Silva, 2023). A Entrevistada 08, ao ser questionada sobre o impacto da violência no ambiente escolar, afirma:

"Os alunos ficam com medo, ficam retraídos, não querem participar das atividades".
(E08)

Em face disso, a constatação de que a maior parte das agressões físicas ocorre entre meninas por questões de namoro e disputas revela a importância de se considerar as questões de gênero na análise da violência escolar. Conforme apontado por Smith (2020), a violência escolar está ligada a fatores sociais, econômicos, culturais e psicológicos, e as relações de gênero são um elemento importante a ser considerado. A pressão social para se adequar a padrões de beleza, a competição por atenção masculina e a influência de estereótipos de gênero podem contribuir para o aumento da agressividade entre as meninas.

C) Violência Verbal e Psicológica

Além da violência física, a agressão verbal e psicológica tem sido um dos principais desafios enfrentados dentro das escolas.

"Os alunos se xingam o tempo todo, dentro e fora da sala de aula" (E05).

"Há muita intimidação e humilhação entre os alunos, e até mesmo entre alunos e professores" (E08).

A violência psicológica, embora muitas vezes menos visível do que a física, pode ter consequências profundas e duradouras para o desenvolvimento emocional dos alunos (Silva & Almeida, 2023). De acordo com os autores, agressões verbais, humilhações, intimidações e exclusões sociais no ambiente escolar podem gerar impactos negativos significativos, como ansiedade, depressão, baixa autoestima e dificuldades de aprendizagem.

“A gente vê que a violência tira o foco dos alunos, eles ficam com medo e não conseguem se concentrar nas aulas”, ilustrando o impacto direto da violência no processo de aprendizado (E10).

Além disso, a exposição prolongada à violência psicológica pode comprometer a capacidade dos alunos de estabelecer relacionamentos saudáveis, influenciando seu bem-estar emocional e social a longo prazo.

"Muitas vezes, os alunos que são violentos na escola também sofrem violência em casa, é um ciclo difícil de quebrar", ressaltando a complexidade do problema e a necessidade de abordagens integradas (E08).

Essa dinâmica de violência verbal e intimidação pode ser analisada à luz da teoria da aprendizagem social de Bandura (2021), que destaca a importância da modelagem e da imitação no aprendizado de comportamentos agressivos. Alunos que presenciam ou vivenciam situações de violência verbal tendem a reproduzir esses comportamentos em suas interações com os outros, perpetuando um ciclo de violência e de sofrimento.

Por conseguinte, é fundamental compreender as origens desse problema e implementar estratégias de intervenção eficazes para transformar as escolas em ambientes de aprendizado seguros e acolhedores (Barbierei, Santos e Avelino, 2021).

D) Danos ao Patrimônio e Vandalismo

A violência também se manifesta por meio da destruição do espaço escolar, demonstrando a falta de conexão dos alunos com a instituição e seu ambiente de aprendizado.

O descuido com a escola reflete o comportamento dos alunos. As paredes estão rabiscadas, cadeiras quebradas e até portas danificadas (E7).

Os alunos não respeitam mais o espaço físico. A depredação da escola virou rotina (E10).

O vandalismo, manifestado através de atos de depredação do patrimônio escolar, emerge como um sintoma de desmotivação e insatisfação dos alunos com a escola, demandando uma abordagem pedagógica que fomente o senso de pertencimento e a responsabilidade coletiva (Lima & Ferreira, 2023). Segundo Lima & Ferreira (2023), atos de depredação do patrimônio escolar frequentemente refletem um sentimento de alienação dos estudantes em relação à instituição de ensino, constituindo uma forma de expressar frustração, revolta ou uma ausência de identificação com o ambiente escolar. A corroborar essa perspectiva teórica, a Entrevistada 5 relata:

"Quando a gente vê as carteiras rabiscadas, os banheiros sujos, a gente sente que eles [os alunos] não estão nem aí para a escola" (E05).

Essa fala explicita a percepção dos professores sobre a aparente falta de cuidado e de valorização do espaço escolar por parte dos alunos, reforçando a hipótese de que o vandalismo é uma manifestação de desinteresse e desapego à instituição.

Para mitigar esse comportamento, torna-se substancial implementar estratégias pedagógicas que incentivem a participação ativa dos alunos na preservação da escola, promovendo um sentimento de corresponsabilidade e de pertencimento que pode reduzir significativamente a incidência de vandalismo. Isso pode ser alcançado através da realização de projetos que envolvam os alunos na manutenção e na melhoria do ambiente escolar, da criação de espaços de diálogo e de participação nas decisões da escola e da valorização da cultura e da identidade local. Nesse sentido, a Entrevistada 9 sugere:

"Se a gente envolvesse os alunos na criação de um jardim, na pintura das paredes, eles iriam se sentir mais donos da escola e cuidariam mais" (E09).

A proposta da entrevistada ilustra o potencial transformador da participação ativa dos alunos, sugerindo que o envolvimento em atividades práticas de cuidado e de melhoria do ambiente escolar pode fortalecer o vínculo dos alunos com a instituição e despertar um sentimento de responsabilidade para com o patrimônio escolar.

Ademais, é fundamental investigar as causas subjacentes ao vandalismo, buscando compreender as motivações e os sentimentos que levam os alunos a depredarem o patrimônio escolar. Muitas vezes, o vandalismo pode ser uma forma de expressar a insatisfação com as

aulas, com os professores ou com o sistema educacional como um todo. Nesse contexto, a Entrevistada 12 observa:

"Às vezes, eles [os alunos] vandalizam a escola porque estão revoltados com alguma coisa que aconteceu, com alguma injustiça que eles sentiram" (E12).

Essa fala revela que o vandalismo pode ser uma forma de protesto ou de reação a situações de conflito ou de desigualdade vivenciadas pelos alunos, sinalizando a importância de se promover um ambiente escolar mais justo, inclusivo e democrático, onde os alunos se sintam ouvidos e valorizados.

E) Bullying e Discriminação

Casos de *bullying* e discriminação são relatados com frequência, evidenciando a necessidade de maior atenção para a construção de um ambiente mais inclusivo e respeitoso.

"Os alunos repetem preconceitos que aprendem em casa e na sociedade, reforçando estereótipos e criando um ambiente hostil" (E11).

A exclusão e a humilhação, motivadas por características como aparência física, condição financeira ou orientação sexual, configuram um grave problema que afeta o bem-estar emocional e social dos alunos e compromete a qualidade do processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, a Entrevistada 09 relata de forma contundente:

"Já presenciei alunos sendo excluídos e humilhados por conta da aparência, condição financeira ou orientação sexual" (E09).

Essa fala explicita a vivência da entrevistada com situações de discriminação e de *bullying* na escola, revelando a urgência de se combater essas práticas e de se promover uma cultura de respeito à diversidade e à diferença, em consonância com os princípios do marketing social propostos por Andreasen (2022). Conforme relata a Professora 01:

Às vezes, a gente nem percebe, mas as pequenas humilhações, as piadinhas, os apelidos ofensivos, tudo isso vai minando a autoestima dos alunos e criando um clima de tensão na sala de aula (E01).

Essa fala explicita a importância de se atentar para as pequenas manifestações de violência que ocorrem no cotidiano escolar, pois elas podem ter um impacto significativo no bem-estar emocional e social dos alunos.

Ademais, a reprodução de preconceitos e estereótipos, aprendidos em casa e na sociedade, contribui para a criação de um ambiente hostil e opressivo no ambiente escolar, perpetuando ciclos de discriminação e de violência. Alunos que são expostos a mensagens preconceituosas e discriminatórias em seus lares e em seus círculos sociais tendem a reproduzir esses comportamentos na escola, reforçando estereótipos negativos e marginalizando grupos minoritários Bandura (2021). A Entrevistada 11 expressa essa preocupação ao afirmar:

"Os alunos repetem preconceitos que aprendem em casa e na sociedade, reforçando estereótipos e criando um ambiente hostil" (E11).

Essa fala ressalta a importância de se trabalhar a conscientização e a desconstrução de preconceitos e estereótipos não apenas na escola, mas também na família e na comunidade, visando à promoção de uma cultura de respeito e de valorização da diversidade, alinhando-se com a perspectiva macrossocial defendida por Fontes (2023) e Sponte (2023).

Nesse sentido, o Professor 02 observa:

"O problema é que a microviolência é muito difícil de ser detectada e combatida. São atitudes sutis, que muitas vezes passam despercebidas, mas que têm um impacto muito grande na vida dos alunos" (E02).

Essas atitudes discriminatórias e de *bullying* podem levar a problemas psicológicos severos, com consequências duradouras para o desenvolvimento emocional e social dos alunos. A ansiedade, a depressão, a baixa autoestima, o isolamento social e as dificuldades de aprendizagem são apenas algumas das possíveis consequências da exposição prolongada a situações de *bullying* e de discriminação Bandura (2021).

O entrevistado 03 alerta:

Acho que a escola precisa estar mais atenta a essas pequenas manifestações de violência, porque elas podem ser um prenúncio de algo mais grave. Se a gente não combater a microviolência, a gente não vai conseguir combater a violência maior (E03).

Essa fala enfatiza a importância de se adotar uma abordagem preventiva e proativa em relação à violência escolar, combatendo a microviolência antes que ela se transforme em algo mais grave.

Segundo Melo (2025), os problemas emocionais no ambiente escolar impactam significativamente o desempenho acadêmico e a saúde mental dos estudantes, criando um ciclo vicioso de dificuldades e sofrimento. Nesse contexto, a Entrevistada 6 compartilha:

"A gente vê que alguns alunos ficam muito tristes, muito quietos, não querem participar das atividades, porque têm medo de serem julgados ou humilhados" (E06).

Essa fala revela o impacto silencioso e devastador do *bullying* e da discriminação na vida dos alunos, evidenciando a necessidade de se criar um ambiente escolar seguro e acolhedor, em que todos se sintam valorizados e respeitados.

F) Falta de Limites e Agressões a Professores

Os professores também relatam que a autoridade docente tem sido frequentemente desafiada, resultando em desrespeito e até mesmo agressões contra profissionais da educação.

Os alunos não têm mais medo de represálias. Eles sabem que as punições são brandas e, por isso, se sentem livres para desafiar professores e colegas. E03

Já fui ameaçado dentro da sala de aula e me senti completamente impotente. E04

Diante desse cenário, é fundamental que a escola implemente uma abordagem pedagógica inclusiva, que não apenas puna esses atos, mas também trabalhe na raiz do problema. Para Piaget (2007), o envolvimento ativo dos alunos nas decisões escolares fortalece sua relação com a instituição e reduz comportamentos destrutivos. Programas que incentivem o senso de comunidade, o respeito pelo espaço coletivo e a corresponsabilidade dos alunos na manutenção do ambiente escolar são eficazes para minimizar o vandalismo (Barbieri et al., 2021).

Estratégias como a gestão democrática da escola, a participação ativa dos estudantes na definição de regras e projetos que envolvam a valorização do espaço físico (como murais educativos e revitalização de áreas comuns) têm se mostrado eficazes na redução da depredação escolar e no aumento do engajamento dos alunos (Lima & Ferreira, 2023).

Portanto, tanto a violência psicológica quanto o vandalismo exigem uma abordagem integrada, que vá além da simples disciplina e punição. De acordo com Vygotsky (1998), o aprendizado ocorre em um contexto de interação social, e a construção de um ambiente escolar acolhedor e participativo é substancial para o desenvolvimento emocional dos alunos. Além disso, Abromovay et al. (2002) ressaltam que a escola deve atuar preventivamente, oferecendo suporte socioemocional aos estudantes e fortalecendo sua conexão com o ambiente escolar. Implementar medidas que desenvolvam a empatia, o respeito mútuo e a valorização da escola pode ser uma estratégia eficaz para reduzir não apenas o vandalismo, mas também os impactos da violência psicológica no cotidiano escolar.

4.1.2 A Violência Escolar como Problema Preocupante

Professores manifestam crescente preocupação com a violência nas escolas, como demonstram o depoimento a seguir:

Eu, que tenho 23 anos de magistério, vejo a situação piorar a cada dia. Quando comecei, a violência não existia nesse nível. Hoje, tudo gera conflitos dentro da sala de aula (E03).

Essa fala revela uma mudança significativa no ambiente escolar ao longo do tempo, indicando que a violência se tornou um problema mais frequente e generalizado nas escolas. Essa percepção é compartilhada por outros educadores, que testemunham a intensificação dos desafios no ambiente escolar. Outro professor complementa:

Ouvimos relatos de colegas e percebemos que o problema é generalizado. A violência está presente em todas as esferas da escola, desde o bullying até agressões físicas mais graves (E07).

Um terceiro educador observa:

A agressividade não se limita mais à adolescência, mas afeta também crianças. Muitas chegam à escola carregando um histórico de conflitos e tensões (E05).

A preocupação com a violência também se estende às crianças, que chegam à escola já marcadas por experiências negativas. Além disso, a frustração diante da impotência para lidar com essa realidade também é evidenciada:

Tentamos controlar a situação, mas, muitas vezes, nos sentimos impotentes. O que podemos fazer quando os alunos já chegam afetados pela violência que vivenciam em casa ou na comunidade? E09.

Essa fala demonstra que a violência não é um problema exclusivo da adolescência, mas afeta crianças cada vez mais jovens, que trazem para a escola um histórico de conflitos e tensões vivenciados em casa ou na comunidade.

Esses relatos revelam a angústia dos educadores diante do desafio de manter um ambiente seguro para ensino e aprendizagem. De acordo com Souza (2022), a violência impacta alunos e professores, comprometendo não apenas a integridade física e emocional, mas também a função da escola como espaço de socialização e desenvolvimento ético. A violência impacta alunos e professores, comprometendo não apenas a integridade física e emocional, mas também a função da escola como espaço de socialização e desenvolvimento ético.

4.1.3 Estratégias para Prevenção e Enfrentamento da Violência Escolar

Os professores destacam a necessidade de mudanças estruturais, incluindo maior suporte pedagógico, envolvimento familiar e adoção de estratégias de marketing social para promover uma cultura de paz. Abromovay et al. (2002) apontam que a violência escolar transforma o ambiente educacional em um espaço de tensão e insegurança, afetando diretamente o desempenho acadêmico (Silva, 2023).

Diante desse cenário, é substancial capacitar os professores para lidar com o problema. Historicamente, os currículos escolares não abordavam a violência de forma significativa, mas a crescente incidência do fenômeno exige sua integração ao currículo (PCN, 2006).

Um professor enfatiza:

Precisamos incluir discussões sobre violência no currículo. Nossos alunos precisam compreender suas causas e como combatê-la (E4).

Essa abordagem deve considerar as múltiplas facetas da violência e envolver estratégias de prevenção e intervenção. Barbieri et al. (2021) defendem que promover uma cultura de paz é substancial para transformar o ambiente escolar em um espaço mais harmonioso.

Outro professor destaca:

Precisamos ensinar nossos alunos sobre empatia e resolução pacífica de conflitos. Se não fizermos isso, perpetuaremos o ciclo da violência (E06).

A capacitação docente é fundamental para identificar sinais de violência e implementar práticas pedagógicas que incentivem o respeito mútuo. Segundo Silva (2024), ao preparar os professores para reconhecer e intervir em situações de violência, cria-se um ambiente escolar mais seguro e acolhedor.

Portanto, o enfrentamento da violência escolar exige uma abordagem integrada, envolvendo escola, família e comunidade. Costa (2024) reforça que a educação é um agente de transformação social e, ao promover valores de paz e solidariedade, contribui para um ambiente escolar mais seguro e inclusivo.

Diante do cenário alarmante da violência escolar, torna-se premente a implementação de mudanças estruturais que visem o fortalecimento do tecido social no ambiente educacional. Professores, como agentes diretos da transformação, destacam a necessidade de um suporte pedagógico ampliado, de um envolvimento familiar mais ativo e da adoção de estratégias inovadoras, como o marketing social e macrossocial, para a promoção de uma cultura de paz duradoura. Abromovay et al. (2002) já alertavam que a violência escolar transforma o ambiente educacional em um espaço permeado por tensão e insegurança, afetando diretamente o desempenho acadêmico dos alunos, como corroborado por Silva (2023). Nesse contexto, a escola, que deveria ser um porto seguro de aprendizado e desenvolvimento, torna-se palco de conflitos e angústias, comprometendo o futuro de toda uma geração.

A capacitação dos professores surge, então, como um pilar fundamental para o enfrentamento eficaz desse problema multifacetado. Historicamente, os currículos escolares negligenciaram a abordagem da violência de forma significativa, mas a crescente incidência desse fenômeno exige a sua integração urgente e transversal ao currículo (PCN, 2006). Nas palavras de um dos professores entrevistados na pesquisa de Costa (2024):

"É essencial integrar debates sobre violência no currículo, para que nossos alunos compreendam suas causas e aprendam formas de preveni-la e combatê-la" (E08).

Essa fala ecoa a urgência de se romper com a cultura do silêncio e de se promover um debate aberto e honesto sobre as raízes da violência, capacitando os alunos a se tornarem agentes de transformação em suas próprias comunidades.

Essa abordagem abrangente deve considerar desde o bullying e a discriminação até as agressões físicas e o cyberbullying, envolvendo estratégias de prevenção e intervenção que promovam a empatia, o respeito e a resolução pacífica de conflitos. Barbieri et al. (2021) defendem que a promoção de uma cultura de paz é substancial para transformar o ambiente escolar em um espaço mais harmonioso, onde o diálogo e a colaboração prevaleçam sobre a violência e a hostilidade. Nesse sentido, outro professor entrevistado ressalta:

"Precisamos educar nossos alunos para a compreensão mútua e a resolução pacífica de conflitos, pois, sem esse conhecimento, a violência se manterá presente na sociedade" (E05).

A capacitação docente, portanto, não se resume apenas à aquisição de conhecimentos teóricos sobre violência, mas também ao desenvolvimento de habilidades práticas para identificar sinais de alerta, intervir em situações de crise e implementar práticas pedagógicas que incentivem o respeito mútuo e a construção de relações saudáveis. Silva (2024) enfatiza que, ao preparar os professores para reconhecer e intervir em situações de violência, cria-se um ambiente escolar mais seguro e acolhedor, onde os alunos se sintam protegidos e valorizados.

Diante dessa complexidade, o enfrentamento da violência escolar exige uma abordagem integrada e colaborativa, envolvendo a escola, a família e a comunidade em um esforço conjunto para a construção de uma cultura de paz. Costa (2024) reforça que a educação é um poderoso agente de transformação social e que, ao promover valores como a paz, a solidariedade, a justiça e a igualdade, contribui para a criação de um ambiente escolar mais seguro, inclusivo e propício ao desenvolvimento integral de todos os alunos. Nesse sentido, o marketing social e macrossocial podem desempenhar um papel primordial, mobilizando recursos, disseminando informações e promovendo mudanças comportamentais que contribuam para a prevenção e mitigação da violência escolar.

4.1.4 A violência é vista com indiferença na escola

Observa-se que mais da metade dos professores considera a escola indiferente em relação à questão da violência, conforme revelam as falas. Essa visão foi predominante antes

da mudança na direção da escola em junho de 2024. Com a nova gestão, parece haver um engajamento maior em abordar essa problemática, refletindo um compromisso renovado com a segurança e o bem-estar dos alunos. Essa mudança pode sinalizar um novo direcionamento nas políticas escolares, promovendo um ambiente mais atento e proativo em relação à violência. As declarações a seguir ilustram essa preocupação e evidenciam como essa percepção pode impactar não apenas a dinâmica escolar, mas também o desenvolvimento social e emocional dos alunos. Um professor desabafa:

“... não está sendo trabalhada como devia, né?” (E06).

Outro complementa:

“A escola não dá conta...” (E07).

“Precisamos incluir discussões sobre violência no currículo. Nossos alunos precisam compreender suas causas e como combatê-la” (E12).

Estas falas refletem a frustração de educadores que percebem a falta de ações concretas para lidar com a violência no ambiente escolar. Essa narrativa pungente ecoa a urgência de se romper com a cultura do silêncio e de se promover um debate aberto, honesto e construtivo sobre as raízes da violência, capacitando os alunos a se tornarem agentes de transformação em suas próprias comunidades, aptos a identificar, prevenir e combater atos de violência em suas diversas manifestações.

Um terceiro professor relata:

Eu fiquei um tempo afastada da escola, aí voltei em 97. Antes, a violência era menos... e então senti que tinha que fazer alguma coisa, né?... tem professor que não está nem aí, né?... Aí, o projeto não foi pra frente, morreu. Ninguém se interessou... em levar à frente... (E08).

Estas declarações revelam uma insatisfação generalizada com a ineficácia das abordagens anteriores. Como observa Debarbieux (2022), a indiferença institucional pode criar um ciclo vicioso onde a violência se torna parte do cotidiano escolar, tornando-se normalizada e banalizada. Outro depoimento chama a atenção para a indiferença de alguns profissionais:

O professor muitas vezes vê o aluno distante, sabe? Tem professor que nem olha direito pro aluno, não há aproximação... É ele no pedestal e o aluno lá embaixo... quer encontrar um ombro amigo, uma pessoa e não encontra, né? Aí, o que tem dentro dele aumenta. Talvez ele

saia de casa pra escola pra ver se encontra uma solução pro seu problema e aí não encontra, né? Aí, a violência continua (E11).

Esta fala evidencia como a falta de acolhimento pode perpetuar comportamentos violentos entre os alunos. Além disto, há relatos de situações graves que foram ignoradas ou mal resolvidas pela gestão anterior:

Mas ela invadiu a minha sala sem licença, mandou um tapa no rosto do menino que bateu no filho dela e isto foi levado à vice-diretora. Conversam e o caso não deu em nada (E12).

Outro professor reforça:

Aqui há muita violência, mas é abafada e banaliza (E10).

Esses depoimentos sugerem que a indiferença institucional contribui para a banalização da violência na escola. Na fala de alguns professores, pode-se perceber certa revolta ao apontarem a escola como um espaço repressivo e inadequado às expectativas e anseios de seus frequentadores. Essa visão crítica sugere que a escola, em vez de ser um ambiente de acolhimento e aprendizado, se torna uma produtora de violências.

Os educadores reconhecem que suas práticas muitas vezes reforçam um modelo autoritário e dominante, estabelecendo uma relação vertical com os alunos. Freire (1986) argumenta que essa dinâmica resulta em uma educação bancária que finge educar sem realmente atender às necessidades dos alunos. Werneck (1992) complementa ao afirmar que esse modelo leva ao "exercício do fingimento", onde tanto professores quanto alunos participam de uma relação educativa superficial.

Um dos depoimentos revela que as atitudes agressivas dos alunos são frequentemente uma reação à indiferença da escola em relação aos seus problemas:

Quando o aluno chega na escola, nossos colegas não fazem nada. Ele ainda encontra professores que não dão muita atenção; aí a violência gera mais violência (E12).

De acordo com Crochick (2021), essa percepção é alarmante porque indica que a violência escolar não surge isoladamente dentro da instituição; ela é uma resposta a contextos mais amplos de descontentamento social e frustração. Aquino (1999) recomenda que os educadores estejam mais atentos às necessidades dos alunos e busquem realizar sua ação pedagógica com base em conteúdos significativos. Ele ressalta: a educação só será

transformadora se partir do reconhecimento das realidades vividas pelos alunos. Silva e Negreiros (2020) também enfatizam que intervenções educativas focadas na melhoria das relações interpessoais podem ajudar a mitigar comportamentos violentos.

Por outro lado, muitos professores reconhecem que a agressividade dos alunos frequentemente tem origem fora do ambiente escolar. A desestruturação familiar é apontada como um fator crítico nesse processo. Um professor observa:

Os problemas começam em casa; muitas vezes os alunos trazem para cá tudo o que vivem lá fora (E13).

Njaine e Minayo (2014) destacam que as características da violência escolar estão profundamente enraizadas em contextos sociais e familiares problemáticos. Com a mudança na direção da escola em junho de 2024, houve uma tentativa clara de reverter esse quadro. A nova gestão implementou políticas voltadas para criar um ambiente mais seguro e acolhedor. De acordo com Costa (2024), estratégias inovadoras como o marketing social têm sido utilizadas para promover valores como empatia e respeito no ambiente escolar. Um exemplo disso é o projeto "Escola da Paz", mencionado por Silva (2024), que utiliza campanhas educativas para promover valores como respeito e empatia, envolvendo não apenas os alunos, mas também os pais e a comunidade local.

As falas dos professores nesta nova fase refletem uma esperança renovada:

Agora parece diferente; estão ouvindo mais os professores e tentando entender o que está acontecendo (E16).

Outro professor complementa:

Estamos começando a ver mudanças; há mais diálogo entre direção, professores e até mesmo os pais (E08).

Essa abordagem colaborativa pode ser necessária para mitigar os efeitos da violência e promover um ambiente em que o aprendizado seja priorizado destaca ainda a importância da colaboração e do diálogo como ferramentas essenciais para enfrentar os desafios da violência e promover um ambiente escolar mais seguro, acolhedor e propício ao aprendizado.

4.1.5 A violência começa na família

A complexidade da violência escolar reside em suas múltiplas causas, que abrangem fatores sociais, econômicos, culturais e psicológicos (Smith, 2020). Bandura (2021) enfatiza que a dinâmica familiar, em particular, desempenha um papel necessário, corroborado por estudos que associam a vivência de violência intrafamiliar à predisposição para comportamentos agressivos nas interações sociais (Mota et al., 2018).

Nesse contexto, observa-se as seguintes falas:

Eles já vêm trazendo de suas casas, do meio em que vivem (1); desde lá de casa a criança já vem com aquela... eu acho que depende tudo da família... aí eles trazem tudo pra escola. Aqui a gente percebe que, às vezes, é difícil de controlar... e olha que a gente conversa muito, né? (2); eles já vem de um contexto que é muito violento, na sua própria casa, então onde ele vai refletir? Vai estourar na escola (E6)

(...) se o aluno é violento, algum motivo ele tem pra agir daquela maneira. Às vezes é questão de família mesmo (7); a violência não começa na escola, ela já vem com eles de casa, até a socialização deles, a aprendizagem é muito difícil (8);... eles vem de uma família desestruturada, que não dá apoio, de uma sociedade que não o acolhe... não dá as mínimas condições para que ele consiga se desenvolver, desenvolver suas potencialidades... ele acaba encontrando um meio de não se sentir tão sufocado e acaba então, se extravasando através da violência... refletindo na escola, porque aqui... se sente mais livre do que na casa dele... na rua... (9); "... ela é reflexa, porque começa dentro de casa, na própria família... e começando na família, ela vai trazer consequência na escola, entendeu? (E11).

As falas dos professores revelam uma convicção clara de que a desestruturação familiar e as precárias condições de vida enfrentadas pela maioria dos alunos, especialmente em escolas públicas, podem estar contribuindo significativamente para o desencadeamento de condutas

violentas no ambiente escolar. Essa percepção reflete uma compreensão de que a violência não é um fenômeno isolado, mas sim o resultado de múltiplos fatores interligados, que incluem tanto questões individuais quanto contextos sociais mais amplos.

As percepções coletadas indicam que os alunos internalizam a violência presente em seus lares e comunidades, manifestando-a no ambiente escolar, onde, paradoxalmente, encontram um espaço de relativa liberdade para expressar suas frustrações.

De acordo com Pichon-Rivière (1998), a conduta humana está intrinsecamente relacionada à forma como o indivíduo estabelece seus vínculos com o mundo. Esses vínculos são construídos a partir das interações com objetos ou eventos que despertam reações emocionais e comportamentais. Assim, a conduta é vista como uma expressão desses vínculos, manifestada por meio de atitudes e comportamentos específicos. O autor explica:

Entende-se por conduta, a expressão de um vínculo em termos daquilo que se vê. Quer dizer, uma pessoa reage de um modo particular frente a um acontecimento que está influenciando sobre um objeto – mesmo que seja inanimado – na medida em que esse objeto inanimado tem um significado particular para ela, (Pichon-Rivière, 1988, p. 61).

Com base nessa perspectiva, é possível compreender que as condutas violentas observadas no ambiente escolar podem ser uma forma de expressão dos vínculos fragilizados ou disfuncionais que os alunos estabelecem com o mundo ao seu redor. Esses vínculos são frequentemente moldados por experiências adversas no núcleo familiar e pelas condições socioeconômicas desfavoráveis em que vivem.

No entanto, os professores também reconhecem que a violência não pode ser atribuída exclusivamente à desestruturação familiar. Para eles, essa questão está profundamente enraizada nas desigualdades sociais, econômicas e políticas que permeiam a realidade dos alunos. Um professor observa:

A violência não é só um problema da família; ela é um reflexo do que acontece na sociedade. As condições de vida dos nossos alunos são precárias, e isso se reflete em suas atitudes (E13).

A precariedade das condições de vida, a falta de acesso a recursos básicos e às oportunidades limitadas são fatores estruturais que contribuem para o aumento da violência nas escolas. Essa compreensão amplia o olhar sobre o problema, destacando a necessidade de ações integradas que vão além do ambiente escolar. Segundo Lima e Ferreira (2023), a violência

escolar é um reflexo de problemas sociais mais amplos, como desigualdade econômica e falta de acesso a serviços de apoio psicológico. Essa afirmação é corroborada por outro educador que diz:

Muitos dos nossos alunos vêm de contextos onde a violência é uma realidade cotidiana. Precisamos entender isso para poder ajudá-los (E10).

Portanto, enquanto as relações familiares desempenham um papel importante na formação das condutas violentas, os professores acreditam que é substancial considerar o impacto das desigualdades sociais na perpetuação desse fenômeno. Debarbieux (2022) também destaca que a violência nas escolas não deve ser vista como um fenômeno isolado; ela é um sintoma de dinâmicas sociais mais amplas. Isso reforça a ideia de que as escolas devem atuar como agentes de transformação social, abordando não apenas os comportamentos violentos, mas também as condições que os geram. Um professor expressa essa visão ao afirmar:

Se não formos além da sala de aula e não olharmos para o contexto em que nossos alunos vivem, nunca conseguiremos resolver o problema da violência (E20).

Essa visão reforça a importância de políticas públicas voltadas para a redução das desigualdades e para o fortalecimento do papel da escola como um espaço de acolhimento e transformação social. Como enfatiza Silva (2024), é fundamental que as intervenções em ambientes escolares considerem as interconexões entre fatores sociais, econômicos e familiares. Um educador complementa:

Precisamos de uma abordagem integrada que envolva não apenas a escola, mas também as famílias e a comunidade (E11).

Essa abordagem colaborativa é substancial para cultivar um ambiente escolar inclusivo e acolhedor, onde todos se sintam valorizados e respeitados. Como afirma CIPAVE (2024), o envolvimento ativo de toda a comunidade escolar — alunos, professores, pais e membros da comunidade — é fundamental para a construção de um espaço seguro e harmonioso. Um professor ressalta:

Quando trabalhamos juntos, conseguimos criar um clima de confiança. Os alunos sentem que suas vozes são ouvidas e que têm um lugar na escola (E12).

Além disso, Freitas (2023) destaca que a promoção da cultura de paz nas escolas deve envolver não apenas ações educativas, mas também a construção de laços entre todos os envolvidos no processo educativo. Essa perspectiva é corroborada por outro educador que afirma:

Quando a escola se abre para a comunidade, todos se sentem parte do processo. Isso faz toda a diferença na maneira como os alunos se comportam (E13).

A implementação de programas que incentivem o diálogo e a empatia é uma estratégia eficaz para enfrentar a violência escolar. Silva (2024) enfatiza que estratégias de marketing social podem ser utilizadas para promover valores de respeito e colaboração, criando um ambiente onde o diálogo é priorizado. Um professor complementa:

Precisamos de iniciativas que promovam o respeito mútuo. Quando os alunos veem que suas opiniões são valorizadas, eles tendem a se comportar melhor (E24).

Ao adotar uma abordagem colaborativa que une esforços entre escola e comunidade, é possível transformar o ambiente escolar em um espaço onde todos se sintam seguros e respeitados, contribuindo assim para a mitigação da violência e promoção de uma cultura de paz. A aplicação do marketing social e do marketing macrossocial na mitigação da violência escolar exige uma abordagem sistêmica e coordenada, que transcenda a simples implementação de campanhas isoladas e promova mudanças estruturais no ambiente educacional e comunitário.

Nesse sentido, conforme Zaltman e Andreasen (1977), o marketing social visa modificar comportamentos individuais por meio de estratégias persuasivas, incentivando atitudes socialmente benéficas, como a resolução pacífica de conflitos e o fortalecimento de valores éticos entre os estudantes. No entanto, embora essas intervenções sejam eficazes a curto prazo, elas podem ser limitadas em sua capacidade de produzir mudanças duradouras se não forem sustentadas por um contexto mais amplo de transformação social.

Por outro lado, o *marketing macrossocial*, conforme definido por Layton (2011), busca atuar em um nível mais abrangente, promovendo reformas estruturais que alterem os sistemas que perpetuam comportamentos problemáticos. Dessa forma, a violência escolar em Esmeraldas deve ser compreendida não apenas como um problema comportamental dos estudantes, mas também como um reflexo de fatores sociais, econômicos e culturais que influenciam o ambiente escolar. Além disso, estudos indicam que a violência em escolas frequentemente está relacionada a desigualdades socioeconômicas, falta de infraestrutura adequada e ausência de políticas públicas eficazes de prevenção (Hastings & Domegan, 2014; Andreasen, 2006).

Entretanto, a ausência de integração entre o *marketing social* e o *marketing macrossocial* pode comprometer a eficácia das estratégias de mitigação da violência escolar. De acordo com Hastings e Domegan (2014), quando essas abordagens não são coordenadas, as ações podem se tornar fragmentadas, resultando em impactos limitados. Por exemplo, campanhas educativas que incentivam a não violência podem ter efeito reduzido se o ambiente escolar continuar exposto a fatores que fomentam o conflito, como a ausência de espaços seguros e a falta de formação adequada para professores lidarem com situações de agressão. Logo, a combinação dessas estratégias deve ser planejada de forma a criar sinergia entre as intervenções imediatas e as mudanças estruturais de longo prazo.

Para que essa integração ocorra de maneira eficaz, é imprescindível a participação ativa de todos os atores sociais envolvidos. Nesse contexto, Andreasen (2006) ressalta que o sucesso das estratégias de *marketing social* depende do engajamento de stakeholders, incluindo alunos, professores, famílias, gestores escolares e líderes comunitários. Além disso, no caso específico de Esmeraldas, a criação de redes colaborativas entre escolas, órgãos públicos e organizações da sociedade civil pode fortalecer a implementação de políticas preventivas. Outra medida relevante é a adoção de metodologias participativas, como fóruns comunitários e conselhos escolares, que permitem que as ações sejam moldadas de acordo com as necessidades e especificidades locais, aumentando sua legitimidade e impacto.

Dessa forma, a eficácia das estratégias de *marketing social* e *marketing macrossocial* na redução da violência escolar em Esmeraldas depende de uma abordagem integrada e coordenada. Enquanto o *marketing social* pode ser utilizado para implementar campanhas de conscientização, programas de mediação de conflitos e capacitação de educadores, o *marketing*

macrossocial pode atuar na formulação de políticas públicas que garantam recursos adequados às escolas, promovam a equidade educacional e incentivem uma cultura de paz. Assim, a articulação dessas dimensões, conforme defendido por Peattie e Peattie (2009), é substancial para que as intervenções não apenas modifiquem comportamentos individuais, mas também criem um ambiente estruturalmente propício à manutenção de práticas não violentas a longo prazo.

Portanto, ao considerar a realidade da violência escolar em Esmeraldas, a conjugação dessas abordagens se torna indispensável para assegurar mudanças tanto no nível individual quanto no sistêmico. Isso implica, por um lado, a necessidade de planejamento estratégico e mobilização de recursos e, por outro, a realização de uma avaliação contínua das ações implementadas. Dessa maneira, garante-se que a transformação social desejada não apenas aconteça, mas também seja sustentável ao longo do tempo.

4.1.6 A violência é reflexo do social

Esta categoria identifica segundo a visão dos professores, como as questões sociais servem de pano de fundo para a violência nas escolas. Observa-se:

“a violência é uma questão social; se o aluno é violento, algum motivo ele tem para agir daquela maneira. Às vezes é questão de família mesmo... do meio em que vive... querer se firmar no grupo onde ele está, entende?... achando ser legal... que é famoso na escola...” (E07);

“não está só ligada à família, na escola, mas fora também de casa, no local de trabalho, tá?... A violência faz parte de tudo, até no canto você encontra violência, é dentro, fora de casa, é na rua, no ônibus, no comércio, por onde você passar” (E09);

“Devido a vários problemas sociais, entre os quais, o desemprego, certos pais tem que sair pra trabalhar o dia todo e deixam as crianças abandonadas, à mercê da sociedade... as crianças... mal-tratadas, revoltadas, aí elas trazem pra escola a revolta, a raiva, por não ter comida..., carinho, a presença física dos pais, então elas se sentem desprezadas. A família acha

que é obrigação da escola sumir os problemas da criança, tá? Os pais vivem estressados, sem emprego e se desesperam pra sustentar as crianças” (E13);

“Eu vejo como a consequência de problemas sociais, né?... O aluno sofre a influência da violência através da fome, da miséria do país...” (E16).

A partir dos diversos depoimentos dos professores, fica claro que, para eles, os problemas de ordem social são os principais responsáveis pelas circunstâncias de violência generalizada enfrentadas pelos alunos. Embora a maioria não tenha feito essa afirmação de maneira explícita, todos os entrevistados expressaram, de alguma forma, sua revolta em relação à situação social que se vive no país.

Nessa perspectiva, compreende-se que a violência nas escolas é percebida como uma consequência direta das adversidades socioeconômicas que afetam seus alunos. Essa violência surge como uma reação à exclusão social, às condições inadequadas de alimentação, ao desemprego e à precariedade das habitações, entre outros fatores. Esses elementos criam um ambiente propenso à manifestação de comportamentos violentos. Neto (1993) observa que a violência é frequentemente associada à pobreza, enfatizando que as condições socioeconômicas desfavoráveis contribuem significativamente para o aumento da agressividade entre os jovens.

Ademais, a questão do abandono infantil, associada ao desemprego e à precarização das condições de vida, surge como um catalisador da violência. Crianças e adolescentes, privados de afeto, atenção e recursos básicos, internalizam sentimentos de revolta e frustração, que se manifestam no ambiente escolar. A transferência de responsabilidade por parte das famílias, que depositam na escola a expectativa de solucionar os problemas dos alunos, agrava ainda mais a situação, sobrecarregando o sistema educacional e dificultando a implementação de medidas eficazes de prevenção e combate à violência.

Nesse contexto, a fome e a miséria são apontadas como elementos centrais na reprodução da violência, afetando diretamente o desenvolvimento social e emocional dos alunos. Segundo Smith (2020), as origens da violência escolar podem incluir vivências em ambientes familiares disfuncionais, a influência de comunidades violentas e as relações de poder entre os estudantes. Essa perspectiva de Smith (2020) pode ser observada nas falas dos professores, que frequentemente mencionam a influência do contexto familiar e social dos alunos como um fator determinante para o comportamento violento na escola.

Embora reconheça que o aumento da pobreza e da miséria seja um fator importante para o crescimento da violência, Neto (1993) alerta que essa associação tem levado à criminalização da pobreza, colocando segmentos inteiros da população sob suspeita e sujeitos a julgamentos prévios. Um professor comenta:

Muitas vezes, vemos nossos alunos sendo tratados como se fossem criminosos só porque vêm de famílias pobres. Isso só piora a situação (E15).

Por outro lado, Cavasin e Arruda (2000) afirmam que é enganoso pensar que a violência é um fenômeno exclusivo das classes populares; ela pode se manifestar em diferentes estratos sociais. Um educador acrescenta:

A violência não tem classe; ela aparece em todos os lugares, mas as consequências são mais severas para aqueles que já estão em desvantagem (E16).

Dessa forma, em relação ao círculo vicioso da violência, que é influenciado por múltiplos fatores, torna-se difícil identificar onde ela começa e onde termina. Essa complexidade é refletida nas falas dos professores, que também retratam os problemas decorrentes da violência no ambiente escolar. Um professor destaca:

A cada dia, percebo mais ansiedade entre os alunos. Eles têm dificuldade em se relacionar uns com os outros e isso deteriora ainda mais o clima escolar (E17).

Os educadores mencionam questões como o aumento da ansiedade entre os alunos, a dificuldade em estabelecer relações interpessoais saudáveis e a deterioração do clima escolar. Essas consequências não apenas afetam o bem-estar dos estudantes, mas também comprometem o processo de ensino-aprendizagem, criando um ciclo contínuo de desafios para todos os envolvidos. Silva (2023) reforça essa ideia ao afirmar que a presença constante de comportamentos violentos no ambiente escolar, não só prejudica o aprendizado, como também gera um clima de medo e desconfiança entre alunos e professores.

Além disso, Debarbieux (2022) argumenta que a violência nas escolas deve ser analisada dentro de um contexto social mais amplo, onde fatores como desigualdade econômica e exclusão social desempenham papéis cruciais na formação de comportamentos agressivos.

Ele ressalta que a escola não é uma ilha; ela reflete as tensões e as desigualdades presentes na sociedade.

Portanto, essa compreensão amplia o olhar sobre o problema, destacando a necessidade de ações integradas que vão além do ambiente escolar. Como sugere Lima e Ferreira (2023) que para enfrentar a violência nas escolas de forma eficaz, é imprescindível implementar políticas públicas voltadas para a redução das desigualdades sociais. Um professor conclui:

Se quisermos realmente fazer a diferença, precisamos olhar para fora da escola e entender o contexto em que nossos alunos vivem (E10).

Essa visão reforça a importância de políticas públicas voltadas para a redução das desigualdades e para o fortalecimento do papel da escola como um espaço de acolhimento e transformação social. Senna (2024) ressalta que a criação de uma rede nacional para enfrentar preconceitos e violências nas escolas é fundamental para garantir mudanças sustentáveis na cultura escolar. Essa abordagem colaborativa é substancial para transformar o ambiente escolar em um espaço seguro e acolhedor.

Além disso, Freitas (2023) explora o projeto "Paz na Escola", que visa promover uma cultura de paz através do engajamento ativo de alunos, professores e pais em atividades colaborativas. Essa abordagem não apenas busca mitigar conflitos imediatos, mas também transforma a dinâmica escolar em um espaço mais harmonioso.

Por fim, Sponte (2024) destaca que o marketing social pode ser uma ferramenta na promoção de campanhas educativas voltadas para conscientizar sobre convivência pacífica. A combinação dessas estratégias pode levar à construção de um ambiente educacional onde todos se sintam valorizados e respeitados.

4.1.7 A violência causa problemas

A violência nas escolas não é um problema abstrato ou distante da realidade da sala de aula; pelo contrário, ela se manifesta de forma concreta no cotidiano escolar, impactando diretamente o trabalho dos professores e o aprendizado dos alunos (Debarbieux, 2022). A percepção dos professores sobre os efeitos negativos da violência é um indicador necessário da gravidade da situação, pois são eles que testemunham de perto as consequências do bullying,

das agressões e do clima de insegurança que permeia o ambiente escolar. A metade dos professores reconhece que a violência causa problemas:

“A violência está estragando com as crianças, estimulando grosseria, rebeldia” (E12).

“as crianças estão muito nervosas” (E03).

As crianças não vão mais pra ter coleguismo; por qualquer coisa partem pra agressão. Nessa semana mesmo eu tive um caso: um coleguinha chutou a mochila do outro e a outra criança partiu com muita violência, aí eles choraram e foi preciso a senhora da copa vir me ajudar... aí ele dizia: eu quero morrer, quero morrer, me dê uma faca que eu quero morrer... (E04).

“até a socialização deles, a aprendizagem é muito difícil um professor trabalhar sozinho” (E08).

Nós tínhamos um aluno que era de gangue, chegava na escola, não fazia nada, menino pálido, magro, não tinha vontade de estudar... Eu tento me aproximar daquele aluno nervoso, cheio de problemas, tento chegar junto pra conversar, pra ver se melhora, né? (E10)

A escola também deveria. Tem professor que é lá no pedestal e os alunos embaixo; às vezes o aluno sai de casa pra ver se encontra uma solução pro seu problema e aí não encontra, né? Aí a violência continua (E11).

(...) isso faz com que elas se sintam revoltadas, com raiva, por não ter comida, carinho e se sentirem praticamente desprezadas (E15).

O aluno sofre as consequências... (E16).

As falas dos professores revelam uma clara consciência de que a violência impacta diretamente o processo de ensino-aprendizagem, sendo percebida como um obstáculo significativo à prática educativa. A violência, conforme relatado, não apenas compromete o convívio social, mas também dificulta o aprendizado e gera sentimentos de angústia e desamparo entre os estudantes. Essa questão pode ser analisada sob a perspectiva do marketing macrossocial, que busca abordar problemas sociais complexos de forma integrada, promovendo

mudanças culturais e sistêmicas. Segundo Kennedy (2016), o marketing macrossocial atua em três níveis: upstream (políticas públicas e normas), midstream (grupos sociais e comunitários) e downstream (indivíduos), aplicando intervenções coordenadas para gerar transformações holísticas e sustentáveis.

A violência nas escolas, como apontam Pereira e Zuin (2019), muitas vezes se manifesta de forma banalizada e normalizada, o que reforça a necessidade de estratégias que envolvam todos os agentes sociais para romper esse ciclo. Hastings (2007) destaca que intervenções upstream, como políticas públicas, podem criar normas que desencorajam comportamentos violentos, enquanto ações midstream, envolvendo escolas e comunidades, ajudam a conscientizar grupos sobre os impactos negativos da violência.

Além disso, Schiavo (1999) argumenta que o marketing macrossocial deve ser fundamentado em preceitos éticos e na equidade social, promovendo mudanças que beneficiem toda a sociedade. Nesse sentido, estratégias integradas podem não apenas mitigar os efeitos da violência escolar, mas também fomentar um ambiente educacional mais seguro e propício ao aprendizado.

No primeiro depoimento, observa-se que a violência está contribuindo para a agressividade e rebeldia entre as crianças. Essa afirmação encontra respaldo em Bandura (2021), que argumenta que o comportamento agressivo pode ser aprendido por meio da observação e da interação em ambientes hostis. Além disso, a violência impacta diretamente a socialização e a aprendizagem, conforme apontado por Debarbieux (2022), que destaca que a violência escolar compromete o clima educacional, tornando o trabalho docente mais desafiador e menos eficaz.

Outro relato reforça que as crianças estão mais nervosas e propensas à agressão, muitas vezes por motivos banais. Esse dado é corroborado por Dodge et al. (2020), que sugerem que crianças expostas continuamente a ambientes violentos desenvolvem um viés de atribuição hostil, interpretando interações neutras como ameaçadoras e reagindo de forma agressiva.

O caso do aluno que, após um conflito, expressa pensamentos suicidas é especialmente alarmante e ilustra a profundidade dos danos emocionais causados pela violência. Segundo Lima e Ferreira (2023), a violência escolar está intrinsecamente ligada à ausência de suporte emocional e psicológico adequado, o que pode levar a quadros de depressão e ansiedade entre os estudantes.

Além disso, a falta de acolhimento por parte da escola é um aspecto central nas falas dos professores. Um docente menciona que há professores que mantêm distância dos alunos, o

que pode piorar o quadro de violência. Esse distanciamento institucional é discutido por Debarbieux (2022), que adverte que a indiferença da escola pode levar à normalização da violência, perpetuando um ciclo de agressões.

Por fim, o depoimento sobre um aluno envolvido em gangues, sem motivação para estudar, destaca a relação entre violência escolar e fatores externos, como desigualdade social e falta de perspectivas futuras. Segundo Smith (2020), o envolvimento com violência muitas vezes reflete problemas estruturais mais amplos, como a exclusão social e a falta de políticas públicas eficazes.

Um professor expressa essa preocupação ao afirmar:

A cada dia, é mais difícil ensinar. Os alunos estão tão agitados e nervosos que mal conseguem se concentrar nas aulas (E09).

Essa realidade desencadeia, nos alunos, manifestações como agressividade, impulsividade, tensão, revolta e nervosismo, além de interferir nas relações interpessoais dentro da escola. Outro educador complementa:

A violência cria um clima de medo. Os alunos têm dificuldade em se relacionar uns com os outros, e isso torna o ambiente escolar insuportável (E10).

Essas dinâmicas dificultam não apenas o aprendizado, mas também afetam o bem-estar tanto dos alunos quanto dos educadores. Silva (2023) reforça essa ideia ao destacar que a presença constante de comportamentos violentos no ambiente escolar não só prejudica o aprendizado como também gera um clima de desconfiança entre alunos e professores. Um professor acrescenta:

Estamos lidando com uma geração que tem medo de se aproximar uns dos outros. Isso não é apenas um problema de disciplina; é uma questão de saúde mental (E11).

Diante desse cenário, torna-se evidente a necessidade de ações coordenadas para enfrentar a violência escolar, implementando uma educação preventiva que abranja não apenas a escola, mas também a família e a comunidade. Intervenções que envolvam a participação ativa dos familiares, o engajamento da comunidade e a capacitação contínua dos professores

são fundamentais para reverter esse quadro e garantir um ambiente seguro e propício à aprendizagem. Freitas (2023) enfatiza que, para combater a violência escolar de forma eficaz, é imprescindível que as famílias e a comunidade sejam parte integrante das iniciativas educativas, promovendo um esforço coletivo na construção de uma cultura de paz e respeito no ambiente escolar.

Se quisermos realmente fazer a diferença, precisamos olhar para fora da escola e entender o contexto em que nossos alunos vivem (E12).

Senna (2024) também ressalta que a criação de uma rede nacional para enfrentar preconceitos e violências nas escolas é fundamental para garantir mudanças sustentáveis na cultura escolar. Isso implica que as intervenções devem ser multidimensionais e integradas, envolvendo todos os atores sociais relevantes. Um professor conclui:

Acredito que precisamos unir forças com os pais e a comunidade para criar um ambiente onde todos se sintam seguros e respeitados (E13).

Portanto, ao adotar uma abordagem colaborativa que articule esforços entre escola e comunidade, torna-se possível transformar o ambiente escolar em um espaço onde todos se sintam valorizados e respeitados. Essa estratégia é substancial para a promoção de uma cultura de paz e está alinhada aos princípios do marketing social, que visa influenciar comportamentos em prol do bem-estar coletivo.

Além disso, Barbieri et al. (2021) destacam que a violência escolar é um fenômeno multifacetado que demanda a participação ativa de todos os envolvidos, como alunos, pais e educadores. Nesse sentido, a colaboração entre escola e comunidade desempenha um papel central na criação de um ambiente seguro e acolhedor, no qual as relações interpessoais são fortalecidas. Esse engajamento pode contribuir para romper com a normalização da violência, conforme apontam Abramovay e Rua (2003), que alertam para o risco de sua banalização em contextos escolares.

Ademais, programas de prevenção à violência que envolvem a comunidade são indispensáveis. La Taille (1998) ressalta que os valores sociais moldam as relações dentro da escola; assim, uma abordagem comunitária pode ser decisiva para transformar essas dinâmicas.

Iniciativas que fomentem o diálogo e a empatia entre os estudantes são fundamentais para estabelecer um clima escolar mais harmonioso e inclusivo.

Por outro lado, a realização de eventos comunitários que celebrem a diversidade e promovam o diálogo é uma estratégia eficaz para fortalecer essa cultura de paz. Dubet (2003) e Bourdieu (1999) enfatizam que as dinâmicas sociais mais amplas impactam diretamente o ambiente escolar; por isso, as intervenções devem considerar esses fatores contextuais. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (2025, p. 10) reforçam essa necessidade ao afirmar: “esse critério indica a preocupação de eleger como temas transversais questões graves”, como a violência. Assim, essa temática deve ser integrada a outras questões fundamentais, como ética, saúde e meio ambiente, pois a violência representa um obstáculo à cidadania plena, comprometendo a dignidade humana e a qualidade de vida no ambiente escolar.

Para enfrentar essa questão de forma eficaz, é imprescindível compreender os condicionantes históricos, políticos e socioculturais que atravessam a sociedade contemporânea. Além disso, os mecanismos de consumismo e globalização frequentemente desumanizam as relações sociais, agravando conflitos. Debarbieux (2022) argumenta que a violência nas escolas não pode ser dissociada do contexto social mais amplo, onde desigualdades e tensões desempenham papéis significativos. Portanto, essa compreensão exige um trabalho consistente na prática docente e na elaboração do projeto político-pedagógico das escolas.

No entanto, lidar com a violência não é tarefa simples; sua complexidade demanda esforços integrados de diversos setores da sociedade para alcançar soluções efetivas. Como reflete um professor:

A violência não é apenas um problema da escola; ela está enraizada em questões sociais mais amplas. Precisamos trabalhar juntos — escola, família e comunidade — para realmente fazer a diferença (E14).

A colaboração entre educadores, famílias e comunidades é fundamental para criar um ambiente escolar seguro e acolhedor. Silva (2024) ressalta que somente por meio dessa união será possível enfrentar os desafios impostos pela violência e promover um espaço onde todos possam aprender e se desenvolver plenamente.

Freitas (2023) complementa essa visão ao afirmar que "a promoção de uma cultura de paz nas escolas deve envolver todos os atores sociais". Um educador acrescenta:

Se não envolvermos os pais e a comunidade, nossas iniciativas terão um impacto limitado. Precisamos de um esforço conjunto (E15).

Essa abordagem integrada é substancial para abordar as raízes da violência escolar, reconhecendo que as soluções devem ir além das paredes da sala de aula. Além disso, CIPAVE (2024) destaca que programas que desenvolvem habilidades socioemocionais são fundamentais para criar um clima de colaboração e apoio dentro das instituições de ensino. Um professor observa:

Quando ensinamos nossos alunos a se comunicarem melhor e a resolverem conflitos pacificamente, estamos investindo em um futuro mais seguro para todos (E16).

Portanto, ao adotar uma abordagem colaborativa que une esforços entre escola e comunidade, é possível transformar o ambiente escolar em um espaço onde todos se sintam valorizados e respeitados, contribuindo assim para a mitigação da violência e promoção de uma cultura de paz.

4.1.8 A violência é complicada, de difícil solução

Alguns dos professores pesquisados convergiram suas ideias e revelaram o seguinte:

A violência, a agressão aluno/aluno, aluno/professor, a degradação da própria escola, então a própria equipe administrativa, junto com os docentes, vem-se preocupando... outras escolas que eu conheço, no geral, é muito triste, é pichação, é a própria droga dentro da escola, isso aí é evidente... Eu percebo que também eles camuflam..., dado à falta de interesse o a própria estrutura da escola... Às vezes as escolas são grandes e não como tem como ficar vigiando totalmente... (E06);

A escola não dá conta sozinha (E07);

Eu vejo um problema muito difícil de ser resolvido...(E08);

Esta é uma questão complicada e que não deve partir só do ambiente escolar pra se resolver... (E13);

A violência atual é muito complicada... (E16);

É um caso muito agravante, né? (E12);

... Então, está muito difícil de controlar essa barra (E05).

Os professores reconhecem que a questão da violência nas escolas é complexa e desafiadora, afetando principalmente os alunos. Muitas vezes, essa violência é camuflada pela própria escola, que demonstra descaso e falta de compromisso em abordar o problema. Um professor expressa essa frustração ao afirmar:

É como se a escola quisesse ignorar o que está acontecendo. A violência está lá, mas ninguém parece disposto a enfrentá-la. E12.

A tendência de muitas escolas em minimizar ou ocultar casos de violência é um aspecto profundamente preocupante. Tal atitude pode ser motivada pelo receio de prejudicar a imagem da instituição, afetando sua reputação e, conseqüentemente, a captação de alunos. A falta de recursos e preparo, como a ausência de profissionais capacitados ou programas adequados, também contribui para a negligência e omissão (Debarbieux, 2022). Em alguns casos, a comunidade escolar internaliza a violência, criando um ambiente onde a denúncia se torna ainda mais difícil.

O descaso institucional em relação à violência escolar acarreta graves conseqüências. Alunos que sofrem violência podem sentir-se desamparados e desacreditados pela escola, agravando o trauma e dificultando a recuperação. Bandura (2021) enfatiza que a perpetuação de um ambiente hostil nas escolas contribui para a formação de indivíduos que podem reproduzir comportamentos violentos em outras esferas de suas vidas. A violência não combatida deteriora o clima escolar, gerando medo e insegurança, o que prejudica o aprendizado e o desenvolvimento socioemocional dos alunos (Smith, 2020).

Essa situação torna difícil para os educadores lidarem com a questão, já que a violência não é uma responsabilidade exclusiva da escola, mas de toda a sociedade. Crochick (2021) destaca que a violência escolar não ocorre de forma isolada; ela está diretamente relacionada às condições sociais e familiares dos alunos, além de ser intensificada por fatores como exclusão social e preconceito. Um educador complementa:

Nossos alunos vêm de contextos difíceis. A violência em casa ou na comunidade se reflete no comportamento deles na escola. E03

Essa interconexão entre fatores sociais e comportamentais sublinha a necessidade de uma abordagem abrangente para lidar com o problema. Em 2024, o Ministério da Educação (MEC) instituiu o Sistema Nacional de Acompanhamento e Combate à Violência nas Escolas (Snave), que visa ampliar a capacidade das instituições de ensino em promover ações de prevenção e resposta à violência. Essa iniciativa é um reflexo da necessidade de integrar a discussão sobre violência ao currículo escolar, abordando-a em conjunto com temas como ética, saúde e meio ambiente. Freitas (2023) observa que a inclusão da violência no currículo é substancial para que os alunos compreendam suas causas e aprendam a resolvê-las pacificamente.

Além disso, Lima e Ferreira (2023) ressaltam que para enfrentar a violência nas escolas de forma eficaz, é imprescindível implementar políticas públicas voltadas para a redução das desigualdades sociais.

Um professor aponta:

Se quisermos realmente fazer a diferença, precisamos olhar para fora da escola e entender o contexto em que nossos alunos vivem (E14).

Essa visão reforça a importância de políticas públicas voltadas para a redução das desigualdades e para o fortalecimento do papel da escola como um espaço de acolhimento e transformação social. CIPAVE (2024) enfatiza que "programas que desenvolvem habilidades socioemocionais são fundamentais para criar um clima de colaboração e apoio dentro das instituições de ensino". Um educador observa:

Quando ensinamos nossos alunos a se comunicarem melhor e a resolverem conflitos pacificamente, estamos investindo em um futuro mais seguro para todos (E15).

A afirmação destaca a importância da educação em habilidades socioemocionais como uma ferramenta para a prevenção da violência e a construção de um futuro mais seguro e harmonioso. Ao investir na comunicação e na resolução pacífica de conflitos, as escolas podem capacitar os alunos a se tornarem cidadãos responsáveis, compassivos e capazes de construir relacionamentos saudáveis e sociedades pacíficas. (Barbieri et al., 2020). É uma visão que merece ser priorizada e implementada em todas as escolas.

Tabela 4

Codificação das respostas dos entrevistados relacionadas às perguntas do objetivo II, apresentando a frequência dos códigos mais frequentes

Perguntas	Códigos Frequentes	Incidência
De que maneira você acredita ser possível prever e resolver conflitos escolares?	• Escuta Ativa	08
	• Comunicação Não Violenta	09
	• Reuniões de Resolução de Problemas	16
	• Prevenção de Conflitos	16
Poderia discutir como estratégias propostas por você poderiam impactar a dinâmica escolar e a relação entre alunos, professores e a comunidade?	• Dinâmica Escolar	09
	• Engajamento	12
	• Empoderamento	05
	• Inclusão	13
	• Feedback Construtivo	15
	• Parcerias Comunitárias	16
Quais estratégias de comunicação você observa sendo implementadas nesta escola para lidar com questões de violência e conflito?	• Diálogo	07
	• Espaços de Escuta	03
	• Palestras	11
Na sua opinião, quais são os pontos fortes dessas estratégias?	• Prevenção	10
	• Inclusão	11
	• Desenvolvimento de Habilidades	06
	• Empoderamento	07
Na sua opinião, quais são os pontos fracos dessas estratégias?		03
	• Falta de Clareza	12
	• Resistência a mudanças	15
	• Falta de Treinamento	09
	• Falta de Recursos	10

A Tabela 4, acima, apresenta a codificação das perguntas realizadas durante as entrevistas, referente ao objetivo II da pesquisa, destacando a frequência dos códigos mais comuns associados. A análise das frequências de respostas do objetivo II, que buscou investigar as estratégias e iniciativas de marketing social e macrossocial atualmente implementadas ou potencialmente aplicáveis na escola de Esmeraldas. Ainda que os respondentes não soubessem e não fossem indagados diretamente com a teoria, as ações descritas por eles foram classificadas como tal de acordo com o aporte teórico, o que permitiu a realização desta parte da análise.

As cinco perguntas relacionadas a este objetivo geraram códigos que resultaram na criação da Categoria II, denominada Estratégias e Iniciativas Mediadoras.

4.2 Estratégias e Iniciativas Mediadoras

Os professores entrevistados apontaram cinco categorias principais de estratégias de marketing social que já foram implementadas ou que poderiam ser aplicadas na Escola Estadual de Melo Viana. Essas estratégias são fundamentais para criar um ambiente escolar mais seguro e inclusivo:

A) Projetos Comunitários

A escola, como microcosmo da sociedade, tem um papel fundamental na formação de cidadãos conscientes e engajados. Nesse sentido, a implementação de projetos comunitários no ambiente escolar emerge como estratégia para fortalecer os laços entre a instituição e a comunidade, promovendo a participação ativa dos alunos na solução de problemas reais e no desenvolvimento de habilidades essenciais para a vida em sociedade. Ao envolver os alunos em iniciativas que visam o bem-estar coletivo, a escola contribui para a construção de uma cultura de solidariedade, responsabilidade social e compromisso com o futuro da comunidade (Barbieri et al., 2020).

A Escola Estadual de Melo Viana se destaca por sua atuação em projetos comunitários que promovem a solidariedade e o engajamento dos alunos. Entre as iniciativas oferecidas, três se sobressaem pela sua relevância e impacto social: as Campanhas de Arrecadação, a Horta Escolar e as Atividades Culturais e Recreativas.

As Campanhas de Arrecadação são organizadas regularmente, permitindo que alunos, professores e a comunidade se unam para coletar alimentos, roupas e outros itens essenciais. Essa ação não apenas ajuda aqueles em situação de vulnerabilidade, mas também ensina aos

alunos importantes lições sobre empatia e solidariedade. Ao participar da organização e coleta, os estudantes desenvolvem um senso de responsabilidade social e aprendem a importância de contribuir para o bem-estar coletivo. Nesse contexto, o marketing social é aplicado ao sensibilizar a comunidade sobre a necessidade de apoio aos mais necessitados, utilizando técnicas que incentivam a participação ativa.

Outro projeto significativo é a Horta Escolar, que oferece aos alunos a oportunidade de aprender sobre agricultura sustentável. Nesse espaço, os estudantes cultivam alimentos orgânicos que podem ser consumidos na própria escola ou doados à comunidade. Além de promover a consciência ambiental, a horta ensina habilidades práticas e incentiva hábitos alimentares saudáveis entre os alunos. Aqui, o marketing macrossocial se faz presente ao abordar questões estruturais relacionadas à segurança alimentar e à educação ambiental, promovendo um entendimento mais amplo sobre como essas iniciativas impactam a sociedade como um todo.

Por fim, as Atividades Culturais e Recreativas organizadas pela Escola Estadual de Melo Viana, como feiras de talentos e festivais culturais, fortalecem o senso de comunidade. Essas iniciativas permitem que os alunos expressem sua criatividade e valorizem suas habilidades artísticas, ao mesmo tempo em que promovem a integração entre diferentes grupos da escola e da comunidade. O marketing social é novamente relevante aqui, pois essas atividades incentivam a participação comunitária e o fortalecimento dos laços sociais.

Esses projetos comunitários refletem o compromisso da Escola Estadual de Melo Viana com a formação de cidadãos conscientes e engajados, contribuindo para a construção de uma sociedade mais solidária e colaborativa. Ao integrar princípios do marketing social e macrossocial, a escola não apenas aborda questões imediatas, mas também promove mudanças duradouras nas estruturas sociais que influenciam o ambiente escolar e comunitário.

Quando realizamos projetos que trazem os pais para dentro da escola, percebemos uma melhora no comportamento dos alunos. Isso cria um vínculo mais forte entre todos os envolvidos (E07).

A fala evidencia a relevância do engajamento comunitário como uma estratégia para lidar com a violência escolar. Andreasen (2023) destaca que o marketing social deve promover a participação de diferentes grupos sociais, incluindo famílias, para gerar mudanças

comportamentais sustentáveis. Projetos comunitários fortalecem os laços entre escola e comunidade, criando redes de apoio que beneficiam o ambiente escolar.

Ao integrar os pais e responsáveis na vida escolar, a instituição fortalece os laços familiares e cria um senso de pertencimento que impacta diretamente o comportamento dos alunos. Andreasen (2023) corrobora essa perspectiva ao destacar que o marketing social, aplicado ao contexto educacional, deve promover a participação de diferentes grupos sociais, incluindo as famílias, para gerar mudanças comportamentais sustentáveis. Projetos comunitários, portanto, atuam como catalisadores desse processo, fortalecendo a relação entre escola e comunidade e criando redes de apoio mútuo que beneficiam todo o ambiente escolar, refletindo em um clima mais harmonioso e colaborativo.

B) Campanhas de Conscientização

Ao promover uma campanha de conscientização sobre bullying, a instituição de ensino não apenas informa sobre o problema, mas também estimula a reflexão crítica e o engajamento da comunidade escolar, incluindo alunos e pais, na busca por soluções Andreasen (2023). Essa mobilização coletiva, impulsionada por estratégias de comunicação eficazes, pode gerar resultados significativos na prevenção e mitigação da violência escolar, transformando a cultura da escola em um espaço mais acolhedor e respeitoso.

Fizemos uma campanha sobre bullying no ano passado. Foi simples, mas muito impactante.

(E02)

Os alunos começaram a refletir mais sobre suas atitudes, e até os pais participaram

(E03).

As campanhas educativas são vistas como ferramentas para promover mudanças culturais e comportamentais nas escolas. Andreasen (2023) argumenta que campanhas bem planejadas ajudam a moldar atitudes e comportamentos, criando um ambiente onde todos se sintam responsáveis pela segurança e bem-estar uns dos outros.

"Acreditamos que a conscientização é a primeira linha de defesa contra o bullying"
(E14).

"Percebemos uma mudança significativa nas atitudes dos alunos após implementarmos a campanha anti-bullying," (E10).

Olweus (1993), um dos pioneiros nos estudos sobre bullying, destaca que a conscientização é uma das estratégias fundamentais para a prevenção desse fenômeno no ambiente escolar. Isso porque essa abordagem permite que alunos, professores e demais membros da comunidade escolar compreendam a gravidade do problema e desenvolvam mecanismos eficazes de enfrentamento. Nesse sentido, estudos mais recentes, como a revisão sistemática conduzida por Salgado, Senra e Lourenço (2014), confirmam que a capacitação docente, aliada à conscientização sobre o bullying, contribui significativamente para a redução de incidentes de violência escolar. Além disso, Fernandes e Dell'Aglio (2023) demonstram que intervenções estruturadas voltadas à educação e sensibilização dos alunos resultam em melhorias na percepção do bullying, promovendo, assim, um ambiente escolar mais seguro e inclusivo.

Da mesma forma, a efetividade de campanhas educativas também tem sido amplamente documentada na literatura. De acordo com Fernandes, Yunes e Dell'Aglio (2022), programas de intervenção que envolvem toda a comunidade escolar e promovem habilidades sociais apresentam maior eficácia na redução do bullying. Para esses autores, ações sistemáticas não apenas diminuem a frequência de episódios de violência, mas também estimulam mudanças significativas nas atitudes dos alunos, favorecendo, portanto, uma cultura de respeito e empatia. Esses achados são corroborados por pesquisas internacionais, como a de Salmivalli (2018), que aponta que campanhas antibullying bem implementadas impactam positivamente as relações interpessoais e o clima escolar. Diante disso, torna-se evidente que a conscientização e as intervenções educativas desempenham um papel necessário na mitigação do bullying e na construção de um ambiente escolar mais harmonioso.

C) Parcerias com ONGs

A parceria com uma organização não governamental (ONG) possibilita a implementação de atividades esportivas voltadas aos alunos em situação de vulnerabilidade social. Essa iniciativa não apenas proporciona oportunidades de lazer e desenvolvimento físico, mas também desempenha um papel na redução de conflitos entre os estudantes. Isso ocorre porque o esporte, ao estimular a cooperação, a disciplina e o respeito mútuo, funciona como uma ferramenta eficaz para promover a integração social e minimizar tensões interpessoais. Ademais, pesquisas indicam que programas esportivos direcionados a jovens em risco social contribuem significativamente para a melhoria do comportamento e da convivência escolar, reduzindo, assim, a incidência de episódios de violência e exclusão (Andreasen, 2023).

Tivemos uma parceria com uma ONG que trouxe atividades esportivas para os alunos em situação de vulnerabilidade. Isso ajudou muito a reduzir conflitos entre eles (E12).

Nesse contexto, as parcerias entre escolas e ONGs apresentam-se como estratégias altamente benéficas, pois possibilitam a complementação dos esforços internos das instituições de ensino com recursos externos especializados. Conforme destaca Andreasen (2023), colaborações interinstitucionais são essenciais no âmbito do marketing social, uma vez que ampliam o alcance das iniciativas e oferecem soluções inovadoras para desafios complexos. Além disso, estudos apontam que a atuação conjunta entre escolas e organizações do terceiro setor potencializa os impactos das ações educativas e sociais, tornando-as mais abrangentes e eficazes. Dessa forma, ao estabelecer alianças estratégicas com ONGs, cria-se um ambiente escolar mais inclusivo e seguro, favorecendo tanto o desenvolvimento acadêmico quanto o bem-estar socioemocional dos estudantes.

A parceria com a ONG tem sido fundamental para o desenvolvimento dos nossos alunos em situação de vulnerabilidade. Por meio das atividades esportivas, eles têm a oportunidade de se envolver em práticas saudáveis que incentivam a cooperação, o respeito e a disciplina. Isso tem refletido diretamente no ambiente escolar, reduzindo conflitos e fortalecendo o senso de comunidade entre os estudantes. O esporte não é apenas uma forma de lazer, mas uma ferramenta de inclusão e transformação social (E04).

A fala do professor destaca a importância da parceria com a ONG e enfatiza os impactos positivos das atividades esportivas na convivência escolar. O discurso evidencia como o esporte contribui para o desenvolvimento socioemocional dos alunos, promovendo valores essenciais para a redução de conflitos. Além disso, a argumentação reforça a ideia de que práticas esportivas vão além do entretenimento, assumindo um papel estratégico na construção de um ambiente escolar mais inclusivo e harmonioso. Essa perspectiva encontra respaldo em estudos acadêmicos que demonstram a relevância de iniciativas interinstitucionais na prevenção da violência e na promoção do bem-estar estudantil (Andreasen, 2023).

D) Eventos Escolares

Eventos escolares promovem integração social e fortalecem as relações interpessoais. Andreasen (2023) destaca que ações comunitárias criam experiências positivas que geram

conexões emocionais profundas entre os participantes, contribuindo para um ambiente escolar mais acolhedor.

Os eventos culturais ajudam a criar um senso de pertencimento nos alunos e diminuem a sensação de exclusão (E05).

É perceptível como os alunos envolvidos nas atividades esportivas apresentam uma melhora significativa no comportamento e nas relações interpessoais. Muitos que antes tinham dificuldades de socialização agora demonstram mais empatia e colaboração. Acreditamos que iniciativas como essa não apenas auxiliam na prevenção da violência escolar, mas também criam um espaço mais seguro e acolhedor para todos.

As falas dos professores ressaltam o impacto positivo das atividades esportivas promovidas pela parceria com a ONG. O primeiro depoimento enfatiza o esporte como uma ferramenta de transformação social, destacando sua capacidade de promover valores fundamentais, como respeito e cooperação. Já o segundo testemunho complementa essa visão ao abordar a mudança perceptível no comportamento dos alunos, reforçando a ideia de que a participação em atividades estruturadas contribui para a melhoria das relações interpessoais e para a redução de conflitos.

Do ponto de vista acadêmico, essas observações encontram respaldo em estudos sobre marketing social e prevenção da violência escolar. Andreasen (2023) defende que colaborações interinstitucionais ampliam o alcance e a efetividade das iniciativas sociais, tornando-as mais sustentáveis e eficazes. Além disso, Fernandes e Dell'Aglio (2023) demonstram que programas esportivos bem planejados contribuem diretamente para a melhoria do clima escolar, promovendo um ambiente mais inclusivo e reduzindo comportamentos agressivos entre os estudantes. Dessa forma, evidencia-se que a integração entre escolas e ONGs é uma estratégia substancial para potencializar o desenvolvimento social e emocional dos alunos.

E) Programas de Inclusão

Programas inclusivos são relevantes na redução das tensões sociais e na promoção da harmonia dentro das escolas. Crochick (2021) reforça que ações inclusivas ajudam a combater preconceitos e a criar um espaço onde todos se sintam valorizados, evitando que alunos em

situação de vulnerabilidade sejam marginalizados e, conseqüentemente, mais propensos a desenvolver comportamentos agressivos.

Temos um programa para acolher alunos novos, especialmente aqueles que vêm transferidos por problemas em outras escolas. Isso ajuda a criar um ambiente mais acolhedor (E09)

A fala do professor E09 ilustra essa preocupação ao mencionar a existência de um programa voltado ao acolhimento de alunos transferidos por problemas em outras escolas, uma iniciativa que contribui para sua adaptação e para a construção de um ambiente mais receptivo.

O esporte surge como um importante aliado na promoção da inclusão e na prevenção da violência escolar, atuando como uma ferramenta de socialização e desenvolvimento emocional. Segundo um professor:

"as aulas de educação física são as mais esperadas pelos alunos; é o momento em que eles podem interagir, liberar energia e aprender a trabalhar em equipe" (E7).

Esse entusiasmo dos estudantes pela prática esportiva é confirmado por outro docente, que afirma:

Quando eles estão na quadra, a agressividade diminui, pois eles canalizam essa energia de outra forma. Se tivéssemos mais atividades esportivas ao longo da semana, a disciplina melhoraria muito (E05).

A pesquisa de Vinha (2023) corrobora essa percepção ao destacar que atividades físicas e esportivas auxiliam na regulação emocional dos alunos, reduzindo comportamentos agressivos e fortalecendo valores como cooperação, respeito e disciplina. Além disso, o esporte cria oportunidades de interação positiva entre os estudantes, estimulando o sentimento de pertencimento e minimizando conflitos interpessoais. Conforme mencionado por um professor:

alguns alunos que têm dificuldades em outras matérias se destacam no esporte, e isso eleva sua autoestima. Quando eles percebem que são bons em algo, passam a se envolver mais na escola (E10).

Nesse sentido, estratégias como a tutoria entre pares, a formação de grupos de apoio e a implementação de atividades socioemocionais podem ser eficazes para fortalecer o vínculo entre os alunos e evitar que experiências anteriores de exclusão e rejeição se repitam.

Os alunos adoram as aulas de educação física. É o momento em que eles se sentem mais livres, menos pressionados. Muitos que são inquietos em sala de aula demonstram um comportamento muito melhor quando estão jogando (E06).

Percebo que os alunos que participam dos torneios interclasses se tornam mais unidos. As brigas diminuem porque eles começam a ver os colegas como parceiros, não como adversários (E03)

Aquele aluno que sempre arrumava confusão em sala agora é um dos líderes do time da escola. Ele encontrou no esporte um jeito de se expressar e ser respeitado (E08).

Muitas das discussões que acontecem na escola vêm de rivalidades entre grupos. Quando jogam juntos, essas diferenças ficam de lado e eles aprendem a trabalhar em equipe (E07).

As falas dos professores demonstram o impacto positivo da prática esportiva no ambiente escolar, reforçando a ideia de que o esporte pode ser uma ferramenta substancial para a inclusão e a mediação de conflitos. Segundo Vinha (2023), o esporte desenvolve habilidades socioemocionais, promovendo disciplina, resiliência e respeito às regras, o que reflete diretamente na redução da violência entre os estudantes.

A fala do professor (E06) destaca a importância do esporte na regulação emocional dos alunos, especialmente daqueles que enfrentam dificuldades em manter a disciplina em sala de aula. Isso está alinhado com os estudos de Crochick (2021), que indicam que o envolvimento em atividades físicas pode ajudar a canalizar emoções de maneira produtiva, prevenindo episódios de agressividade e indisciplina.

Além disso, o depoimento de (E03) reforça a relevância dos torneios interclasses como uma estratégia eficaz para fortalecer os laços entre os alunos. Segundo Freitas (2023), a cooperação dentro do ambiente esportivo reduz a rivalidade nociva e incentiva o trabalho em equipe, o que pode ser um fator determinante na diminuição dos conflitos dentro da escola. Essa

estratégia permite que os alunos construam relações mais saudáveis, melhorando a socialização e reduzindo a propensão a atos de violência.

O relato do professor (E08) evidencia como o esporte pode transformar a trajetória de um aluno que antes apresentava um comportamento agressivo. Segundo Bandura (2021), os jovens tendem a reproduzir comportamentos aprendidos em seu meio social, e ao serem inseridos em um contexto esportivo disciplinado, podem desenvolver novas formas de interação baseadas na cooperação e no respeito mútuo.

Por fim, a fala do professor (E07) ilustra como o esporte pode funcionar como um mecanismo de mediação de conflitos. De acordo com Debarbieux (2022), práticas esportivas bem estruturadas ensinam os jovens a lidar com desafios, aceitar derrotas e buscar soluções pacíficas para os problemas, habilidades essenciais para um ambiente escolar mais harmonioso. Além disso, conforme argumenta Vinha (2023), a escola deve atuar como um espaço de mediação e diálogo, promovendo práticas que estimulem a cooperação, a empatia e o respeito às diferenças. Ao investir em iniciativas inclusivas e esportivas, bem como na conscientização da comunidade escolar, é possível transformar a escola em um ambiente mais seguro, colaborativo e favorável ao desenvolvimento integral dos estudantes.

Diante disso, estratégias como a ampliação da carga horária de educação física, a criação de torneios cooperativos e a implementação de modalidades esportivas diversificadas se mostram fundamentais na construção de um ambiente escolar mais seguro. Quando a escola investe no esporte como ferramenta pedagógica e social, possibilita a redução da violência e a formação de cidadãos mais equilibrados emocionalmente e preparados para a vida em sociedade.

F) Percepção sobre Eficácia das Iniciativas

A maioria dos professores acredita na eficácia das iniciativas de marketing social na redução da violência escolar:

- Sim (12 menções):

Essas ações ajudam muito, principalmente quando envolvem toda a comunidade escolar. Os alunos se sentem mais motivados e respeitados. (E10)

- Não/Indiferente (4 menções):

Algumas iniciativas não dão certo porque falta continuidade ou apoio suficiente (E14).

Essas opiniões refletem o impacto positivo das ações quando bem implementadas, mas também destacam a necessidade de planejamento estratégico e acompanhamento contínuo para garantir sua eficácia. A maioria dos professores, ao acreditar na eficácia dessas ações, demonstra uma percepção alinhada com a importância de promover uma cultura de paz nas escolas, conforme defendido por Barbieri et al. (2020). O envolvimento da comunidade escolar, mencionado pelos professores como um fator chave para o sucesso das iniciativas, reflete a necessidade de abordar a violência de forma sistêmica, considerando os fatores sociais, econômicos, culturais e psicológicos que podem influenciar o comportamento dos alunos (Smith, 2020). Portanto, a percepção dos professores reforça a importância de intervenções que considerem a complexidade do fenômeno da violência escolar.

No entanto, a minoria dos professores que expressa ceticismo ou indiferença em relação à eficácia das iniciativas, apontando para a falta de continuidade ou apoio adequado, levanta questões importantes sobre a implementação dessas ações. Nesse contexto, a perpetuação de um ambiente hostil nas escolas, conforme enfatizado por Bandura (2021), pode contribuir para a reprodução de comportamentos violentos, o que reforça a necessidade de um planejamento estratégico e acompanhamento contínuo das iniciativas de marketing social para garantir que elas abordem as causas profundas da violência. Assim, o ceticismo de alguns professores destaca a importância de uma abordagem cuidadosa e planejada na implementação das iniciativas.

A elevada taxa de violência escolar em Esmeraldas, refletida nos dados da Fundação João Pinheiro (2021) e do Ministério Público de Minas Gerais (2024), demonstra a urgência de encontrar soluções eficazes para o problema. Em vista disso, as iniciativas de marketing social podem ser de grande valia, desde que sejam implementadas de forma estratégica e contínua, considerando o contexto local e as necessidades específicas da comunidade escolar. A pesquisa de Lima e Ferreira (2023) destaca que a violência escolar em Minas Gerais é um reflexo de problemas sociais mais amplos, como desigualdade econômica e falta de acesso a serviços de apoio psicológico, o que reforça a importância de abordar a violência de forma integrada, envolvendo diferentes atores e setores da sociedade.

Dessa forma, a percepção dos professores sobre a eficácia das iniciativas de marketing social na redução da violência escolar reflete a complexidade do problema e a necessidade de abordagens multidimensionais e integradas. O sucesso dessas iniciativas depende de um planejamento estratégico, acompanhamento contínuo, envolvimento da comunidade escolar e

consideração do contexto local, buscando transformar as escolas em ambientes de aprendizado seguros e acolhedores para todos. Conclui-se, portanto, que a implementação de iniciativas de marketing social na redução da violência escolar exige uma abordagem cuidadosa e planejada, considerando a complexidade do problema e as necessidades específicas de cada contexto.

4.2.1 Desafios Identificados

Os desafios enfrentados pelos professores na implementação dessas estratégias foram amplamente discutidos durante as entrevistas:

A) Garantir Financiamento Adequado para Projetos Comunitários

A falta de recursos financeiros foi mencionada como uma barreira significativa para a implementação de projetos comunitários.

Muitas vezes temos boas ideias, mas não temos orçamento ou apoio suficiente para colocá-las em prática (E14).

Andreasen (2023) enfatiza que o sucesso do marketing social depende de investimentos adequados, pois mudanças comportamentais exigem campanhas consistentes e bem estruturadas. No contexto da violência escolar, Debarbieux (2022) enfatiza que a falta de recursos pode comprometer a implementação de programas de prevenção e apoio às vítimas, perpetuando o ciclo de violência.

A gente vê o quanto a falta de recursos afeta o nosso trabalho. A gente tenta dar o apoio para os alunos que sofrem bullying, que se envolvem em brigas, mas não temos psicólogo na escola. Às vezes, a gente se sente perdido, sem saber como agir da melhor forma. Um treinamento para nós, professores, seria muito importante, mas não tem verba pra isso. A gente faz o que pode, mas é muito difícil (E04).

A fala destaca a necessidade de apoio psicológico e treinamento para os professores, que muitas vezes se sentem despreparados para lidar com situações de violência. Para mitigar os efeitos da falta de recursos, Andreasen (2023) enfatiza a importância de investimentos adequados para o sucesso do marketing social, visto que mudanças comportamentais exigem campanhas consistentes e bem estruturadas.

B) Investir na Capacitação Contínua dos Professores

Andreasen (2023) sugere que o marketing social deve ser adaptado às necessidades do público-alvo, neste caso, os professores, por meio de capacitações específicas que os preparem para liderar ações transformadoras.

A necessidade urgente de capacitação contínua foi destacada por muitos professores. Nós não recebemos formação suficiente para lidar com essas questões complexas. (E02)

Precisamos entender melhor como trabalhar com os alunos em situações vulneráveis, mas não temos treinamento adequado (E11).

A formação continuada é substancial para a melhoria das práticas educativas, promovendo a reflexão crítica e a adoção de novas estratégias de ensino, Pereira, (2008). As autoridades públicas têm procurado incentivar e financiar programas de formação, reconhecendo a importância da atualização contínua de conhecimentos, competências e práticas pedagógicas (Silva, 2018).

No entanto, uma estatística preocupante indica que uma porcentagem significativa de professores não tem formação adequada para lidar com necessidades educativas específicas. No Brasil, cerca de 94,2% dos professores regentes que atuam no país não tinham formação continuada em educação especial até o ano de 2023. Esse dado é do Painel de Indicadores da Educação Especial edição de 2023. Isso destaca a necessidade de formação específica para prepará-los para liderar ações transformadoras. Programas de formação continuada devem considerar a integração com os professores e promover espaços para a autonomia, visando a produção de conhecimentos a partir da sua área de formação.

C) Desenvolver Campanhas Educativas Regulares Voltadas à Conscientização

As campanhas educativas foram apontadas como uma estratégia eficaz para conscientizar alunos e famílias sobre temas como *bullying* e respeito mútuo.

Estas campanhas funcionam bem, mas precisam ser repetidas regularmente para realmente fazer diferença (E06).

A continuidade dessas campanhas pode criar uma cultura de respeito e empatia entre os alunos, conforme Andreasen (2023).

“A conscientização é a chave que abre as portas para a mudança” (E02)

O bullying é uma realidade que, infelizmente, ainda encontramos em nossas escolas. A conscientização é o primeiro passo para reconhecermos o problema, entendermos suas diferentes formas e impactos, e assim, podermos combatê-lo efetivamente (E05).

Como educador, vejo a conscientização como uma ferramenta substancial. Sem ela, o bullying se torna invisível, perpetuando um ciclo de sofrimento e violência. Precisamos trazer o tema à tona para que todos se sintam seguros para denunciar e buscar ajuda (E01).

Acredito que a conscientização é um processo contínuo. Não se trata apenas de campanhas pontuais, mas de um trabalho constante em sala de aula, envolvendo alunos, pais e toda a comunidade escolar (E09).

Em síntese, a análise das falas e o respaldo da literatura acadêmica destacam que a conscientização, embora fundamental, é apenas o ponto de partida. Para além da sensibilização, é preciso criar espaços seguros de diálogo, investir na formação dos educadores e promover a participação ativa de toda a comunidade escolar na construção de um ambiente onde o respeito, a empatia e a tolerância sejam os pilares da convivência. Afinal, como ressaltam Barreto e Silva (2019), os alunos conscientizados combatem o bullying em prol da paz", indicando que o caminho para um futuro livre de violência passa necessariamente pela educação e pela conscientização contínua.

D) Estabelecer Parcerias Estratégicas com ONGs e Empresas

As parcerias estratégicas foram identificadas como uma oportunidade significativa para ampliar o alcance das iniciativas escolares.

As empresas locais poderiam ajudar mais com patrocínios ou materiais educativos, mas precisamos buscar essas parcerias ativamente (E09).

As parcerias estratégicas são uma oportunidade significativa para ampliar o alcance das iniciativas escolares, uma vez que possibilitam a cooperação entre instituições de ensino e atores externos, como empresas e organizações da sociedade civil. Segundo Parente et al. (2008), o marketing social pode ser um meio eficaz para engajar diferentes stakeholders na promoção de mudanças positivas no ambiente escolar.

Conforme destacado por um dos entrevistados, nesse sentido, Ballantyne e Varey (2006) sugerem que o envolvimento de diversos agentes no processo educacional contribui para soluções mais robustas e eficazes no enfrentamento dos desafios escolares. Dessa forma, as colaborações entre escolas e o setor privado podem oferecer recursos adicionais e expertise especializada, promovendo ambientes educacionais mais seguros e inovadores.

E) Engajar Famílias e Comunidades Locais nas Ações Escolares

O engajamento das famílias foi apontado como necessário para o sucesso das iniciativas escolares.

Alguns pais não entendem ou não se envolvem nas ações da escola, o que dificulta nosso trabalho (E08).

Quando conseguimos trazer as famílias para dentro da escola, percebemos uma grande diferença no comportamento dos alunos (E07).

Andreasen (2023) argumenta que o envolvimento dos *stakeholders* é substancial no marketing social, pois cria um senso compartilhado de responsabilidade pelo sucesso das iniciativas. As estratégias destacadas pelos professores evidenciam o potencial transformador do marketing social na promoção de um ambiente escolar mais seguro e inclusivo. No entanto, desafios como falta de financiamento, necessidade de capacitação docente, continuidade das campanhas educativas, estabelecimento de parcerias estratégicas e engajamento comunitário precisam ser enfrentados com planejamento estratégico e apoio institucional.

Investir nessas áreas pode transformar as escolas em agentes efetivos de mudança social. Como Andreasen (2023) ressalta, o marketing social é um recurso para promover mudanças comportamentais sustentáveis quando aplicado sistematicamente e adaptado às realidades

locais. Dessa forma, as escolas podem não apenas reduzir a violência em seus espaços internos, mas também contribuir para o fortalecimento das comunidades ao seu redor – um impacto positivo que transcende os limites institucionais.

Tabela 5

Codificação das respostas dos entrevistados referentes às perguntas do objetivo III, com frequência dos códigos mais comuns

Perguntas	Códigos Frequentes	Incidência
Você já participou ou liderou iniciativas relacionadas à prevenção de violência escolar ou à promoção de uma cultura de paz? Se sim, quais foram os resultados?	• Programas de conscientização	10
	• Formação de professores	08
	• Mediação de conflitos	08
	• Abordagem multidisciplinar	05
	• Respeito à diversidade	10
Como você percebe a receptividade dos alunos em relação às estratégias de prevenção à violência adotadas pela escola?	• Atividades culturais e esportivas	16
	• Aceitação das iniciativas	14
	• Participação ativa	09
	• <i>Feedback</i> positivo	11
Que mudanças você gostaria de ver na abordagem da escola em relação à prevenção e resolução de conflitos?	• Resistência a mudanças	08
	• Desenvolvimento de habilidades emocionais	10
	• Treinamento em resolução de conflitos	12
	• Aulas sobre comunicação não-violenta	12
	• Criação de comitês de alunos	05
	• Envolvimento em decisões escolares	09
	• Políticas <i>anti-bullying</i> mais rigorosas	12
	• Promoção da diversidade cultural	12
• Envolvimento dos pais em atividades escolares	16	
Quais são os principais desafios enfrentados pela escola na promoção de uma cultura de paz?	• Violência e Bullying	16
	• Participação dos Pais	16
	• Formação de Professores	14
	• Convivência Pacífica	11
Você identifica alguma oportunidade não explorada para melhorar a eficácia das estratégias de prevenção e resolução de conflitos?	• Plataformas Digitais	15
	• Atividades Culturais	16
	• Recursos Multimídia	15
	• Parcerias com ONGs	11
	• Treinamentos Regulares	10
	• Mentoria entre Pares	05
Como você acredita que a comunidade escolar como um todo pode contribuir para	• Apoio Psicológico	14
	• Engajamento dos Pais	16
	• Programas de Sensibilização	11
	• <i>Workshops</i> para a Comunidade	16

construir um ambiente mais pacífico e seguro?	• Promoção da Diversidade	14
	• Programas de Mentoria	15
	• Palestras	10

A Tabela 5, acima, apresenta a codificação das perguntas realizadas durante as entrevistas, referente ao objetivo III da pesquisa, destacando a frequência dos códigos mais comuns associados. A análise das frequências de respostas do objetivo III, que buscou propor recomendações específicas e estratégias práticas para aprimorar e otimizar as iniciativas de marketing social e macrossocial na escola estadual de Esmeraldas. As seis perguntas relacionadas a este objetivo geraram códigos que resultaram na criação da Categoria III, denominada Estratégias de Marketing Social e Macrossocial para Educação.

4.3 Estratégias de Marketing Social e Macrossocial para Educação

A análise das intervenções educativas e programas de conscientização nas escolas revela a importância de estratégias integradas para combater a violência escolar e promover um ambiente de paz e respeito. As falas dos educadores destacam a necessidade de ações contínuas e adaptadas à realidade dos alunos, enfatizando a conexão entre o que é ensinado na escola e as vivências fora dela.

Nesse contexto, a teoria do marketing social destaca a necessidade de campanhas estratégicas para estimular mudanças comportamentais positivas, utilizando princípios da comunicação persuasiva e da educação social (Andreasen, 2019). Além disso, a abordagem macrossocial permite compreender a violência escolar dentro de um sistema mais amplo, reconhecendo a influência de fatores socioeconômicos, culturais e institucionais na construção da realidade escolar (Bronfenbrenner, 2005).

A) *Intervenções Educativas*

As intervenções educativas que temos implementado são fundamentais. Quando os alunos compreendem as consequências de suas ações, eles tendem a se comportar melhor e a respeitar mais os colegas (E03).

É substancial que essas intervenções sejam adaptadas à realidade dos alunos. Precisamos conectar o que ensinamos com o que eles vivenciam fora da escola (E08).

As intervenções educativas são cruciais para melhorar o comportamento dos alunos, promovendo um ambiente escolar mais seguro. Quando os estudantes compreendem as consequências de suas ações, eles desenvolvem maior empatia e respeito pelos colegas. Essas iniciativas devem ser contínuas e integradas ao cotidiano escolar, permitindo o desenvolvimento de habilidades socioemocionais essenciais, como resiliência e colaboração (CIPAVE, 2024). Além disso, é indispensável que essas ações sejam contextualizadas, considerando fatores sociais, econômicos e culturais que influenciam o comportamento dos alunos (Smith, 2020).

É importante lembrar que cada aluno é único e possui suas próprias necessidades e ritmos de aprendizado. Nossas intervenções educativas são flexíveis e personalizadas para atender a essa diversidade (E05).

Ao celebrarmos o sucesso de cada aluno, incentivamos o desenvolvimento de sua autoestima e confiança, preparando-os para enfrentar os desafios futuros com otimismo e determinação (E10).

As falas E05 e E10 ressaltam a importância da personalização e do reconhecimento no processo educativo. A fala E05 destaca a singularidade de cada aluno, com suas necessidades e ritmos de aprendizado individuais, e a necessidade de intervenções educativas flexíveis e personalizadas para atender a essa diversidade. A fala E10 enfatiza o impacto positivo de celebrar o sucesso de cada aluno no desenvolvimento de sua autoestima e confiança, preparando-os para enfrentar desafios futuros com otimismo

Do ponto de vista do marketing social, as intervenções educativas devem ser estruturadas para reforçar comportamentos pró-sociais, utilizando mensagens claras, canais de comunicação eficazes e reforço positivo para engajar os alunos na cultura da não violência (Andreasen, 2019).

Ao promovermos um ambiente de aprendizado seguro e inclusivo, capacitamos os alunos a se tornarem cidadãos responsáveis e conscientes (E06).

Ao promover os benefícios de reconhecer e valorizar o sucesso individual de cada estudante no desenvolvimento de sua autoestima e autoconfiança, o marketing social contribui para a criação de uma cultura de valorização da individualidade e da diversidade no ambiente escolar. Além disso, campanhas de marketing social podem destacar a importância de um ambiente de aprendizado inclusivo e de qualidade, que promova o engajamento e o respeito às diferenças.

Essa abordagem alinha-se com a definição de marketing social proposta por Andreasen (2022), que o conceitua como a aplicação de princípios e técnicas de marketing para influenciar comportamentos-alvo, visando o benefício do indivíduo e da sociedade como um todo. No contexto das intervenções educativas, o marketing social pode ser utilizado para promover a adoção de práticas pedagógicas mais individualizadas e centradas no aluno, beneficiando tanto os estudantes quanto a comunidade escolar em geral.

Essa perspectiva está em consonância com a visão de Naidu e Kakkar (2019), que enfatiza o papel do marketing macrossocial na análise crítica das estruturas sociais e econômicas que moldam o comportamento do consumidor e na busca por soluções que promovam o bem-estar coletivo. No contexto das intervenções educativas, o marketing macrossocial pode ser utilizado para defender a alocação de recursos adequados para garantir que todas as escolas tenham os meios necessários para implementar intervenções educativas personalizadas, além de promover a colaboração entre escolas, famílias e comunidades na criação de um ambiente de apoio que fortaleça o desenvolvimento integral dos alunos.

B) Programas de Conscientização

Os programas de conscientização têm sido muito importantes, mas ainda enfrentamos desafios para engajar todos os alunos. Muitos não percebem a gravidade da violência escolar (E16).

Precisamos de estratégias criativas para envolver os estudantes, principalmente aqueles que resistem às mudanças (E14).

As falas E16 e E14 refletem a importância dos programas de conscientização no combate à violência escolar, ao mesmo tempo em que reconhecem os desafios existentes para engajar todos os alunos, especialmente aqueles que resistem às mudanças. E16 aponta para a necessidade de aumentar a percepção sobre a gravidade da violência escolar, enquanto E14 destaca a importância de estratégias criativas para envolver os estudantes.

Os programas de conscientização desempenham um papel significativo na transformação de comportamentos e atitudes em relação à violência escolar. Campanhas educativas que promovem valores como respeito e empatia são essenciais para envolver os estudantes (Fontes, 2023). No entanto, engajar todos os alunos ainda é um desafio. Para superar essa resistência, é necessário adotar estratégias criativas que conectem as mensagens das campanhas às experiências cotidianas dos estudantes (Carbonell, 2022). Essas iniciativas ajudam a criar uma cultura escolar mais acolhedora e participativa.

A aplicação do marketing social nesse contexto pode incluir o uso de narrativas persuasivas e abordagens multimídia para reforçar comportamentos desejáveis (Andreasen, 2019). Além disso, a perspectiva macrossocial enfatiza que os programas de conscientização precisam dialogar com políticas públicas mais amplas de segurança e bem-estar social, garantindo que os esforços escolares não sejam isolados, mas façam parte de um sistema integrado de proteção (Cecchini & Warnecke, 2018).

Ao enfatizar que os programas de conscientização precisam dialogar com políticas públicas mais amplas de segurança e bem-estar social, o marketing macrossocial garante que os esforços escolares não sejam isolados, mas façam parte de um sistema integrado de proteção.

Essa perspectiva está em consonância com a visão de Cecchini & Warnecke (2018), que enfatizam a importância de uma abordagem multissetorial para combater a violência escolar, envolvendo não apenas as escolas, mas também as famílias, as comunidades e as autoridades públicas. No contexto da conscientização sobre a violência escolar, o marketing macrossocial pode ser utilizado para defender a implementação de políticas públicas mais eficazes, que promovam a segurança e o bem-estar dos alunos, além de fortalecer a colaboração entre as escolas, as famílias e as comunidades na prevenção e no combate à violência.

C) *Formação e Capacitação Contínua*

A formação contínua dos educadores é substancial para capacitá-los a enfrentar os desafios contemporâneos da educação. *Workshops* sobre mediação de conflitos oferecem ferramentas práticas para lidar com situações desafiadoras em sala de aula (Darling-Hammond, 2020). Além disso, práticas restaurativas têm se mostrado eficazes na resolução de conflitos e na promoção de um ambiente escolar mais seguro e colaborativo (Zehr, 2018). Investir em treinamentos específicos nesse campo pode transformar significativamente a maneira como os conflitos são gerenciados nas escolas.

Participar de workshops sobre mediação de conflitos me deu novas ferramentas para lidar com situações difíceis em sala de aula (E07).

Sinto que precisamos de mais treinamentos focados em práticas restaurativas. Isso pode fazer uma grande diferença na maneira como lidamos com conflitos entre os alunos (E10).

As falas apresentadas refletem a importância da formação continuada de educadores, especialmente no que tange à mediação de conflitos e práticas restaurativas. A fala E07 expressa a aquisição de novas ferramentas a partir da participação em workshops sobre mediação, enquanto a segunda manifesta a necessidade de mais treinamentos focados em práticas restaurativas, visando aprimorar o manejo de conflitos entre alunos.

Essa abordagem alinha-se com a definição de marketing social proposta por Andreasen (2019), que o conceitua como a aplicação de princípios e técnicas de marketing para influenciar comportamentos-alvo, visando o benefício do indivíduo e da sociedade como um todo. No contexto da formação continuada de educadores, o marketing social pode ser utilizado para promover a adoção de práticas pedagógicas mais eficazes e inovadoras, beneficiando tanto os professores quanto os alunos.

A perspectiva macrosocial, embora não explicitamente mencionada no texto, também pode contribuir para a análise da formação continuada de educadores. Ao examinar como as políticas públicas e as estruturas sociais afetam a qualidade e o acesso à formação, é possível identificar barreiras e oportunidades para aprimorar a capacitação dos professores e garantir que todos tenham acesso a treinamentos de qualidade sobre mediação de conflitos e práticas restaurativas.

D) *Percepção dos Alunos sobre as Iniciativas*

A percepção positiva dos alunos em relação às iniciativas demonstra que eles estão começando a reconhecer seu papel na construção de um ambiente escolar mais pacífico. No entanto, ainda existe resistência por parte de alguns estudantes, o que exige esforços adicionais para mostrar como essas ações impactam diretamente suas vidas (Kahne & Westheimer, 2019). Essa resistência reflete problemas sociais mais amplos, como desigualdade econômica e falta de apoio psicológico, que precisam ser abordados em conjunto com as iniciativas escolares (Lima & Ferreira, 2023).

Fico feliz ao ver que muitos alunos aceitam bem as iniciativas de prevenção. Eles estão começando a perceber que são parte da solução (E14).

Ainda há resistência entre alguns estudantes. Precisamos trabalhar mais para mostrar a importância dessas ações no dia a dia deles (E10).

As falas E14 e E10 demonstram uma avaliação mista sobre a percepção dos alunos em relação às iniciativas de prevenção à violência escolar. E14 expressa satisfação com a receptividade de muitos alunos, que começam a se reconhecer como parte da solução. Por outro lado, E10 reconhece a persistência da resistência por parte de alguns estudantes, enfatizando a necessidade de um esforço contínuo para demonstrar a relevância dessas ações em seu cotidiano.

Kahne e Westheimer (2019) ressaltam que, quando os alunos se veem como parte integrante da solução, a resistência diminui, pois passam a compreender a relevância das ações preventivas para a melhoria de seu ambiente cotidiano. Assim, o marketing social propõe a criação de narrativas que não só informem, mas também motivem a participação e a transformação cultural dentro da escola.

A perspectiva macrosocial defende que somente ao articular estratégias de intervenção em múltiplos níveis – que incluam desde a comunicação e o engajamento dos alunos até a transformação das condições socioeconômicas e o fortalecimento do suporte psicológico – será possível construir um ambiente escolar verdadeiramente inclusivo e pacífico.

A resistência identificada em algumas falas reflete, em grande medida, desafios como a desigualdade econômica e a carência de apoio psicológico, que não se restringem ao âmbito escolar, mas estão enraizados em problemas sociais mais amplos (Lima & Ferreira, 2023).

Diante desse panorama, é fundamental analisar como as iniciativas de prevenção à violência escolar podem ser aprimoradas para englobar as necessidades específicas dos alunos que demonstram resistência, considerando o contexto social em que estão inseridos.

E) Ambiente Inclusivo

Criar um ambiente inclusivo é importante para o desenvolvimento integral dos alunos e para a construção de uma comunidade escolar vibrante e colaborativa. Segundo Ainscow (2005), a verdadeira inclusão demanda a criação de ambientes onde todos os estudantes se sintam valorizados e tenham oportunidades equitativas de participação, contribuindo para o

fortalecimento da coesão social e o desenvolvimento de competências que vão muito além do âmbito acadêmico.

Criar um ambiente inclusivo é fundamental. Quando os alunos se sentem seguros e respeitados, eles estão mais dispostos a participar das atividades escolares (E08).

As políticas anti-bullying que temos implementado são essenciais, mas precisamos garantir que todos conheçam seus direitos e se sintam à vontade para denunciar situações (E02).

Esse sentimento de pertencimento é substancial para que cada aluno se sinta parte integrante da solução e não apenas um espectador passivo no processo de aprendizagem. Além disso, as políticas anti-bullying implementadas são pilares nesse processo. Conforme destacado na fala E02, é imprescindível que todos os alunos conheçam seus direitos e se sintam à vontade para denunciar qualquer situação de violência ou exclusão. Essa transparência e abertura não só empoderam os estudantes, mas também fortalecem a rede de apoio, permitindo que a comunidade escolar se una para combater comportamentos prejudiciais e promover a convivência harmoniosa.

Do ponto de vista do marketing social, a escola pode desenvolver campanhas que ressaltem a importância da diversidade e do respeito mútuo. Conforme Andreasen (2023) destaca, utilizar os mecanismos do marketing social para construir narrativas inclusivas contribui para transformar atitudes individuais e coletivas, fazendo com que os alunos se vejam como agentes ativos na promoção de um ambiente escolar mais acolhedor e participativo.

Além disso, ao considerar o marketing macrossocial, percebe-se que a inclusão escolar deve ser abordada dentro de um contexto mais amplo, que envolve não apenas a escola, mas também a sociedade como um todo. O marketing macrossocial busca promover mudanças sistêmicas e estruturais que impactam a cultura, as políticas e as práticas sociais. Dessa forma, campanhas educativas dentro da escola podem ser potencializadas por iniciativas governamentais, midiáticas e comunitárias que reforcem a importância da diversidade, da equidade e da inclusão como valores fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e coesa.

A verdadeira inclusão não se resume apenas à adaptação do currículo ou à infraestrutura física, mas implica em uma mudança profunda de mentalidade e de práticas institucionais. Em um contexto inclusivo, os alunos aprendem a lidar com a diversidade como um elemento enriquecedor, o que estimula a empatia, o trabalho em equipe e a resolução

colaborativa de problemas. Segundo Ainscow (2005), criar ambientes onde todos os estudantes se sintam valorizados e tenham oportunidades equitativas de participação é substancial para fortalecer a coesão social e desenvolver competências que transcendem o âmbito acadêmico.

Nesse sentido, Freire (1996) argumenta que a educação deve ser um processo dialógico, capaz de promover a conscientização crítica dos alunos e valorizar as diversas experiências individuais. Florian e Black-Hawkins (2011) complementam essa visão, ressaltando que a inclusão deve ser entendida como um processo contínuo de transformação das práticas pedagógicas, ajustando-se às necessidades de cada estudante para garantir uma participação efetiva e colaborativa. Além disso, Slee (2011) defende que a verdadeira inclusão exige uma revisão das estruturas educacionais, de modo que a diversidade seja não apenas aceita, mas celebrada, contribuindo para a construção de uma cultura escolar mais justa e integrada.

Um ambiente inclusivo é substancial para garantir o bem-estar emocional dos alunos e promover o aprendizado colaborativo (Tomlinson, 2017). Políticas *anti-bullying* desempenham um papel central nesse processo ao criar um espaço onde os estudantes se sentem seguros para denunciar situações de violência ou exclusão (Olweus, 2021). Essas medidas ajudam a construir uma cultura escolar baseada no respeito mútuo e na valorização da diversidade.

F) *Envolvimento da Comunidade Escolar*

O envolvimento dos pais nas atividades escolares é indispensável. Quando eles participam, o impacto das iniciativas é muito maior.

Estabelecer parcerias com organizações locais tem sido uma estratégia eficaz para ampliar nosso alcance e recursos na promoção da paz (E03).

Esta fala destaca a importância da colaboração externa para fortalecer iniciativas de paz. Demonstra uma compreensão de que a escola não opera isoladamente e que unir forças com organizações locais pode aumentar o impacto das ações. A menção a "ampliar nosso alcance e recursos" indica que a parceria é vista como uma forma de superar limitações e atingir um público maior.

O engajamento dos pais não é apenas um 'plus', é a espinha dorsal de uma comunidade escolar forte e resiliente. Quando pais se envolvem, os alunos prosperam, e a escola se torna um verdadeiro centro de transformação social (E01).

Essa declaração eleva o engajamento dos pais a um nível substancial, comparando-o à "espinha dorsal". Isso enfatiza que o envolvimento parental não é um adendo, mas sim um componente vital para o funcionamento saudável da escola. A declaração conecta diretamente o envolvimento dos pais ao sucesso dos alunos e à transformação social, criando uma narrativa sobre o impacto positivo da participação familiar.

Percebo uma diferença gritante naqueles alunos cujos pais estão ativamente envolvidos. Eles demonstram maior autoestima, melhores notas e uma atitude mais positiva em relação ao aprendizado. É um ciclo virtuoso que precisamos alimentar. E14

Esse professor apresenta evidências diretas do impacto do engajamento parental, observadas na prática por um profissional da escola. A menção à "diferença gritante" e a indicadores como "autoestima, melhores notas e atitude positiva" torna a declaração convincente e demonstra que o envolvimento dos pais gera resultados tangíveis. A expressão "ciclo virtuoso" reforça a ideia de que o engajamento parental cria um sistema de retroalimentação positiva, beneficiando tanto os alunos quanto a escola.

Uma análise macrossocial revela que a efetividade dessas iniciativas depende de abordar as desigualdades estruturais e promover uma transformação cultural. O marketing social pode ser utilizado para comunicar a mensagem de forma eficaz, mobilizar o público-alvo e avaliar o impacto das ações. Ao combinar as perspectivas macrossocial e de marketing social, é possível criar iniciativas de prevenção da violência mais abrangentes, sustentáveis e eficazes.

O envolvimento da comunidade escolar é um fator determinante no sucesso das iniciativas voltadas à prevenção da violência. A participação ativa das famílias fortalece as ações implementadas na escola (Epstein, 2018). Além disso, parcerias com organizações locais ampliam os recursos disponíveis e criam redes de apoio sustentáveis para promover uma cultura de paz (Wagner et al., 2020). A colaboração entre escola e comunidade potencializa o impacto das ações preventivas.

G) *Uso da Tecnologia na Resolução de Conflitos*

A tecnologia tem se mostrado uma aliada na mediação de conflitos escolares. Plataformas digitais facilitam a comunicação entre alunos e educadores, criando um espaço seguro onde os estudantes podem expressar suas preocupações (Hernandez et al., 2022). Além

disso, recursos multimídia tornam o aprendizado sobre resolução de conflitos mais dinâmico e acessível, ajudando os alunos a compreender melhor temas complexos relacionados à convivência escolar (Mayer, 2020).

Utilizar plataformas digitais para mediar conflitos tem funcionado bem. Os alunos se sentem mais à vontade para expressar suas preocupações on-line (E08).

Os recursos multimídia tornam o aprendizado sobre resolução de conflitos mais dinâmico e acessível para todos os alunos (E06).

As duas falas complementam-se, mostrando que a tecnologia pode ser usada tanto para a mediação direta de conflitos quanto para o aprendizado de habilidades de resolução de conflitos. Ao combinar plataformas de mediação online com recursos multimídia, as escolas podem criar um ambiente mais seguro, inclusivo e propício ao desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais dos alunos.

Neste contexto, a aplicação da tecnologia na resolução de conflitos transcende a mera ferramenta, configurando-se como uma estratégia de marketing social e macrossocial, buscando instigar mudanças comportamentais e sociais positivas a longo prazo. Ao utilizar plataformas digitais para mediar disputas, o objetivo não é apenas resolver um problema imediato, mas também promover uma cultura de diálogo e respeito dentro das comunidades escolares. O marketing social manifesta-se na promoção desta cultura, enquanto o marketing macrossocial visa influenciar as normas e valores da sociedade como um todo (Domegan, 2008)¹. Ao facilitar a comunicação, estimular a empatia através de recursos interativos e garantir soluções equitativas, essas plataformas digitais contribuem ativamente para a construção de uma sociedade mais harmoniosa, colaborativa e justa.

H) *Feedback e Avaliação das Iniciativas*

A violência no ambiente escolar tem sido uma preocupação crescente, demandando a adoção de estratégias eficazes para sua prevenção e enfrentamento. Nesse contexto, os professores apontam, em primeiro lugar, a necessidade de uma integração efetiva entre escola, família e comunidade. Essa articulação é vista como substancial para a construção de um ambiente educacional seguro, uma vez que a violência escolar não se origina exclusivamente nesse espaço, mas reflete conflitos e desigualdades sociais mais amplas (Charlot, 2020). Dessa

forma, o envolvimento da família e da comunidade no processo educativo fortalece as ações preventivas e potencializa os resultados das intervenções pedagógicas voltadas à promoção da cultura de paz (Epstein, 2018).

É importante coletar feedback dos alunos sobre as iniciativas implementadas. Isso nos ajuda a entender o que está funcionando e o que precisa ser ajustado (E03).

Relatórios regulares sobre o clima escolar são essenciais para monitorar nosso progresso em direção a um ambiente mais pacífico (E10).

As falas dos professores refletem percepções práticas sobre os desafios enfrentados no combate à violência escolar e na promoção da cultura de paz. As experiências relatadas estão alinhadas com teorias contemporâneas que defendem abordagens multidimensionais adaptadas ao contexto escolar brasileiro. Autores como Barbieri et al. (2020), Fontes (2023) e Lima & Ferreira (2023) reforçam a necessidade dessas abordagens integradas.

Além disso, os docentes ressaltam que diversas estratégias podem ser empregadas para lidar com a violência escolar, sendo muitas delas já parte do cotidiano pedagógico. No entanto, destacam que essas ações precisam estar inseridas em um processo contínuo de sensibilização, envolvendo não apenas os alunos, mas também professores, funcionários e demais membros da comunidade escolar. Esse processo de conscientização é fundamental para transformar a cultura escolar e consolidar práticas que promovam o respeito mútuo e a resolução pacífica de conflitos (Abramovay & Rua, 2021). Dessa maneira, não basta apenas criar iniciativas pontuais; é necessário que a escola implemente políticas institucionais de prevenção da violência, aliadas a ações concretas de intervenção e suporte emocional aos estudantes (Lima & Ferreira, 2023).

Entretanto, um dos principais desafios apontados pelos professores está relacionado à insegurança no manejo das situações de violência. Muitos educadores afirmam não se sentirem devidamente preparados para enfrentar essas questões, ainda que reconheçam a urgência de desenvolver estratégias eficazes diante da realidade atual. Para isso, ressaltam a necessidade de maior apoio profissional e institucional, incluindo formações específicas sobre mediação de conflitos, comunicação não violenta e práticas restaurativas (Zehr, 2019). Assim, a capacitação contínua dos docentes e demais profissionais da escola torna-se um elemento necessário para que possam atuar com mais segurança e assertividade na prevenção e no enfrentamento da violência (Darling-Hammond, 2021).

Nesse sentido, entre as estratégias adotadas pelos professores, o diálogo é apontado como a mais recorrente e eficaz. A escuta ativa e a construção de espaços de fala dentro da escola favorecem a mediação de conflitos e ajudam os alunos a desenvolverem habilidades socioemocionais, como empatia, tolerância e autorregulação emocional (Durlak et al., 2022). Paralelamente, os educadores enfatizam a importância de recursos didáticos específicos que abordem a temática da violência escolar, seja por meio de projetos interdisciplinares, atividades lúdicas ou materiais pedagógicos que incentivem a reflexão crítica sobre o tema (Freire, 2020). Dessa forma, a escola precisa não apenas reagir aos episódios de violência, mas também investir em ações proativas que promovam a cultura da paz.

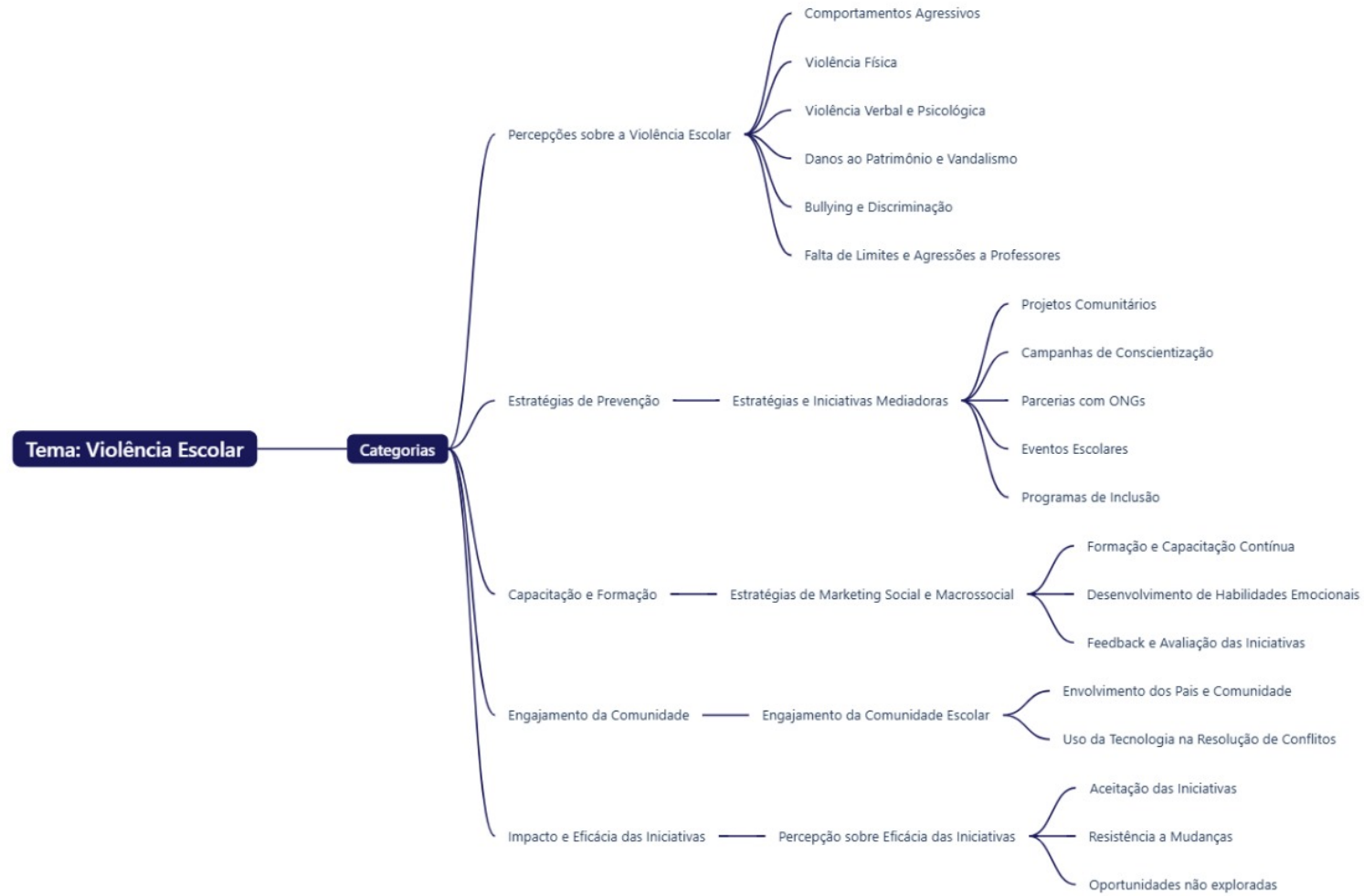
Além das estratégias educativas, é imprescindível analisar o fenômeno da violência escolar sob uma perspectiva macrosocial. Compreender esse problema como parte de um contexto mais amplo de desigualdade social, vulnerabilidade econômica e dinâmicas comunitárias é substancial para desenvolver soluções eficazes (Bronfenbrenner, 2005). O enfrentamento da violência escolar, portanto, não pode ser restrito ao espaço da escola, exigindo a articulação entre políticas públicas, ações intersetoriais e o fortalecimento de redes de proteção à infância e à adolescência.

Nesse contexto, o marketing social emerge como uma ferramenta relevante, possibilitando a criação de estratégias de comunicação e mobilização social mais eficazes. A utilização de campanhas educativas e narrativas persuasivas pode sensibilizar e engajar diferentes atores da comunidade escolar na construção de um ambiente mais seguro e inclusivo (Andreasen, 2019). A integração entre intervenções educativas contínuas, formação docente especializada, uso da tecnologia e parcerias comunitárias fortalece os esforços para a promoção da cultura da paz. Além disso, a adoção de abordagens baseadas em evidências permite avaliar a efetividade das estratégias adotadas e ajustar as ações conforme necessário.

Portanto, o combate à violência escolar deve ser abordado de maneira transversal, articulando o currículo escolar, a formação docente e o engajamento da comunidade em torno da construção de um ambiente educacional mais seguro, acolhedor e inclusivo. O compromisso com essa transformação exige esforços contínuos, investimentos estruturais e o desenvolvimento de políticas públicas eficazes, garantindo que a escola seja um espaço de aprendizado, respeito e cidadania.

Figura 4

Síntese das categorias e subcategorias



Fonte: Realizado pela autora

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação investigou a aplicação do marketing social e macrossocial como estratégias para a prevenção e mitigação da violência escolar, elegendo como locus de estudo uma escola estadual em Esmeraldas, Minas Gerais. Adotando uma abordagem qualitativa, a pesquisa explorou o contexto da violência escolar na instituição, analisou as estratégias de marketing social e macrossocial implementadas ou com potencial de aplicação e, finalmente, propôs recomendações visando otimizar tais intervenções.

Os resultados da investigação revelaram que a violência escolar configura uma problemática complexa, com impactos negativos significativos no ambiente educacional, no bem-estar dos discentes e no seu desempenho acadêmico. Entre as principais manifestações de violência identificadas, destacam-se as agressões físicas e verbais, o bullying e a discriminação. Os fatores que contribuem para a eclosão da violência escolar são diversos, englobando desde questões de ordem socioeconômica até problemas familiares e individuais. Nesse sentido, constatou-se que a desigualdade social, a violência doméstica e a exclusão emergem como elementos determinantes na perpetuação desse quadro, contribuindo para a criação de um ambiente de constante tensão e insegurança no espaço escolar.

A análise das estratégias de marketing social e macrossocial implementadas ou potencialmente aplicáveis na escola de Esmeraldas evidenciou um horizonte promissor para a utilização mais efetiva dessas ferramentas. No entanto, apesar da existência de algumas iniciativas, como campanhas de conscientização e programas de promoção da cultura de paz, a investigação revelou que muitas dessas ações carecem de planejamento estratégico, segmentação do público-alvo, avaliação de resultados e integração com outras iniciativas da escola e da comunidade.

Nesse contexto, foram formuladas recomendações específicas e estratégias práticas com o objetivo de aprimorar e otimizar as iniciativas de marketing social e macrossocial na escola estadual de Esmeraldas. Recomenda-se a realização de um diagnóstico aprofundado do contexto da violência escolar na instituição, visando identificar as causas, os tipos e os impactos da violência, bem como as necessidades e expectativas dos diferentes públicos-alvo. Ademais, é substancial a elaboração de um plano de marketing social e macrossocial abrangente e integrado, com objetivos claros, estratégias específicas, ações coordenadas, indicadores de desempenho e mecanismos de avaliação.

Outrossim, é imprescindível a segmentação do público-alvo em grupos homogêneos, com base em suas características, necessidades e comportamentos, para o desenvolvimento de

mensagens e campanhas mais relevantes e eficazes. A utilização de uma variedade de canais de comunicação, como redes sociais, aplicativos, murais, palestras, oficinas e eventos, também se mostra fundamental para disseminar mensagens-chave sobre a prevenção e mitigação da violência escolar. Paralelamente, destaca-se a importância da promoção do engajamento e da participação dos alunos, professores, pais, funcionários e membros da comunidade nas iniciativas de marketing social e macrossocial, por meio de atividades colaborativas, fóruns de discussão, grupos de trabalho e programas de voluntariado.

Outro aspecto, é o monitoramento e avaliação contínuos dos resultados das iniciativas de marketing social e macrossocial, com o objetivo de identificar os pontos fortes e fracos, ajustar as estratégias e garantir o alcance dos objetivos estabelecidos. Para tanto, a busca de parcerias com outras instituições, como ONGs, empresas, universidades e órgãos governamentais, torna-se um fator determinante para ampliar o alcance e o impacto das iniciativas de marketing social e macrossocial na escola estadual de Esmeraldas.

Conforme demonstrado ao longo da pesquisa, a violência escolar em Esmeraldas emerge como um problema multifatorial que exige intervenções estratégicas e integradas, aptas a combinar mudanças comportamentais imediatas com transformações estruturais de longo prazo.

Objetivos foram alcançados a partir desta pesquisa: Analisar o contexto da violência escolar na Escola Estadual de Esmeraldas, identificando as principais formas de violência, fatores contribuintes e impactos no ambiente educacional. O objetivo foi alcançado por meio da análise qualitativa da realidade da escola estudada. A pesquisa identificou que as principais formas de violência incluem agressões físicas e verbais, bullying e discriminação. Além disso, constatou-se que fatores socioeconômicos, como desigualdade social e exclusão, bem como problemas familiares e emocionais, contribuem significativamente para a perpetuação da violência escolar. Os impactos foram observados tanto no desempenho acadêmico dos estudantes quanto no bem-estar emocional da comunidade escolar, evidenciando um ambiente de tensão constante e insegurança. Essa compreensão foi obtida a partir de entrevistas com professores e análise documental de relatórios institucionais.

Descrever as estratégias e iniciativas de marketing social e macrossocial atualmente implementadas ou potencialmente aplicáveis na escola de Esmeraldas. Esse objetivo foi atingido por meio do levantamento das ações já desenvolvidas na escola e da identificação de práticas que poderiam ser incorporadas para aumentar a eficácia das

intervenções. A pesquisa verificou que algumas campanhas de conscientização e programas de promoção da cultura de paz já estavam em curso, porém, careciam de planejamento estratégico, segmentação de público e avaliação de impacto. A dissertação analisou o potencial de aplicação do marketing social, voltado para mudanças comportamentais imediatas, como redução do bullying, e do marketing macrossocial, focado em políticas públicas que abordem desigualdades estruturais. A partir desse diagnóstico, foram sugeridas ações complementares para fortalecer as iniciativas existentes.

Propor recomendações específicas e estratégias práticas para aprimorar e otimizar as iniciativas de marketing social e macrossocial na escola estadual de Esmeraldas. A pesquisa alcançou esse objetivo ao formular um conjunto de recomendações práticas baseadas nos achados empíricos. Entre as propostas, destacam-se a realização de um diagnóstico aprofundado da violência escolar, a formulação de um plano estruturado de marketing social e macrossocial, a segmentação do público-alvo e a diversificação dos canais de comunicação utilizados para conscientização. Além disso, foram sugeridas ações para incentivar o engajamento da comunidade escolar, criar parcerias estratégicas e estabelecer mecanismos contínuos de monitoramento e avaliação das iniciativas implementadas. Essas recomendações visam tornar as estratégias mais eficazes e sustentáveis a longo prazo, promovendo um ambiente escolar mais seguro e inclusivo.

A presente investigação explorou as contribuições do marketing social e do marketing macrossocial como abordagens complementares para enfrentar esse desafio. O marketing social mostrou-se eficaz para promover mudanças comportamentais específicas, como a redução do bullying e o fomento de habilidades socioemocionais entre os estudantes. Campanhas educativas, programas de mediação de conflitos e eventos comunitários são exemplos de ações que podem gerar impactos imediatos e mensuráveis. Em contrapartida, o marketing macrossocial oferece uma abordagem mais abrangente, focando em políticas públicas e programas governamentais que visam reduzir as desigualdades sociais e melhorar as condições de vida das comunidades.

No nível upstream, o governo desempenha um papel fundamental na formulação de políticas públicas abrangentes, na alocação de recursos financeiros adequados e na criação de um arcabouço legal que proteja os direitos dos estudantes e promova a cultura de paz nas escolas. No nível midstream, a escola e a comunidade local devem atuar conjuntamente para criar um ambiente seguro e acolhedor, fortalecendo os laços sociais e estimulando a

participação ativa das famílias. No nível downstream, a família desempenha um papel substancial na transmissão de valores, na orientação e no suporte emocional aos estudantes.

Em última análise, a sinergia entre as abordagens do marketing social e macrossocial, impulsionada pelo engajamento colaborativo de todos os atores sociais envolvidos, representa um imperativo para a construção de um ambiente escolar verdadeiramente seguro, justo e equitativo, capaz de promover o desenvolvimento integral dos estudantes e prepará-los para enfrentar os desafios complexos do século XXI.

Contribuições da Pesquisa

A presente dissertação oferece contribuições relevantes para o campo da violência escolar e do marketing social e macrossocial, tanto em termos teóricos quanto metodológicos e práticos.

Contribuições Teóricas:

- A pesquisa aprofunda o conhecimento sobre a violência escolar, analisando suas causas, tipos e impactos no contexto específico de uma escola estadual em Esmeraldas, Minas Gerais.
- A dissertação oferece uma contribuição ao arcabouço teórico do marketing social e macrossocial, explorando seus conceitos, aplicações e desafios no contexto da prevenção e mitigação da violência escolar.
- A investigação contribui para a construção de um diálogo teórico que integra os conceitos de violência escolar, marketing social e macrossocial, oferecendo uma base para o desenvolvimento de novas pesquisas e intervenções.

Contribuições Metodológicas:

- A pesquisa emprega uma metodologia qualitativa, por meio de um estudo de caso único, que permite uma análise aprofundada e contextualizada da violência escolar na escola estadual de Esmeraldas.
- A dissertação utiliza entrevistas semiestruturadas com professores como principal instrumento de coleta de dados, o que possibilita a obtenção de informações ricas e detalhadas sobre as percepções, experiências e expectativas dos profissionais da educação em relação à violência escolar.

- A pesquisa apresenta um processo de análise de dados rigoroso e transparente, que envolve a transcrição das entrevistas, a codificação dos dados, a identificação de temas recorrentes e a interpretação dos resultados à luz do referencial teórico.

Contribuições Práticas:

- A dissertação oferece recomendações específicas e estratégias práticas para aprimorar e otimizar as iniciativas de marketing social e macrossocial na Escola Estadual de Esmeraldas.
- A pesquisa contribui para a conscientização e sensibilização da comunidade escolar sobre a importância da prevenção e mitigação da violência escolar.
- A dissertação pode servir de referência para outras escolas, instituições e órgãos governamentais que desejam implementar ações de marketing social e macrossocial para combater a violência escolar.

Lacunas de Pesquisa e Sugestões para Estudos Futuros

A despeito das contribuições mencionadas, a presente dissertação apresenta algumas limitações que podem ser exploradas em pesquisas futuras. Entre as principais lacunas identificadas, destacam-se:

- **Restrição da População:** A pesquisa se limita a um estudo de caso único, o que restringe a generalização dos resultados para outras escolas e contextos. Investigações futuras podem ampliar a amostra, incluindo escolas de diferentes regiões, níveis de ensino e características socioeconômicas.
- **Instrumentos de Coleta de Dados:** A coleta de dados se concentrou nas entrevistas com professores. Estudos futuros poderiam complementar essa abordagem com outros instrumentos, como questionários, observação participante, análise documental e grupos focais, a fim de obter uma compreensão mais abrangente e multifacetada da violência escolar.
- **Avaliação de Impacto:** A pesquisa não contemplou a avaliação dos resultados das iniciativas de marketing social e macrossocial implementadas na escola estadual de Esmeraldas. Pesquisas futuras podem realizar avaliações de impacto para verificar a eficácia dessas iniciativas na prevenção e mitigação da violência escolar.

- **Tecnologias Digitais:** A investigação não explorou o papel das tecnologias digitais na prevenção e no combate à violência escolar. Estudos futuros podem investigar como as redes sociais, aplicativos e outras ferramentas digitais podem ser utilizados para promover a cultura de paz, o diálogo e a colaboração entre os diferentes atores da comunidade escolar.
- **Interseccionalidade:** A pesquisa não aprofundou a análise das questões de gênero, raça, etnia, orientação sexual e identidade de gênero na violência escolar. Estudos futuros podem analisar como essas questões se manifestam na violência escolar e como o marketing social e macrossocial podem ser utilizados para promover a igualdade, a inclusão e o respeito à diversidade.

Adicionalmente, sugere-se que estudos futuros explorem os seguintes temas:

- O papel da família na prevenção e mitigação da violência escolar.
- A relação entre a violência escolar e a saúde mental dos alunos e professores.
- O impacto da violência escolar no desempenho acadêmico e no futuro profissional dos alunos.
- A utilização de metodologias participativas e colaborativas na prevenção e mitigação da violência escolar.
- A análise comparativa das políticas públicas e dos programas de prevenção da violência escolar em diferentes países e contextos.

Em síntese, as lacunas mais significativas residem na necessidade de ampliar o sujeito para aumentar a generalização dos resultados, diversificar os instrumentos de coleta de dados para obter uma compreensão mais abrangente do fenômeno, avaliar o impacto das intervenções implementadas, explorar o potencial das tecnologias digitais e aprofundar a análise das questões de diversidade na violência escolar. Ao abordar essas lacunas e explorar os temas sugeridos, pesquisas futuras poderão contribuir para o avanço do conhecimento sobre a violência escolar e o marketing social e macrossocial, bem como para o desenvolvimento de intervenções mais eficazes e sustentáveis.

REFERÊNCIAS

- Abramovay, M. (2002). *Violências nas escolas*. Unesco. Adorno, T.W. (1994). *Educação e emancipação*. Paz e Terra.
- Andreasen, A. R. (2022). *Marketing social na prática: Estratégias para mudanças sociais positivas*. Rio de Janeiro: Editora LMN.
- Almeida, F. (2022). *A importância do marketing social na educação: Estratégias para a prevenção da violência escolar*. *Revista Brasileira de Educação*, 27(3), 45-62.
- Alvarez, M. C. (2004). Controle social: Notas em torno de uma noção polêmica. *São Paulo em Perspectiva*, 18(1), 168-176.
- Appel-Silva, M. A., Wendt, G. W., & Argimon, I. I. L. (2010). A teoria da autodeterminação e as influências socioculturais sobre a identidade. *Psicologia em Revista*, 16(2), 351- 369.
- Araújo, E. A. C., Escobal, G., & Goyos, C. (2006). Programa de suporte comunitário: Alternativa para o trabalho do adulto de deficiente mental. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, 12(2), 221-240.
- Assis, S. G. et al. (2023). *Impactos da violência na escola: Um diálogo com professores* (2ª ed.). Fiocruz.
- Assis, S. G., Avancini, M., & Oliveira, H. (2008). *Violência nas escolas: O bê-á-bá da intolerância e da discriminação*. (pp. 28-53).
- Assis, S. G., Constantino, P., & Avanci, J. Q. (2010). *Impactos da violência na escola: Um diálogo com professores*. Fiocruz.
- Azevedo, J. C. (2007). Educação pública: O desafio da qualidade. *Estudos Avançados*, 21(60).
- Bandura, A. (2021). *Teoria social cognitiva: Implicações para a prevenção da violência escolar*. Rio de Janeiro: Editora DEF.
- Barbieri, B. C., Santos, N. E., & Avelino, W. F. (2020). Violência escolar: Uma percepção social. *Educação Pública*.
- Barbosa, M. C. S. (2015). Violência escolar: Desafios e perspectivas para a formação de educadores. In M. C. S. Barbosa & M. R. S. Silva (Orgs.), *Formação de professores: Desafios e perspectivas para o século XXI* (pp. 123-138). CRV.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Batista, J. (2021). *Educação Freiriana é saída para a pandemia*. Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação.
- Belga, Silva, Sena. (2017). Concepções de programas de prevenção à violência e promoção da cultura de paz. *Cad. Saúde Colet.*, 25(2), 177-182.

- Bergamo, G. A., & Bernardes, G. A. (2006). Produção de conhecimento. *Educ. Soc.*, 27(94), 179-198.
- Bispo, F. S., & Lima, N. L. (2014). A violência no contexto escolar: Uma leitura interdisciplinar. *Educação Em Revista*, 30(2), 161-180.
- Blaya, C. (Orgs.). (2002a). *Violência nas escolas e políticas públicas*. UNESCO.
- Blaya, C. (Orgs.). (2002b). *Violência nas escolas. Dez abordagens europeias*. UNESCO.
- Boletim Violência 2024
<https://www.esmeraldas.mg.gov.br/assets/file/Boletim%20Viol%C3%Aancia%2024.pdf>
- Bonamigo, I. S., Tondin, C. F., Risson, A. P., & Solvalagem, A. L. (2014). Pesquisa-intervenção sobre violência em escolas. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 18(3), 519-527.
- Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*.
- Brasil. (1990). *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da criança e do Adolescente e dá outras providências.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretária de Atenção à saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. (2008). *Saúde do adolescente: Competências e habilidades*. Ministério da Saúde.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101.
- Carvalho, J. S. F. (2015). Autoridade e educação: O desafio em face do acaso da tradição. *Revista Brasileira de Educação*, 20(63).
- Cortes, T. P. B. B., Martins, A. O., & Souza, C. H. M. (2018). Educação Midiática, educomunicação e formação docente: Parâmetros dos últimos 20 anos de pessoas nas bases SiELO e Scopus. *Educação em Revista*, 34, e2000381.
- Couto, L. M., & Monteiro, E. S. (2020). Mediação escolar como ferramenta na resolução de conflitos no espaço educacional. *Educação Pública*.
- Crisóstomo, L. (2024). *Fatores que contribuem para violência escolar no Brasil*. Funile.
- Cury, C. R. J. (2002). Direito à educação: Direito à igualdade, direito à diferença. *Cadernos de Pesquisa*, (116), 245-262.
- Dahlberg, G. (2016). *Pedagogy and the Prevention of Violence: A Qualitative Approach*. *Journal of Educational Research*, 42(3), 215-230.
- Debarbieux, E. (2022). *Violência nas escolas: Perspectivas globais e locais*. Porto Alegre:

Editora ABC.

- Dodge, K. A., Coie, J. D., & Lynam, D. R. (2020). *Aggression and antisocial behavior in youth*. In W. Damon & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of Child Psychology* (6th ed., Vol. 3, pp. 720-786). Wiley.
- Dusi, M. L.H. M. (2006). *A construção da cultura de paz no contexto da instituição escolar* [Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia].
- Edrone. (2024). *Segmentação de público-alvo: Conheça a sua audiência*.
- Epstein, J. L. (2018). *School, family, and community partnerships: Your handbook for action* (4th ed.). Corwin Press.
- Fernandes, N. D. R. (2022). Enfrentamento a indisciplina e a violência na escola. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, 8(9), 136-146.
- Ferreira, L. L. O. (2019). *O uso da comunicação não violenta como possibilidade de intervenção nas relações interpessoais entre os estudantes* [Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação].
- Ferreirinha, I. M. N., & Raitz, T. R. (2010). As relações de poder em Michel Foucault: Reflexões teóricas. *RAP*, 44(2), 367-383.
- Fleuri, R. M. (2008). Rebeldia e democracia na escola. *Revista Brasileira de Educação*, 13(39). (Org.) Gil, A.C. (2019). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (7ª ed.). Atlas.
- Gini, G., & Espelage, D. L. (2014). Peer victimization, cyberbullying, and suicide risk in children and adolescents. *JAMA Pediatrics*.
- Godoy, I. M. (2023). Estratégias para a prevenção da violência em contexto escolar. *SciELO em Perspectiva*.
- Goergen, P. (2001). Pós-modernidade, ética e educação. Autores Associados. Guareschi, N. M. F. (2019). Escola e relações de poder e autoridade. Educação. Guimaraes, Á. M. (1985). Vigilância, punição e depredação escolar. Papirus.
- Guimaraes, E. & Paiva, E. (1997). (Orgs.). *Violência e vida escolar: Contemporaneidade e educação*.
- Guirado, M. (1987). *Psicologia institucional*. EPU.
- Haidt, J. (2013). Moral psychology for the 21st century. *Journal of Moral Education*, 42(3), 281-297.
- Hayden, C., & Blaya, C. (2002). Comportamentos violentos e agressivos nas escolas inglesas. In (Orgs.), *Violência nas escolas. Dez abordagens européias* (pp. 63-102). UNESCO.
- Higuchi, A. K., & Vieira, F. G. D. (2012). Responsabilidade social corporativa e marketing social corporativo: Uma proposta de fronteira entre estes dois conceitos. *Maringá*, 34(1), 31-40.

- Horestein, M. & Voyron-Lemaire, M. C. (1999). Les enseignants victimes de la violence. In Charlot, B. (Coord.) *Violences à l'école: État des saviors*. Armand Colin.
- Ikeda, A. A., Campomar, M. C., & Chamie, B. C. (2014). Laddering: Revelando a coleta e interpretação dos dados. *ReMark - Revista Brasileira De Marketing*, 13(4), 49-66.
- Jaccoud, L., Silva, F. B. et al. (2005). *Questão social e políticas sociais no Brasil Contemporâneo*. IPFA.
- Kaminski, A. K. (2002). *O Conselho Tutelar, a criança e o ato infracional. Proteção ou punição?*
- Kappel, V. B., Gontijo, D. T., Medeiros, M., & Monteiro, E. M. L. M. (2014). Enfrentamento da violência no ambiente escolar na perspectiva dos diferentes autores. *Interface – Comunicação Saúde Educação*, 18(51), 723-735.
- Krieken, R. V. (1996). *A organização da alma: Elias e Foucault sobre disciplina e o eu*. Kuhn, T. S. (1982). *A estrutura das revoluções científicas*. Perspectiva.
- Lakatos, E. M., & Marconi, M. A. (2017). *Metodologia do trabalho científico: Projetos de pesquisa, pesquisa bibliográfica, teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalho de conclusão de curso* (8ª ed.). Atlas.
- Leon, F. (2023). *Crianças e adolescentes*. Brasil de Direitos.
- Lima, A. S. S. (2008). *Uma contribuição ao marketing social e à educação fiscal no Brasil: Análise por meio de casos múltiplos*.
- Lima, R. (2021). Parcerias entre escolas e empresas na prevenção da violência escolar: Ampliando ações de conscientização e prevenção. *Revista Brasileira de Educação*.
- Lima, S. A. S. & Miotto, R. C. S. (2007). *Metodologia da pesquisa científica em ciências sociais aplicadas*. Atlas.
- Lima, M., & Ferreira, P. (2023). *O impacto da violência escolar na saúde mental dos estudantes: Um estudo de caso em Minas Gerais*. *Psicologia & Sociedade*, 35(1), 75-92.
- Lucinda, M. C., Nascimento, M. G., & Candau, V. M. (2010). *Escola e violência*.
- Lüdke, M. & André, E. D. A. M. (1986). *Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas*. EPU.
- Machado, G. C. (2019). *O comportamento informacional de líderes religiosos em Belo Horizonte*. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Machado, G. S. (2010). O serviço Social nas ONGS. Projetos societários em disputa. *Soc. Soc.*, (102), 269-288.

- Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2012). *Técnicas de pesquisa*. Atlas.
- Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2017). *Fundamentos de metodologia científica* (8ª ed.). Atlas.
- Márques, F. T. (2014). A Violência que convém perceber: Normalização e produção social da identidade e da diferença na escola. In G. Calçado & M. S. Gutier (Orgs.), *Uma visão transdisciplinar do cotidiano: Ciências sociais e direito*. W/S Editora.
- Márques, F. T. (2015). *Violência e normalização na escola: A produção da diferença como condição patológica* [Relatório de Pós-doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro].
- Marques, S. D. (2023). Aumento na violência nas escolas aponta a necessidade de criação de políticas públicas de promoção da paz. *Jornal da Universidade UFRGS*.
- Marra, C. A. S. (2004). *Violência escolar: Um estudo de caso sobre a percepção dos autores escolares a respeito dos fenômenos de violência explícita e sua repercussão no cotidiano da escola*. Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Marx, K. (1980). *O capital: Livro 1: O processo de produção do capital*. Civilização Brasileira.
- Matos, E. de M. C. (2023). *Falta de estrutura das escolas compromete educação pública no Brasil*. Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação.
- Meira, P. R. S., & Santos, C. P. (2012). Programas de marketing social: Proposição e exame de uma estrutura conceitual de avaliação de resultados. *RAP*, 46(2), 493-522.
- Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde* (14ª ed.). Hucitec.
- Miranda, A. C., Bertagna, R. H., & Freitas, L. C. (2019). Fatores que afetam o clima da escola: A visão dos professores. *Pro-Posições*, 30, e20160102.
- Morais, A. F., & Galiuzzi, M. C. (2016). *Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: Caminhos e desafios*. Artmed.
- Morais, Christopher. (2021). *A comunicação entre pais e escola: O que a tecnologia tem a ensinar?*
- O'keefe, D. J. (2002). *Persuasion: Theory and research*. Sage.
- Oliveira, A. C. (2021). *Parcerias escola-empresa na prevenção da violência escolar: Uma perspectiva de marketing social e responsabilidade social corporativa*. Paz e Educação.
- Oliveira, E. C. S. et al. (2007). Violência, sociedade e escola: Da recusa do diálogo à falência da palavra. *Psicologia & Sociedade*, 19(1), 90-98.
- Oliveira, M. (2023). *Mídias digitais e inclusão social: Estratégias para promover a coesão social*. Inclusão Digital.

- Oliveira, M. S. (2022). *Estratégias de marketing na prevenção da violência escolar: Conscientização e promoção de cultura de paz*. Socialmente Responsável.
- Olweus, D. (2021). *Bullying e violência escolar: Efeitos e estratégias de intervenção*. São Paulo: Editora GHI.
- Patton, M. (2015). *Qualitative research and evaluation methods* (4th ed.). Sage.
- Paula, N. (2021). *A importância de um ambiente escolar acolhedor: Veja 7 vantagens de investir*. Rubeus.
- Perloff, R. M. (1995). *The dynamics of persuasion: Communication and attitudes in the 21st Century*. Routledge.
- Pilati, A. S. (2020). *Educação, pobreza e desigualdade social: A iniciativa EPDS na Universidade de Brasília (2017-2018)*. Editora Universidade de Brasília.
- Pitano, S. C. (2014). Autoridade e liberdade no “mundo da escola”: Reflexões a partir da filosofia de Paulo Freire. *Educação em Perspectiva*, 5(1), 157-172.
- Porto, M. V. P. (2017). *Caminhos da liberdade em Foucault: Das relações de poder ao cuidado de si no processo de subjetivação*. Universidade Federal da Paraíba.
- Resende, J. M., Gouveia, L., Beirante, D., & Souza, L. F. (2021). Compor o reconhecimento: Explorar laços com os outros na escola. *Educ. Pesqui.*, 47, e238697.
- Rocha, A., & Silva, J. F. (2008). Inclusão social e marketing na base da pirâmide: Uma agenda de pesquisa. *RAE*, 7(2), art. 23.
- Santana, M. (2023). Da criança obediente ao adulto resignado: Precisamos repensar a educação baseada na obediência. *Quindim*.
- Santos, A. (2023). *A evolução do conceito de marketing social: Perspectivas e tendências*. Socialmente Responsável.
- Santos, D. O., & Souza, J. C. S. (2020). Educação como prevenção à violência. *Educação Pública*.
- Santos, J. V. T. (2001). A violência na escola: Conflitualidade social e ações civilizatórias. *Educação e Pesquisa*, 27(1), 105-122.
- Santos, S. S. (2015). *Do bullying ao cyberbullying: História e memórias escolares (1993- 2011)* [Universidade Federal da Paraíba].
- Sasso, M. A. S. (2021). *Cyberbullying em contextos educativos: Construindo estratégias para uma cultura da alteridade na Educação Profissional e Tecnológica* [Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha].
- Scheinvar, E., & Sávio, L. (2015). Violência escolar: Efeitos da normalização e da prática penal.

Revista Epos, 6(2).

- Senado Federal. (2016). Brincar é um direito garantido pela ONU e pela Constituição brasileira. *Senado Notícias*.
- Silva, C. T. A., & Arantes, T. T. (2021). A música e a dança como recurso pedagógico. *Revista Científica Multidisciplinar núcleo do Conhecimento*, 9(6), 15-33.
- Silva, F. (2022). Desafios e limitações da parceria escola-empresa na prevenção da violência escolar: Questões de equidade, transparência e alinhamento de objetivos. *Revista de Educação e Sociedade*.
- Silva, J. M. A. P., & Salles, L. M. F. (2010). A violência na escola: Abordagens teóricas e propostas de prevenção. *Educar em Revista*, (2), 217-232.
- Silva, L. L., Coelho, E. B. S., & Caponi, S. N. C. (2007). Violência silenciosa: Violência psicológica como condição da violência física doméstica. *Interface - Comunic, Saúde, Educ*, 11(21), 93-103.
- Silva, M. O. S. (2010). Pobreza, desigualdade e políticas públicas: Caracterizando e problematizando a realidade brasileira. *Rev. Katál.*, 13(2), 155-163.
- Silva, M. R. F., Ferreira, M. D. M., & Guimarães, S. J. (2017). *Questão social e políticas públicas na atualidade*. EDUFPI.
- Silva, R. F. A. (2020). Avaliação da aprendizagem escolar de acordo com a visão da psicopedagogia. *Educação Pública*.
- Silva, V. S. S. et al. (2021). Mentoria durante pandemia: um ambiente de acolhimento, pertencimento e humanização para primeiranistas. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 45(Sup. 1), e113.
- Smith, P. K. (2020). *Understanding school violence: Multidimensional perspectives*. New York: Academic Press.
- Soares, G. M. P. (2004). Responsabilidade social corporativa: Por uma boa causa!? *RAE*, 3(2), art. 23.
- Sousa, A. N. (2018). Monitoramento e avaliação na atenção básica no Brasil: A experiência recente e desafios para a sua consolidação. *Saúde Debate*, 42(1), 289-301.
- Sousa, A. S., Oliveira, G. S., & Alves, L. H. (2021). A pesquisa bibliográfica: Princípios fundamentais. *Cadernos da Fucamp*, 20(43), 64-83.
- Souza, J. (2022). A relação entre mídia e educação para a cidadania na promoção da inclusão social e coesão cultural. *Revista de educação intercultural*.
- Sposati, A. (1999). Exclusão social abaixo da linha do Equador. In M. P. B. Vêras, A. Sposati & L. Kowarick (Eds.), *O debate com Serge Paugan: Por uma sociologia da exclusão*

social (pp. 126-138). EDUC.

- Sposito, M. P. *Violência e escola: Os sentidos de alunos de escolas públicas*. UNESP, 2012. Tradução de Anamaria Cristina Schindler. (2011). Plural, Sociologia, USP, São Paulo, 3, 1º sem. *Violência nas escolas e políticas públicas*. UNESCO.
- Tragtenberg, M. (1985). Relações de poder na escola. *Lua Nova*, 1(4).
- Trevisan, A. L. (2022). Arquivos da violência na educação e suas mediações na linguagem e na memória. *Avaliação*, 27(2), 326-346.
- Unicef. (2023). *Bullying e violência escolar*. Unicef.
- Véras, M. P. B. (1999). Notas ainda preliminares sobre exclusão social, um problema brasileiro de 500 anos. In M. P. B. Véras, A. Sposati, & L. Kowarick (Eds.), *O debate com Serge Paugan Por uma sociologia da exclusão social* (pp. 13-48). EDUC.
- Vichessi, B. (2023). *Caminhos para promover a cultura de paz nas escolas*. Nova Escola.
- Vinha, T. (2023). *Ataques de violência extrema em escolas no Brasil – causas e caminhos*. Unicamp.
- Weiss, C. H. (1995). *Nothing as Practical as Good Theory: Exploring Theory-Based Evaluation*. In: *New Approaches to Evaluating Comprehensive Community Initiatives*. Aspen Institute.
- Zechi, J. A. M. (2014). *Educação em valores: Solução para a violência e a indisciplina na escola?* [Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho].

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, Gabriela Costa Maciel, aluna do curso de Mestrado em Administração – Gestão da Inovação do Centro Universitário Unihorizontes, estou desenvolvendo uma pesquisa que tem por objetivo investigar o papel do marketing social na prevenção, resolução e minimização de conflitos relacionados à violência escolar na Escola Estadual localizada na cidade de Esmeraldas - Minas Gerais, levando em consideração a Teoria do Marketing Social.

Assim, convido você a participar desta pesquisa. O procedimento adotado para a coleta de dados será a entrevista semiestruturada. Os depoimentos, com a sua autorização prévia, serão gravados e transcritos e ficarão em poder do (a) pesquisador(a). Eles serão destruídos ao término de cinco anos. Informo-lhe, ainda, que os dados obtidos serão mantidos em sigilo, assim como a sua privacidade e a garantia de anonimato. Os resultados da pesquisa serão utilizados apenas para fins científicos.

Comunico-lhe que não terá despesas decorrentes de sua participação na pesquisa. Você tem a liberdade de se recusar a participar ou de retirar o seu consentimento em qualquer momento ou fase do estudo.

Eu,

,
RG

fui orientado(a) sobre o estudo e afirmo meu consentimento em participar da atividade proposta pela (o) pesquisador (a) e autorizo a gravação da entrevista.

__de __de 20 .

Ass. do(a) entrevistado(a)

Ass. do(a) pesquisador(a)

Pesquisador(a) responsável:

Endereço:

Telefone:

Comitê de Ética em Pesquisa Centro Universitário

Unihorizontes Endereço: Rua Paracatu, 600

Bairro: Barro Preto

Belo Horizonte – Minas Gerais. CEP: 30.180-

090 Telefone: (31) 3349-2925

ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PROFESSORES DA ESCOLA

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PROFESSORES DA ESCOLA

Introdução

- a. Saudações e agradecimentos pelo tempo disponibilizado para a entrevista.
- b. Breve explicação sobre o propósito da entrevista e a importância da participação do entrevistado.

Informações Demográficas

- a. Qual é sua função na instituição escolar?
- b. Há quanto tempo trabalha nesta função na escola?
- c. Qual é a faixa etária e o nível de ensino dos alunos com os quais você trabalha?

Percepção sobre Violência Escolar

- a. Na sua visão, qual é a definição de violência escolar?
- b. Quais são as formas mais comuns de violência que você observa ou já observou nesta escola?
- c. Você acredita que a violência escolar tem aumentado, diminuído ou se mantido estável ao longo dos anos? Por quê?

Conhecimento sobre Estratégias de Prevenção e Resolução de Conflitos

- a. De que maneira você acredita que o conceito de marketing social pode ser integrado nas estratégias de prevenção e resolução de conflitos escolares?
- b. Poderia discutir como essa integração poderia impactar a dinâmica escolar e a relação entre alunos, professores e a comunidade?
- c. Quais estratégias de marketing você observa sendo implementada nesta escola para lidar com questões de violência e conflito?
- d. Na sua opinião, quais são os pontos fortes e fracos dessas estratégias?

Experiências Pessoais e Percepções

- a. Você já participou ou liderou iniciativas relacionadas à prevenção de violência escolar ou à promoção de uma cultura de paz? Se sim, quais foram os resultados?
- b. Como você percebe a receptividade dos alunos em relação às estratégias de prevenção de violência adotadas pela escola?
- c. Que mudanças você gostaria de ver na abordagem da escola em relação à prevenção e resolução de conflitos?

Desafios e Oportunidades

- a. Quais são os principais desafios enfrentados pela escola na promoção de uma cultura de paz?
- b. Você identifica alguma oportunidade não explorada para melhorar a eficácia das estratégias de prevenção e resolução de conflitos?
- c. Como você acredita que a comunidade escolar como um todo pode contribuir para construir um ambiente mais pacífico e seguro?

Encerramento

- a. Alguma informação adicional que você gostaria de compartilhar sobre o tema?
- b. Agradeço novamente pela sua participação e disponibilidade.
- c. Informações sobre a confidencialidade dos dados e como o entrevistado pode contatar caso haja necessidade de mais esclarecimentos.

ANEXO C – OBJETIVOS, QUESTÕES DO ROTEIRO E AUTORES

Objetivos	Questões do roteiro	AUTORES
Analisar as dinâmicas de violência escolar e suas causas, considerando diferentes perspectivas teóricas, incluindo as contribuições da Teoria do Marketing Social	Na sua visão, qual é a definição de violência escolar? Quais são as formas mais comuns de violência que você observa ou já observou nesta escola?	Barbosa (2015);
Identificar estratégias eficazes de marketing social utilizadas em iniciativas de prevenção da violência escolar e na promoção de uma cultura de paz.	Quais estratégias de marketing você observa sendo implantadas nesta escola para lidar com questões de violência e conflito?	Silva (2022) Sposito (2012)
Avaliar a percepção e o impacto dessas estratégias na conscientização sobre a violência escolar e na promoção de comportamentos positivos entre os alunos.	Qual é a importância da participação dos alunos nas iniciativas de promoção da cultura de paz na escola?	Silva (2022); Oliveira (2022)
Propor recomendações práticas para professores e formuladores de políticas educacionais sobre como integrar o marketing na promoção de uma cultura de paz e na prevenção da violência escolar.	Como você acredita que a comunidade escolar como um todo pode contribuir para construir um ambiente mais pacífico e seguro?	Silva (2022) Sposito (2012) Funk (2019)